



Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Centro de Humanidades - Unidade Acadêmica de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPGCS

**ESPETACULARIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO NAS MATÉRIAS SOBRE
CRIMES/CRIMINALIDADE PUBLICADAS NO *DIÁRIO DA
BORBOREMA*(Campina Grande/PB): uma Análise de Conteúdo referente ao
período de junho a novembro de 2009**

CAMPINA GRANDE

2011

**ESPETACULARIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO NAS MATÉRIAS SOBRE
CRIMES/CRIMINALIDADE PUBLICADAS NO *DIÁRIO DA
BORBOREMA*(Campina Grande/PB): uma Análise de Conteúdo referente ao
período de junho a novembro de 2009**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais da Universidade Federal de Campina
Grande – UFCG como requisito parcial para a
obtenção do título de mestre.

CAROLINA DE MOURA C. PONTES

Orientador: Lemuel Dourado Guerra

CAMPINA GRANDE
2011

DIGITALIZAÇÃO:

SISTEMOTECA - UFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

P814e Pontes, Carolina de Moura Cordeiro.
Espetacularização e estigmatização nas matérias sobre crimes/
criminalidade publicadas no Diário da Borborema (Campina Grande/PB):
uma análise de conteúdo referente ao período de junho a novembro de 2009/
Carolina de Moura Cordeiro Pontes. - Campina Grande, 2011.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal
de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho.

Referências.

1. Sociologia da Cultura. 2. Representações Midiáticas do Crime.
3. Estigma. 4. Espetacularização do Crime. I. Título.

CDU 316.7:070.16 (043)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TÍTULO: **ESPETACULARIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO NAS MATÉRIAS
SOBRE CRIMES/CRIMINALIDADE PUBLICADAS NO *DIÁRIO
DA BORBOREMA*(Campina Grande/PB): uma Análise de Conteúdo
referente ao período de junho a novembro de 2009**

AUTORA: CAROLINA DE MOURA CORDEIRO PONTES

ORIENTADOR: LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho (PPGCS-UFCG)
Orientador

Prof.^ª Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima (PPGCS-UFCG)
Examinadora interna

Prof. Dr. Felix Araújo Neto (UEPB)
Examinador externo

Prof. Dra. Sandra Raquew dos Santos Azevedo (PPGCS-FCG)
Examinadora interna suplente

Prof. Dr. Ivontônio Gomes Viana (UEPB)
Examinador externo suplente

AGRADECIMENTOS PARTE 1

Poema de Gratidão

Senhor, muito obrigado, pelo que me deste, pelo que me dás!

pelo ar, pelo pão, pela paz!

Muito obrigado, pela beleza que meus olhos vêem no altar da natureza.

Olhos que contemplam o céu cor de anil, e se detêm na terra verde, salpicada de flores em tonalidades mil!

Pela minha faculdade de ver, pelos cegos eu quero interceder, por aqueles que vivem na escuridão e tropeçam na multidão, por eles eu oro e a Ti imploro comiseração, pois eu sei que depois dessa vida, numa outra vida, eles enxergarão!

Senhor, muito obrigado pelos ouvidos meus.

Ouvidos que ouvem o tamborilar da chuva no telheiro, a melodia do vento nos ramos do salgueiro, a dor e as lágrimas que escorrem no rosto do mundo inteiro.

Ouvidos que ouvem a música do povo, que desce do morro na praça a cantar.

A melodia dos imortais que a gente ouve uma vez e não se esquece nunca mais.

Diante de minha capacidade de ouvir.

pelos surdos eu te quero pedir, pois eu sei, que depois desta dor, no teu reino de amor, eles voltarão a ouvir!

Muito obrigado Senhor, pela minha voz!

Mas também pela voz que canta, que ensina, que consola.

Pela voz que com emoção, profere uma sentida oração!

Pela minha capacidade de falar, pelos mudos eu Te quero rogar, pois eu sei que depois desta dor, no teu reino de amor, eles também cantarão!

Muito obrigado Senhor, pelas minhas mãos, mas também pelas mãos que aram, que semeiam, que agasalham.

Mãos de caridade, de solidariedade. Mãos que apertam mãos.

Mãos de poesias, de cirurgias, de sinfonias, de psicografias, mãos que numa noite fria, cuida ou lava louça numa pia.

Mãos que a beira de uma sepultura, abraça alguém com ternura, num momento de amargura.

Mãos que no seio, agasalham o filho de um corpo alheio, sem receio.

E meus pés que me levam a caminhar, sem reclamar.

Porque eu vejo na Terra amputados, deformados, aleijados...e eu posso bailar!!...

Por eles eu oro, e a ti imploro, porque eu sei que depois dessa expiação, numa outra situação, eles também bailarão.

Por fim Senhor, muito obrigado pelo meu lar!

Pois é tão maravilhoso ter um lar...

Não importa se este lar é uma mansão, um ninho, uma casa no caminho, um bangalô, seja lá o que for!

O importante é que dentro dele exista a presença da harmonia e do amor!

O amor de mãe, de pai, de irmão, de uma companheira...

De alguém que nos dê a mão, nem que seja a presença de um cão, porque é tão doloroso viver na solidão!

Mas se eu ninguém tiver, nem um teto para me agasalhar, uma cama para eu deitar, um ombro para eu chorar, ou alguém para desabafar..., não reclamarei, não lastimarei, nem blasfemarei.

Porque eu tenho a Ti!

Então muito obrigado porque eu nasci!

E pelo teu amor, teu sacrifício, tua paixão por nós,

Muito obrigado Senhor!

Amélia Rodrigues¹

¹ RODRIGUES, Amélia. **Poema de Gratidão**. Psicografia do Médiun Divaldo Franco. Versão eletrônica disponível em <http://www.recantodasletras.com.br/oracoes/733510>. acesso em 28.08.2011

AGRADECIMENTOS PARTE 2

A Iracy, Silvana e Cristina, por tudo;

A Edésio, pela inabalável fé em mim;

A Desirée, por ter me denunciado a mim mesma;

A Cassandra, por ter me revelado novas cores e contornos do mundo;

A Adalberto por me proporcionar o cheiro e brisa do mar, fatores que tornaram possível o desenvolvimento e a conclusão deste trabalho;

A Silvia Renata que me confidenciou o quão encantado e sedutor seria o mundo da pesquisa em nível de Mestrado;

A Danilo, pela amizade;

A Fabiana, pela cumplicidade e parceria afim;

Ao Professor Lemuel Guerra, carinhoso orientador, por ter acreditado na minha proposta de pesquisa, desde o início e pelo incentivo nos momentos em que prosseguir parecia uma utopia;

A Professora Elizabeth Cristina, exemplo perfeito de competência e humildade, por ter me dado tanto em troca de tão pouco;

A Canrobert Rodrigues, em um momento, e a Daniella Vicunna, em outro, pela sensibilidade em minorar os obstáculos para a conclusão desta pesquisa.

A atitude do público a respeito dos protagonistas do drama penal é a mesma que tinha há um tempo a multidão diante dos gladiadores que combatiam no circo.

Francesco Carnelluti (2006, p.6)

A cultura nos satisfaz se temos paciência para compreendê-la. Decifrá-la exige maturidade. Os meios de comunicação nos satisfazem porque nada nos pedem, senão que permaneçamos para sempre infantis.

Marilena Chauí (2006, p.53)

RESUMO

Este estudo focaliza as maneiras pelas quais fatos classificados como criminosos são apresentados na imprensa escrita. Especificamente, analisamos *um corpus* constituído pelas notícias sobre crimes publicadas no Diário da Borborema (Campina Grande-PB), entre os períodos de junho a novembro de 2009. A perspectiva teórica se apóia na discussão sobre a função pedagógica da publicização de crimes e de suas punições, inspirada por Foucault, em “Vigiar e punir” e no debate sobre os processos sociais de estigmatização, feito por Goffman. A metodologia utilizada é a Análise de Conteúdo, pressupondo uma abordagem que junta o enfoque quantitativo e o qualitativo. Dentre as conclusões mais significativas deste estudo estão as seguintes: Nossa análise de conteúdo de um *corpus* constituído pelas matérias sobre crimes e criminalidade publicadas no Diário da Borborema (Campina Grande-PB), no período de junho a novembro de 2009, corroborou o que aponta a literatura pertinente sobre a associação midiática entre pobreza e criminalidade (*cf.* MISSE, 1995; SOARES, 2010) construída através tanto do maior número de matérias que descrevem os indivíduos criminosos como *pobres*, se comparadas com aquelas que descrevem os criminosos como ricos, quanto pelo espaço dedicado aos crimes cometidos por indivíduos das camadas populares e para aqueles cometidos por sujeitos das camadas superiores. Também observamos as diferenças na linguagem utilizada nas matérias em que se noticiaram crimes cometidos por indivíduos das diferentes classes sociais.

Palavras-chave: Representações Midiáticas do Crime; Estigma; Espetacularização do crime.

ABSTRACT

This work focuses generally on ways by which facts classified as criminal are presented in the Press. We analyze specifically a *corpus* constituted by news about crimes as published in the *Diário da Borborema* (Campina Grande-Paraíba), during the period of June-November/2009. The theoretical perspective is based in the discussion done by Foucault on social functions of showing crimes and their punition on *media* presented in *Discipline and Punish* and in the debate on social stigmatization processes done by Goffman. The methodology we used was inspired on Content Analysis, which put together the quantitative and qualitative approaches. The main outputs of this work are the following: The Content Analysis we carried out based on a *corpus* constituted by news about crimes and criminality published in the *Diário da Borborema* (Campina Grande-Paraíba), from June until November/2009, has confirmed what is established in the specialized literature on the association between poverty and criminality (cf. MISSE, 1995; SOARES, 2010), which has been built through a bigger ammount of news that describe the criminals as poor people than those which describe them as rich people, and the space devoted to crimes committed by poor than for those committed by individuals from the upper classes. We also observed differences in the language used in the subjects who reported crimes committed by individuals from different social classes

Key words: Media Representation of Crime; Stigma; Crime Spetacularization.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Natureza dos Crimes.....	154
Tabela 2 – Crimes Noticiados.....	154
Tabela 3 – Estratégias de Punição.....	154
Tabela 4 – Referência a Policiais.....	154
Tabela 5 – Notícias em número por dia da semana.....	155
Tabela 6 – Identificação da Vítima.....	155
Tabela 7 – Elementos identificadores da vítima (gênero e idade)	155
Tabela 8 - Elementos identificadores da vítima (profissão)	155
Tabela 09 - Elementos identificadores da vítima (residência-bairro)	156
Tabela 10 – Identificação do Acusado.....	157
Tabela 11 – Elementos de identificação do acusado (gênero e idade)	157
Tabela 12 – Elementos de identificação do acusado (profissão)	157
Tabela 13 – Elementos de identificação do acusado (residência-bairro)	157
Tabela 14 – Identidade Social Real X Identidade Social Virtual.....	92
Tabela 15 – Ocorrência de Palavras Referentes aos Personagens Envolvidos.....	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Número de Notícias Sobre Crime e Criminalidade (período 01-06).....	100
Gráfico 02 – Natureza dos Crimes (período 01-06).....	101
Gráfico 03 – Crime mais noticiados (período 01-06)	101
Gráfico 04 – Notícias referentes a uso e tráfico de entorpecentes (período 01-06).....	102
Gráfico 05 – Notícias referentes a crime de roubo (período 01-06).....	102
Gráfico 06 – Estratégias de Punição referidas nas notícias (período 01-06).....	103
Gráfico 07 – Referência a policiais.....	105
Gráfico 08 – Gênero das Vítimas Identificadas (período 01-06).....	107
Gráfico 09 – Gênero dos Acusados Identificados (período 01-06).....	107
Gráfico 10 – Idade das Vítimas Identificadas (período 01-06).....	108
Gráfico 11 – Idade dos Acusados Identificados (período 01-06).....	108
Gráfico 12 – Profissão das Vítimas (período 01-06).....	109
Gráfico 13 – Residência (bairro) das Vítimas (período 01-06).....	109
Gráfico 14 – Residência (bairro) dos acusados (período 01-06).....	110
Gráfico 15 – Ocupação (profissão) dos acusados (período 01-06).....	112
Gráfico 16 – Frequência de notícias por dia da semana (período 01-06).....	113

SUMÁRIO

Considerações iniciais	12
Revisão de Literatura.....	18
CAPÍTULO 1	
ENTÃO ERA O CRIME...E SURTIU A MÍDIA.....	22
1.1. Crime.....	23
1.1.1 Visão na Sociologia e na Criminologia.....	24
1.1.2 Fluidez do Conceito.....	25
1.2 Mídia.....	31
1.2.1 Digressão Histórica sobre a Mídia.....	42
1.2.2 Da notícia-notícia à notícia-empresa.....	44
1.3 Mídia e Crime.....	48
1.3.1 Teoria da Disciplina e do Medo Coletivo.....	50
CAPÍTULO 2	
CONTROLE-PROPAGANDA, ESPETÁCULO E ESTIGMA: UM POUCO DA TRÍADE FOUCAULT-RUBIM-GOFFMAN.....	60
2.1 A Divulgação-Espectáculo do Crime e das Eventuais Punições.....	60
2.2 Produção de Discursos e Estigmas.....	68
CAPÍTULO 3	
ANÁLISE DE CONTEÚDO ENQUANTO SCRIPT METODOLÓGICO: ETAPAS, DEFINIÇÕES E JUSTIFICATIVAS.....	82
3.1 Etapas do Método.....	84
3.2 Praticando o Método.....	85
3.3 Análise de Conteúdo Categorial-Temática.....	90
3.3.1 Natureza do Crime Noticiado: Crimes Violentos e Não-Violentos.....	91
3.3.2 Estratégias de Punição.....	94
3.3.3 Referência a Policiais.....	96
3.3.4 Identificação do Crime, da Vítima e do Acusado.....	97
CAPÍTULO 4	
O QUE MAIS DIZEM OS DADOS?.....	100
4.1 Análise Quantitativa dos Dados.....	100
4.1.1 Natureza dos Crimes e Crimes Mais Noticiados.....	101
4.1.2 Estratégias de Punição e Referência a Policiais.....	103
4.1.3 Elementos identificadores de vítima e acusados.....	106
4.1.4 Existência e Frequência de Notícias por dia da Semana.....	111

4.2 Análise Qualitativa dos Dados.....	112
4.2.1 O Espetáculo.....	113
4.2.2 Processos de Estigmatização.....	132
Considerações Finais.....	143
Referências Bibliográficas.....	148

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Minha estória com o objeto da pesquisa que resultou nesta dissertação começa mais remotamente na graduação em Direito. Em geral, o estudante de Direito deslumbra-se com a disciplina de Direito Penal. Todo aquele vocabulário com o qual entramos em contato em filmes, na imprensa, em livros que tematizam o *modus operandis* do sistema judiciário, incluindo termos tais como *legítima defesa*, *crime culposo* e *doloso* – é, durante a formação acadêmica, revelado e objetivado, possibilitando a passagem de mero leigo a especialista.

Talvez por questões que a Psicologia explica, somos seduzidos pelo crime e por tudo que o rodeia. Quem sabe o mistério, quem sabe o suspense, quem sabe o regozijo em descobrir qual é o culpado. O fato é que somos todos um pouco Juizes dos erros dos outros.

Assim, fascinados por compreender os meandros do crime, éramos imersos em longas pilhas de processos criminais. Deles, deveríamos retirar intenções do criminoso, comportamento da vítima, indícios da veracidade ou falsidade dos depoimentos das testemunhas e julgamentos sobre a suficiência de provas para a condenação.

Estagiando nos Tribunais, Escritórios de Advocacias e Sedes de Promotorias de Justiça, éramos instados a dar celeridade aos volumosos procedimentos que se acumulam. Devíamos dominar as técnicas dialéticas para condenar e absolver, aprimorando-nos, para em breve, por mérito, ocupar as cadeiras de Juizes e/ou Promotores de Justiça (carreiras jurídicas mais valorizadas).

Para o acadêmico médio de Direito, presídios e delegacias são ambientes *distantes*, *insalubres*, *violentos* e *corruptos*. Sequer, salvo raras exceções no país, existe convênio para estágios entre Governo dos Estados (Secretaria de Segurança e Administração Penitenciária) e

Faculdades de Direito. A polícia, como já comprovado em pesquisa, é vista com extrema desconfiança pela sociedade¹.

Entretanto, as mudanças no mercado de trabalho (cf. TOMACHSKI, 2011), na última década, impulsionaram a crença de que êxito em seleção de concursos públicos garante estabilidade e bons salários. Vencidos pelo argumento do capital, os acadêmicos (e bacharéis) de direito passaram a preencher e assumir funções antes menosprezadas no meio jurídico (e social): Delegado², Escrivão e Agente de Investigação (Polícia Civil e Polícia Federal) e Agentes Penitenciários (Governo Federal e Governos Estaduais).

Aprovados nesses concursos, nós, os bacharéis e acadêmicos alcançamos a promessa da segurança e razoável remuneração. Contudo, a realidade do exercício profissional revelou que o aprendido nas disciplinas acadêmicas teria pouca ou nenhuma valia. É assim que começa a primeira parte mais próxima da nossa estória **com o objeto** desta pesquisa.

O crime não era só aquele emaranhado de fases preparatórias e executórias, contra o qual uma pena ideal deveria ser aplicada. O crime era um fato social, norteador de mazelas morais que as paredes suntuosas dos tribunais, procuradorias e escritórios de advocacia não revelavam. Era um universo completamente novo, a ser descortinado.

Entre as crenças conhecidas, após certo período da nossa experiência profissional, confirmou-se a de que as Delegacias, em geral, eram muito mais procuradas e frequentadas pelas pessoas pertencentes às camadas menos favorecidas do que pelas classes mais favorecidas.

¹ Pesquisa (do Instituto de Pesquisa de Economia Aplicada) mostra que grau de confiança na polícia é baixo. Em 02.12.2010. Disponível em

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6434:nove-em-cada-dez-brasileiros-tem-medo-de-assassinato-&catid=4:presidencia&Itemid=2; Acesso em 19.07.2011

² Só no ano de 2009, foram oferecidas, pelo país, 669 (seiscentos e sessenta e nove) vagas, distribuídas nos seguintes Estados: Rondônia-65 vagas; Distrito Federal-57 vagas; Piauí-30 vagas; Rio de Janeiro – 150 vagas; Pará-50 vagas; Mato Grosso do Sul – 60 vagas; Amazonas- 100 vagas e Rio Grande do Sul – 157 vagas. Informações disponíveis no site concursos jurídicos. Disponível em http://www.concursosjuridicos.com.br/concursos/andam_policia.asp. Acesso em 18.07.2011.

Vítimas de toda espécie de violência - habitação precária, ausência de assistência educacional e de saúde, dentre outras - essas pessoas procuravam a última, para não dizer a única, instância institucional nas quais poderiam procurar soluções para problemas relacionados a drogas, assassinatos, lesões corporais e abusos sexuais, dentre outros desse tipo.

Também, no passar dos anos da experiência profissional, ratificou-se a opinião vulgar de que os fatos ocorridos no interior das delegacias quase não interessam às camadas mais favorecidas da sociedade. Para os Juízes e Promotores, segundo nossa sensação, interessa a lisura e honestidade da investigação, independente dos problemas sociais em cujo contexto os seus objetos e constituíam.

Contudo, afora as pessoas acima citadas, uma categoria, em especial, interessava-se, diuturnamente, pelos crimes ocorridos e comunicados às unidades policiais. Eram os jornalistas, assíduos frequentadores da Central e Distritos Policiais. Presentes antes, durante e depois dos plantões, esses profissionais se apropriavam dos relatórios diários e alimentavam as redações de rádio, portais da internet, jornais e telejornais, especializados ou não em notícias “policiais”.

Chamou nossa atenção o fato de que a presença constante dos jornalistas ao invés de constranger as partes envolvidas na ocorrência, imprimia-lhes um sentimento de notoriedade e “honradez”. A imprensa estava ali *por elas*. Elas, enfim, iriam aparecer na televisão e jornais, quase sempre num contexto em que se expressava um desejo coletivo por mais e piores penas.

E é assim que começa a segunda parte da nossa **estória com o objeto** desta pesquisa.

Inquieta pelo tratamento que a sociedade dava aos criminosos (desejo de longas e severas penas-prisão, quando o sistema oferece uma gama de penas alternativas, seguindo projeto de *humanização* das penas) e pela forma como os jornalistas divulgavam a notícia, iniciei o projeto de monografia no Curso de Especialização em Ciências Criminais da Faculdade do Sul de Santa Catarina.

Nela, desenvolvi estudos acerca do *Direito Penal do Inimigo*, famosa teoria jurídica que apregoa mais e piores penas (inclusive morte) ao criminoso, a partir de conceitos vagos de periculosidade. Na pesquisa, durante a especialização, vimos que esta teoria, para se consolidar, utilizava a técnica denominada de *völkisch* (ou popularesca), a qual “consiste em alimentar e reforçar os piores preconceitos para estimular publicamente a identificação do inimigo da vez” (ZAFFARONI, 2007, p.57). E como essa propaganda era divulgada?

Sua técnica responde a uma pesquisa de mercado, que vende o poder punitivo como mercadoria. Na medida em que se verifica o êxito comercial da promoção emocional dos impulsos vingativos, ela é aperfeiçoada. Os serviços de notícia e os formadores de opinião são encarregados de difundir esse discurso. (ZAFFARONI, 2007, p.75)

Assim, com essa monografia, defendida em março de 2008, concluímos que havia uma relação entre a forma-publicação das notícias criminosas e o desejo da sociedade por penas mais severas. Uma outra dúvida que tínhamos então era se a o público consumidor das diversas mídias determinava a produção desses discursos ou era a mídia quem *produzia* na sociedade o anseio por penas mais severas.

Com esse problema e pensando em utilizar a metodologia da análise de discurso, elaboramos projeto de dissertação para este programa de pós-graduação em Ciências Sociais, sendo depois modificado e ganhando os contornos que passo a descrever.

Ao invés de estudar a recepção (e possíveis influências) dos discursos midiáticos sobre a sociedade (que demandaria mais tempo do que o curso prevê para a produção de uma dissertação), optamos em centralizar o estudo na análise do conteúdo da produção dos discursos midiáticos a respeito de crimes, mais especificamente os publicados em jornais, procurando delinear os elementos que caracterizam os o vocabulário e a sintaxe em cujo âmbito as matérias são produzidas e eventuais processos de estigmatização dos indivíduos descritos como *criminosos*.

Em termos de metodologia, escolhemos a *análise de conteúdo*, definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2010, p.33), como uma “categoria de

procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social” (BAUER & GASKELL, 2007, p.191).

É uma metodologia utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de variada classe de documentos e textos, incluindo notícias de jornais. O método, através de descrições sistemáticas quantitativas e qualitativas, demonstra ser apropriada para nossos objetivos de pesquisa, inclusive por permitir uma (re)interpretação que vai além da leitura comum (MORAES, 1999).

A *Análise de Conteúdo* (AC) visa o conhecimento de “variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, dentre outras, por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma **amostra de mensagens particulares**” (BARDIN, 2010, p.33).

No caso da nossa pesquisa essa “amostra de mensagens” foi constituída a partir da realização do que na AC é denominado de *leituras flutuantes*, nos mais diversificados jornais do país. Diante da necessidade da constituição de um *corpus* (BARDIN, 2010, p.122), decidimos analisar seis meses de notícias veiculadas nos exemplares diários, mais precisamente na versão do portal eletrônico na internet do Jornal *Diário da Borborema*³ (www.diariodaborborema.com.br).

Nosso estudo cobriu o período de 06 (seis) meses de publicação da mídia impressa referida, sendo analisadas as notícias/matérias acerca de crimes/criminalidade referentes à cidade de Campina Grande-PB.

Coletados os dados, o *corpus* ficou assim constituído:

Junho/2009	25 notícias
Julho/2009	41 notícias
Agosto/2009	38 notícias
Setembro/2009	56 notícias
Outubro/2009	69 notícias
Novembro/2009	50 notícias
Total	279 notícias

³ A partir de julho de 2011, o acesso ao portal ficou restrito aos assinantes.

Seguindo o método de organização da análise, após a leitura flutuante, formulamos uma questão **principal**: *Como os discursos do referido jornal retratam o crime/a criminalidade?* E como questões secundárias:

(1) as maneiras de falar sobre o crime e a criminalidade apresentam alguma relação com a hierarquização social envolvente?

(2) quais as características do estilo de produção dos textos das matérias que tematiza o crime e a criminalidade - imperativo, sensacionalista, estigmatizante, ou utiliza um tom neutro e imparcial?

(3) existiria uma hierarquização dos crimes, subjacente à produção do jornal analisado sobre a temática? Os indivíduos classificados como criminosos são tratados de maneira imparcial ou haveria um tratamento diferenciado, levando-se em conta sua localização social?

Como inspirações teóricas, temos a contribuição de Foucault, especialmente aquele da obra **Vigiar e punir** (2004), na qual analisa as transformações nas estratégias, sistemas de julgamento e punição de ações criminosas e dos criminosos ao longo da história da humanidade e o papel da imprensa e a polícia, as quais no quadro da modernidade, exercem tarefas de vigilância, divulgação pedagógica (pra produzir a obediência à lei) e cumprimento dos procedimentos legais estabelecidos (cf. BRISSOT, 1781, *apud* FOUCAULT, 2004, p.192).

Como base teórica incidental, adotamos o ponto de vista de Rubim (2002), segundo quem a mídia é uma *arena de espetáculos*, na qual são desenvolvidas estratégias para tornar fatos sociais esse espetáculo atrativo e vendável. Na nossa concepção o crime é definido pela mídia como uma mercadoria como qualquer outra, o que justifica o uso da chave de análise desse autor.

Também a partir da ideia da imprensa como um palco onde o crime é espetacularizado, somos levados a refletir sobre a possibilidade de nos textos e discursos aí veiculados serem produzidos e reproduzidos processos de desqualificação de certos indivíduos, de estigmatização de certas

características definidas como negativas em nossa cultura/sociedade envolvente. Nessa parte, utilizamos Goffman (1998), em sua teorização em torno do *estigma* e dos *estigmatizados*.

Revisão da literatura

Acerca da temática desse nosso trabalho de dissertação, alguns trabalhos merecem ser comentados. Melo (2010), analisou as notícias do Jornal do Commercio (PE) e O Globo (RJ), referentes ao crime, de forte repercussão midiática, que vitimou João Hélio, ocorrido no rio de janeiro em 2007⁴. Diferente do nosso trabalho, a metodologia aqui utilizada se relaciona com o campo do jornalismo, intitulada *agenda-setting* e a perspectiva teórica foi a Sociologia Cultural de Jeffrey Alexander.

A autora trabalhou o medo e o trauma como elementos importantes do imaginário e da cultura no Brasil. Uma contribuição interessante dessa leitura para nossa abordagem foi a descrição dos mecanismos intencionais e não-intencionais de produção da notícia sobre o crime violento na imprensa escrita (impresa e eletrônica).

Fazendo uso da metodologia da Análise de Conteúdo, Valente (2009) analisou notícias de jornais portugueses, tomando como *corpus* o material colhido no Correio da Manhã e no Diário de Notícias, publicado durante o mês de agosto de 2008, no qual a imprensa Portuguesa dizia ser a sociedade portuguesa vítima de uma incontrolável onda de criminalidade

Optando por uma análise exclusivamente quantitativa, Valente (2009, p.4), utilizando-se de quádrupla perspectiva teórica quádrupla, a saber: McLuhan (2008); Ramos (1996); Sieghale (1868-1913); e Le Bon (1915), analisou o conteúdo das notícias sobre crimes violentos retratados na

⁴ Num roubo a um carro de passeio, o filho da motorista-vítima, um garoto de seis anos, ficou preso pelo cinto de segurança e foi arrastado durante 07 km pelas ruas do Rio de Janeiro, vindo a óbito. Resumo retirado do Jornal correiobraziliense. Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/02/19/interna_brasil,174552/index.shtml. Acesso em 19.07.2011.

imprensa, em termos quantitativos, comparando semelhanças e diferenças entre os dois periódicos Citados.

Certamente que a análise quantitativa, conforme veremos no capítulo 2, é mais objetiva, com menor margem para erro. Contudo, este tipo de análise quando feita de forma isolada limita o pesquisador ao resultado dos números, quando sabemos que significantes e significados, presentes no conteúdo, podem ser interpretados, traduzindo mensagens não explícitas. Assim, nesta pesquisa optaremos por tentar combinar a análise quantitativa com uma análise qualitativa.

A despeito das discordâncias expostas, um dos objetivos da pesquisa de Valente (*idem*) nos interessa diretamente: refletir em que medida a comunicação social constrói representações dos crimes, contribuindo para a naturalização e mais aceitação de certos crimes e para a produção do *medo de determinados crimes*.

A dissertação de Moreira (2006) – “Os valores-notícias do jornalismo impresso: análise das características substantivas das notícias dos jornais folha de São Paulo, o Estado de São Paulo e o Globo” – apesar de não ter, diretamente, tratado do objeto de nossa pesquisa, nos auxiliou no desenvolvimento de alguns temas a serem usados na nossa análise categorial-temática.

Durante a pesquisa, Moreira (*idem*, p.138) esmiúça, através da perspectiva teórica de Gomis (1991) a respeito de como se produz o presente, a seleção e o conceito de notícia, concluiu que alguns dos valores-notícias se relacionam mais com a amplitude, impacto, conseqüência e gravidade do fato do que, por exemplo, com a notoriedade de determinadas pessoas.

A violência, para a surpresa da própria pesquisadora, não aparecia com percentuais notáveis na capa dos três jornais por ela analisados, mas ao analisar o conteúdo no interior desses jornais, o resultado foi diferente. Consideramos que um problema da abordagem dessa autora foi não levar em consideração os tipos de jornais analisados, ou seja, a que tipo de públicos eles eram dirigidos. Tentamos não incidir no mesmo erro.

Outros dois trabalhos nos interessam indiretamente. A dissertação de Wandscheer (2008) na qual foram analisados, como fazemos aqui, textos inteiros de notícias jornalísticas referentes, contudo, à criminalidade organizada, e o de Correia (2007), que focalizou notícias sobre crimes, publicadas nos dois maiores jornais impressos de Natal-RN: *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte*, abordando um aspecto que nos será necessário quando tratarmos da espetacularização da notícia: o sensacionalismo. Correia (*idem*), entretanto, opta, assim como Moreira (*idem*), por uma análise comparativa entre os jornais citados, concluindo ser um dos jornais *mais sensacionalista* que o outro.

Ainda a respeito dos modos pelos quais o crime é noticiado, temos o trabalho intitulado “Crime e Mídia” (PAIVA & RAMOS – eds., 2007), no qual são apresentados os resultados da análise de matérias sobre o tema publicadas durante três anos, por pesquisadores do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), através de entrevistas com repórteres e editores dos principais veículos de comunicação do país. Os resultados se basearam na análise de mais de 5.000 (cinco mil) notícias recolhidas em periódicos impressos de todo o país, sob a coordenação de Sílvia Paiva e Anabela Ramos (2007).

Foram três anos de pesquisas sobre a produção diária de jornais e de entrevistas com 90 jornalistas e especialistas em segurança pública. A todos foram feitas duas perguntas centrais: como os jornais cobrem violência, segurança pública, crime e polícia? Como é possível melhorar essa cobertura? (PAIVA & RAMOS, 2007, p.14).

A metodologia foi a combinação de ferramentas de investigação jornalística (pesquisas de textos e entrevistas com fontes-chave) e ferramentas das ciências sociais (pesquisas quantitativas com metodologia científica sobre produção dos jornais e encontros e debates para a produção de análise (*idem*, p.15). Para nós, interessou as respostas dadas à primeira pergunta - *como os jornais cobrem violência, segurança pública, crime e polícia?*

Nossa abordagem também parte da idéia de analisar um *corpus* formado de notícias sobre crime e criminalidade publicadas em um periódico diário impresso de Campina Grande, usando a metodologia da AC, com o objetivo de descrever suas principais características e indo mais além, na medida em que pensamos em colocá-las em referência a duas discussões sociológicas: uma, sobre as funções de controle social das notícias sobre os temas mencionados, mediadas pelo estilo sensacionalista e espetacularizante [com base na contribuição foucaultiana (2004) e de Rubim(2002)]; e a sua eventual contribuição em processos de estigmatização de gênero e de classe (com base em GOFFMAN, 1998).

A nossa dissertação, se organiza do seguinte modo: no capítulo 1 – apresentamos noções preliminares acerca do crime e da mídia, com o objetivo de familiarizar o leitor com conceitos e discussões a que se referem nossa abordagem das notícias sobre o crime e a criminalidade publicadas em jornais impressos; no capítulo 2, detalhamos os procedimentos metodológicos seguidos; no capítulo 3, apresentamos nossas inspirações teóricas em sua contribuição para a construção do nosso objeto, de nossa maneira de abordar a produção de notícias sobre o crime e a criminalidade em jornais impressos; No capítulo 4, apresentamos uma retomada da análise de dados feita ao longo do trabalho nas duas vertentes aqui seguidas: qualitativa e quantitativa, colocando à disposição do leitor mais detalhes e representações gráficas comentadas. Para fechar o texto, apresentamos as considerações finais e as referências utilizadas.

CAPÍTULO 1

ENTÃO ERA O CRIME...E SURTIU A MÍDIA

No final do século XIX, Durkheim (2008, p.66) já anunciava a inexistência de uma sociedade que não fosse acometida do fenômeno da criminalidade. Atualmente, em paralelo às inovações tecnológicas, descobertas científicas fármaco-médicas e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, nas sociedades contemporâneas a criminalidade continua sendo um problema a ser enfrentado.

Ao longo do século XX, as instituições jornalístico-publicitárias se cristalizaram em complexos com grande poder social, transmitindo crenças, valores e ideias que geram ampla aceitação social. As notícias divulgadas tornam-se, em certa medida, a própria *realidade*.

Em geral, os órgãos da mídia têm como funções explícitas observar o entorno, assegurar a comunicação social, fornecer uma imagem do mundo, transmitir a cultura, contribuir para a felicidade (divertir) e fazer comprar (BERTRAND, 1999, pp.36-38). Na “observação do entorno”, inclui-se, como interesse da sociedade, a informação relativa aos lugares, às maneiras, as taxas de ocorrência de crimes, bem como às punições eventualmente impostas pelos respectivos sistemas judiciais.

Mesmo uma observação assistemática dos diversos tipos de mídia pode indicar que as notícias sobre fatos envolvendo delitos têm um espaço bem significativo na mídia brasileira. No Brasil, existem programas televisivos⁵ e jornais⁶ especializados na divulgação de vários tipos de

⁵Exemplos: Correio Verdade, apresentado por Samuca Darte, de Segunda à sábado às 12h10min, na TV Correio/Record. Versão Eletrônica disponível em <http://www.portalcorreio.com.br/correioverdade/> Acesso em 20.07.2011 e Patrulha da cidade apresentado de Segunda à Sábado das 12h15min às 13h, na TV Borborema/SBT. Versão eletrônica disponível em http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=8. Acesso em 20.07.2011

⁶Folha de Pernambuco. Versão eletrônica disponível em <http://www.folhape.com.br/>. Acesso em 20.07.2011; Jornal Já (PB) ligado ao sistema correio, conforme informações retiradas do site eletrônico do Sistema Correio. Disponível em <http://www.portalcorreio.com.br/noticias/matler.asp?newsId=193549>. Acesso em 20.07.2011

crimes que ocorrem na nossa sociedade [citar, numa nota de rodapé, nomes de pelos menos dois e os canais em que são veiculados.

Para além do carácter informativo, o crime tem sido tratado como notícia-mercadoria, muito vendável e, por isso, revestida de uma roupagem-espetacularizante (*cf.* TAFURI, 2010). O mundo, representação abstrata da cidade em que se vive, é retratado, pela mídia, como um lugar muito perigoso, de onde a violência (confundida semanticamente com o crime) pode “vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nosso local de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar”(BAUMAN, 2008, p.11).

Passamos a discutir, de modo breve, para fornecer ao leitor uma base conceitual referente a esses dois termos que utilizamos recorrentemente nesta dissertação, as definições de crime e de mídia

1.1. O Crime

Se formos buscar os vários sentidos etimológico da palavra que hoje designamos como crime temos que *noxia* (noxia, danos) era a palavra que exprimia a noção de delito no Direito Romano. Depois, vieram as palavras *delictum* (ilícito civil) e *crimen* (ilícito penal). Hoje, para o Direito, delito e crime são palavras sinônimas(GOMES, 2006, p.13).

Segundo o dicionário Aurélio (2011)⁷, crime é “qualquer violação grave da lei moral, civil ou religiosa; ato condenável de conseqüências desagradáveis; Ato ilícito de maior gravidade para quem a lei comina sanção de natureza penal”.

Numa concepção teológica, o conceito de crime se associa ao de *pecado, uma conduta evitada do mal*. Para a criminologia clássica, crime é “fato individual isolado; mera infração à lei: é a contradição com a norma jurídica”(MOLINA, 2006, p.135).

⁷ Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/Crime>. Acesso em 28.05.2011

1.1.1 Visão na Sociologia e Criminologia

Já na Escola Cartográfica (precursora do positivismo sociológico), crime é “um fenômeno social, de massas, não um acontecimento individual” (*idem*, p.138), com características de constância e regularidade. Para Hegel (1986, p.196), crime é “a violência exercida pelo ser livre, que lesa a existência da liberdade em seu sentido concreto, que lesa o direito como tal”.

Na Sociologia, diversas teorias focalizam a criminalidade. Entre elas, pode-se citar o **positivismo, o funcionalismo, o interacionismo simbólico, a teoria do controle e teoria do conflito.**

De acordo com Silva (2011), para os positivistas, o crime é considerado uma conduta desviante, adversa à sociedade. Por isso, a ideia do controle social, a necessidade de instituições e o estabelecimento de regras sociais claras, além de sistemas rigorosos de punição são fundamentais no enfrentamento do crime.

As instituições sociais, no funcionalismo, são vistas como responsáveis pela harmonia do grande organismo social. Assim, “o crime e o desvio são resultados das tensões estruturais e de uma falta de regulação dentro da sociedade” (GIDDENS, 2005, p.176). Émile Durkheim (2003, p.70) está entre os funcionalistas, pois defende que o crime é um fato social, necessário a qualquer sociedade: “estaria ligado às condições fundamentais de toda vida social (...) indispensáveis à evolução normal da moral e do direito”.

Para Sutherland (*apud* GIDDENS, 2005, p. 175), representante dos interacionistas, o crime-desvio é um fenômeno construído historicamente, razão pela qual se rejeita a ideia de condutas *naturalmente* desviantes. As sociedades, em geral, apresentam uma variedade de subculturas, criando, assim, ambientes mais e menos propícios/estimulantes às atividades ilegais. Daí se dizer

que “os indivíduos podem se tornar delinquentes pela associação com outras pessoas que são portadoras de normas criminais”(GIDDENS, 2005, p.177).

Para a teoria do controle, “o crime ocorre como resultado de um desequilíbrio entre os impulsos em direção à atividade criminosa e os controles sociais ou físicos que a detém” (*idem*, p.180). Qualquer indivíduo estaria propenso à conduta criminosa, desde que houvesse oportunidade e facilidade. Foi daqui que surgiu a *teoria das janelas quebradas*, adotada pela cidade de Nova York sob a nomenclatura de *tolerância zero*, em que o mínimo delito deveria ser duramente combatido, para não “inspirar” maiores delitos.

Na Frenologia (precursora da moderna Neuropsiquiatria), o crime “é causado por um desenvolvimento parcial e não compensado do cérebro, que ocasiona uma hiperfunção de determinado sentimento” (MOLINA, 2006,137). Outros definem o crime a partir de circunstâncias exteriores ao autor e à conduta:

Crime é um fenômeno que se perpetua por meio de atitudes anti-sociais e pautas de condutas transmitidas de geração a geração em um contexto social caracterizado pela pobreza, pelo álcool, pelas deficientes condições de moradia e pela insegurança econômica.(...) O crime não procede de mera flacidez moral nem de forças sobrenaturais, senão de condições sociais do momento (MAYHEW *apud* MOLINA, 2006, p.139).

Para Ferri (*apud* MOLINA, 2006, p.150), considerado um dos fundadores da Sociologia Criminal, o crime só seria compreendido a partir de um estudo etiológico, perquirindo-se, cientificamente, as respectivas causas. Para o autor, o delito “não é produto exclusivo de nenhuma patologia individual”, mas “como qualquer outro acontecimento natural ou social, resultado da combinação de diversos fatores: individuais, físicos e sociais.”

1.1.2 Fluidez do Conceito

A definição de crime, portanto, varia conforme a época, lugar e ponto de vista científico. É a partir do reconhecimento de que o conceito de crime se modifica a partir de um determinado feixe de forças que definem a organização de um corpo social que consideramos importante estudar as

maneiras pelas quais nas notícias de jornais impressos se produz um determinado tipo de vocabulário circulante a respeito do crime e da criminalidade, que vai sendo consumido e resultando em concepções e representações coletivas.

Assim, o homicídio por vingança, por exemplo, era frequente em algumas sociedades antigas (Código de Hamurabi: “olho por olho, dente por dente”) e o infanticídio era um acontecimento tolerado em alguns povos da Melanésia, da Índia e em várias tribos da África, América e Austrália. Assim, como o furto era aceito nas sociedades mais primitivas que não cultuavam o direito à propriedade (cf. LOPES, 1998).

No Brasil, o Código Penal (2011), vigente no ano de 1890, dispunha que praticar o espiritismo era crime:

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: Penas – de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

Da mesma forma, estupro de uma prostituta era crime menos gravoso do que estupro de uma *mulher honesta*:

Art. 268. Estupro de mulher virgem ou não, mas honesta. Pena – de prisão celular por um a seis anos. § 1º Si a estupro for de mulher pública ou prostituta. Pena – de prisão celular por seis meses a dois anos (grifos nossos).

A escravidão, em determinadas épocas da humanidade foi tolerada e mesmo elogiada. O preconceito racial, nos Estados Unidos e na África do Sul, era considerado conduta socialmente aceita e decorrente da realidade (cultural) da época.

Para exemplificar a fluidez do conceito de crime, selecionamos uma notícia, retirada dos dados coletados nesta pesquisa:

Notícia 4.9

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 3 de setembro de 2009

Serrotão // Detento acusado de ameaçar ex-mulher

A entrada de aparelhos celulares no interior dos presídios é um problema que parece não ter solução. Na tarde de anteontem, a direção do Presídio do Serrotão acusou o preso Antônio de Sousa Sobrinho, de 29 anos, natural de Patos, de utilizar um aparelho celular no interior do presídio para ameaçar a sua ex-companheira que reside em Patos. Ele foi encaminhado para a Central de Polícia e transferido para a Penitenciária de Segurança Máxima.

Segundo informações colhidas no Serrotão, a direção tomou conhecimento da existência do celular depois que a Polícia Civil de Patos registrou uma queixa que trata de ameaça prestada pela ex-companheira do preso.

Agentes penitenciários e policiais fizeram uma revista no pavilhão individual 1, onde o acusado estava abrigado e acabaram encontrando o aparelho celular. Antônio de Sousa está no Serrotão desde junho deste ano. (TA)

A notícia-crime apresentada denuncia que um presidiário estaria, através do uso de aparelho celular, ameaçando a ex-mulher. A notícia jornalística informa que, contra este fato, foram tomadas as seguintes medidas administrativas: “revista no pavilhão individual 1”, encontrando-se o aparelho e “transferência para a Penitenciária de Segurança Máxima”.

A reportagem inicia esclarecendo que “a entrada de aparelhos celulares no interior do presídio é um problema que parece não ter solução”. Na verdade, não se trata só de um “problema”, mas de verdadeira conduta criminosa, criada em 29/03/2007, através da lei n.11.466/2007⁸, que introduziu o seguinte artigo ao Código Penal Brasileiro:

Art. 319-A. Deixar o Diretor de Penitenciária e/ou agente público, de cumprir seu dever de vedar ao preso o acesso a aparelho telefônico, de rádio ou similar, que permita a comunicação com outros presos ou com o ambiente externo:
Pena: detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano

O repórter não menciona que o diretor e/ou agentes penitenciários deveriam ser responsabilizados criminalmente por tal conduta. Possivelmente, não havia atualização jurídica por parte da redação do jornal. O núcleo da notícia era o *absurdo* da ameaça estar sendo feita por

⁸ A justificativa parlamentar para introduzir esse novo crime no ordenamento jurídico, assim pode ser transcrita: “A restrição de acesso dos presos a meios de comunicação que lhes permitam comandar e coordenar atos criminosos dentro e fora dos estabelecimentos penais é assunto que foi já exaustivamente debatido em todos os foros relacionados com a segurança pública. De tais discussões concluiu-se em consenso que o acesso irrestrito a meios de comunicação pelos presos extrapola do seu direito à informação e potencializa grandes riscos para a sociedade, apontando-se, portanto, a extrema conveniência de que tal acesso seja limitado com a máxima urgência.” **Projeto de lei n.7035/2006. Parecer da comissão.** Disponível em <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/405889.pdf>. Acesso em 25.05.2011

celular de dentro do presídio e a conseqüente providência seria castigar o preso, transferindo-o para uma penitenciária de segurança máxima.

Outro aspecto interessante relativo à determinação sócio-histórico-temporal-cultural do conceito de crime, também retirada de notícias publicadas na imprensa, se refere à conduta de dirigir embriagado. Até junho de 2008, dirigir sob o efeito de substância entorpecente ou bebidas alcólicas era considerado infração administrativa, punida com multa e perda do direito de dirigir, através do recolhimento da Carteira Nacional de Habilitação⁹.

Após a publicação da lei 11.705/2008, dirigir embriagado “se tornou crime” tipificado no art.306 do Código de Trânsito Brasileiro: “Conduzir veículo automotor, na via pública, estando com concentração de álcool por litro de sangue igual ou superior a 6 (seis) decigramas, ou sob a influência de qualquer outra substância psicoativa que determine dependência; Penas - detenção, de seis meses a três anos, multa e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor”¹⁰.

⁹ Art.165 do Código de Trânsito Brasileiro: “Dirigir sob a influência de álcool ou de qualquer outra substância psicoativa que determine dependência”. Infração – gravíssima; Penalidade - multa (cinco vezes) e suspensão do direito de dirigir por 12 (doze) meses; Medida Administrativa - retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

¹⁰ A justificativa para a criminalização desta conduta está no parecer parlamentar cujo trecho passo a transcrever: “3.A Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD, realizou em parceria com a Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, pesquisa sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira. Este estudo de abrangência nacional, detectou que 52% dos brasileiros acima de 18 anos consome bebida alcoólica pelo menos uma vez ao ano. O estudo apontou também que dois terços dos motoristas já dirigiu depois de ter ingerido bebidas alcólicas em quantidade superior ao limite legal permitido; (...)6. Outro ponto importante é a Pesquisa realizada em 1998 por iniciativa da Associação Brasileira de Departamentos de Trânsito - Abdctran em quatro capitais brasileiras - Salvador, Recife, Brasília e Curitiba - a qual apontou que entre as 865 vítimas de acidentes, quase um terço (27,2%), apresentou taxa de alcoolemia superior a de 0,6 g/l, índice limite definido pelo Código de Trânsito Brasileiro. (...)9. A urgência desse projeto se dá em razão do alto índice de consumo do álcool, que causa anualmente 1,8 milhão de mortes no mundo. Além disso, os gastos em procedimentos hospitalares de internações relacionadas ao uso de álcool e outras drogas, bem como de acidentes automobilísticos decorrentes do uso de álcool, vêm aumentando sobremaneira, trazendo graves conseqüências para elaboração e implantação de políticas públicas nessa área.10. Além disso, a proximidade do feriado do Carnaval torna prudente que as restrições ao consumo e comercialização de bebidas alcólicas entrem em vigor imediatamente.11. São essas, Senhor Presidente, as razões pelas quais viemos pleitear a decisão de Vossa Excelência pelo envio da proposta de projeto de lei anexa...”**Portal Eletrônico da Presidência da República**. Justificativa parlamentar para projeto de lei. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Exm/EMI-13-gsi-mj-mcidades-mcc-mt.htm. Acesso em 01.07.2011

Passado um ano da “invenção” do novo crime, a imprensa, conforme dados coletados em nossa pesquisa, manifestou-se a respeito:

Notícia 1.23

Cotidiano

Edição de domingo, 28 de junho de 2009

Processos na Justiça

Após um ano da implantação da Lei Seca, motoristas continuam insistindo em dirigir após consumir álcool

Severino Lopes // severinolopes.pb@diariosassociados.com.br

Mesmo com a ameaça de perda da carteira por um ano e multa de quase R\$ 1 mil, não há qualquer sinal de que o motorista paraibano está obstinado em dirigir sóbrio. Pelo contrário. Apesar do rigor da Lei Seca, os paraibanos continuam "abusando" da sorte e insistindo em dirigir após consumir bebida alcoólica. Muitos demonstram que "não estão nem aí" para a Lei Seca. A desobediência a Lei Seca tem "engordado" as pilhas de processos da 1ª Vara Criminal. Nos últimos 12 meses, período de vigência da lei, 232 processos foram abertos pela Delegacia de Trânsito de Campina Grande e encaminhados para a Justiça Comum para serem julgados pela juíza Conceição de Lourdes. Destes, 213 ainda estão em fase de tramitação e 19 foram arquivados. A maioria dos processos foi motivado por bebida no volante.

O número de prisões feitas nas BRs que cortam Campina Grande cresce a cada dia. Tanto é que só nos primeiros seis meses deste ano, os policiais rodoviários prenderam nas estradas federais da cidade, 115 motoristas dirigindo sob efeito de álcool. Eles teriam ultrapassado o nível de álcool de 0,3 miligramas por litro de ar expelido pelos pulmões. A quantidade de prisões em seis meses quase ultrapassa todo o ano de 2008, quando a PRF prendeu 128 pessoas por dirigirem embriagadas.

Nem mesmo o rigor da lei com penalidades severas conseguiu sensibilizar os motoristas e reduzir as estatísticas de acidentes. O número de mortes continua alto e cresceu em relação a anos anteriores. Nos mais de 500 quilômetros de BRs que cortam Campina Grande, 49 pessoas perderam a vida durante o primeiro ano de vigência da Lei Seca. O número de acidentes, no entanto, caiu 4%

Numa linguagem coloquial, o jornalista esclarece que “os paraibanos continuam ‘abusando’ da sorte”, pois “‘não estão nem aí’” para a lei seca, uma vez que “não há qualquer sinal de que o motorista paraibano está obstinado em dirigir sóbrio”. Conclui a reportagem que a criminalização da conduta não foi suficiente vez que “nem mesmo o rigor da lei com penalidades severas conseguiu sensibilizar os motoristas e reduzir as estatísticas de acidentes”.

Retomando o debate sobre o conceito de crime, é importante esclarecer que durante a pesquisa foram coletadas notícias que não dizem respeito diretamente a crimes, mas à criminalidade de uma forma geral. Vejamos o exemplo abaixo:

Notícia 3.17

Cotidiano

Edição de sexta-feira, 21 de agosto de 2009

Serrotão // Preso pula o muro e foge da Máxima

A Penitenciária Regional Padrão de Campina Grande registrou, no início da noite da última quarta-feira, a primeira fuga. O preso Fernando Cândido da Silva, mais conhecido como "Fernando da Gata", 36 anos, residente em Campina Grande, conseguiu serrar as grades da cela onde estava preso e pular o muro do presídio, com mais de três metros de altura. Até o fechamento desta edição ele não havia sido recapturado.

Fernando estava preso na cela de número 3, no piso I da penitenciária, junto com mais seis presos considerados de alta periculosidade. As primeiras investigações dão conta de que os outros apenados tinham conhecimento da fuga e todos foram encaminhados para o isolamento, onde deverão permanecer por um período de 30 dias sem receber nenhuma visita de familiares.

Conforme informações do diretor da penitenciária, capitão Araújo, o fugitivo utilizou uma serra para abrir as grades e usou um alvará fabricado com lençóis para escalar o muro do presídio. Ele prendeu um gancho feito com arame na ponta do alvará para conseguir escalar a parede. O material utilizado na fuga foi apreendido no local.

O diretor do presídio informou que as quatro guaritas existentes na penitenciária estão desativadas desde que o presídio foi inaugurado, em julho de 2007, e isso pode ter facilitado a fuga do preso. Moradores da área disseram que chegaram a ver um veículo trafegando pelas proximidades da penitenciária momentos antes da fuga e há suspeita de que o carro tenha ajudado na fuga do acusado.

Fernando Cândido é condenado a uma pena de 30 anos pelos crimes de homicídio e latrocínio. Há três meses que ele foi transferido para a Penitenciária de Segurança Máxima depois de tentar fugir do Presídio do Serrotão.

Uma comitiva comandada pelo juiz da Vara de Execuções Penais de Campina Grande, Alexandre Trineto, visitou as instalações da Penitenciária na manhã de ontem. A visita fez parte do mutirão carcerário que está sendo realizado nos presídios paraibanos. O juiz Alexandre Trineto informou que já determinou a abertura de uma sindicância interna para investigar se houve facilitação para a fuga do preso. A penitenciária já apresenta superlotação. Atualmente o local abriga 223 presos e sua capacidade é para 150 presos.

Fugir da prisão, em nosso ordenamento jurídico, não é considerado crime¹¹. Trata-se de uma mera infração administrativa, prevista pela lei de execução penal¹². Entretanto, a notícia acima transcrita integra o *corpus* desta pesquisa porque diz respeito à criminalidade em geral. Não é a fuga, em si, que se quer noticiar, mas o perigo de um condenado a “30 anos pelos crimes de homicídio e latrocínio” estar novamente à solta, em face de uma falha do sistema: “guaritas (de vigilância) existentes na penitenciária estão desativadas desde a inauguração em julho de 2007”.

¹¹Crime é facilitar ou promover a fuga nos termos do Art. 351 do Código Penal Brasileiro: “Promover ou facilitar a fuga de pessoa legalmente presa ou submetida a medida de segurança detentiva: Pena - detenção, de seis meses a dois anos”.

¹²Art. 50, II da lei 7.210/84: “Art. 50. Comete falta grave o condenado à pena privativa de liberdade que fugir”. As penalidades administrativas vão desde a perda do direito de exercer trabalho externo, até a detração do regime prisional;

Foucault (2008, p.62), explicando a formação dos conceitos, diz que não se pode tomá-los sob condições rigorosas, em que tudo fosse “pedra sobre pedra”, “história sobre história”. Há de se investigar o que ele chama de “campo de enunciados” que aparecem, circulam e se modificam de época para época, de lugar para lugar. Dessa forma, “pressupõe-se que as ideias que fundamentam a constituição de uma ação humana como um ato criminoso devem ser resultado de premissas que evidenciem que ações – significantes – são dotadas de um sentido social do crime”(MELO, 2010, p.91).

O ato criminoso é aquele considerado, por atores do sistema judiciário, por comunidades interesubjetivas, um *mal* para a coletividade. Durante a história da humanidade “ele vai se complexificando para dar conta do refinamento da sensibilidade humana acerca dos fenômenos sociais, ou seja, em decorrência dos valores mutáveis dos indivíduos” (MELO, 2010, p.91).

Neste trabalho, mais importante do que adotar um conceito de crime, concentramo-nos nas maneiras de falar sobre o que profissionais da imprensa consideram crime. Focalizamos como os discursos se organizam no em referência a uma determinada hierarquia implícita de crimes, as maneiras pelas quais os indivíduos definidos nas matérias publicadas em jornais como criminosos são *falados*, procurando sinais, indícios de processos de estigmatização (*cf.* GOFFMAN, 1998). Outro aspecto que aqui consideramos é a moldagem espetacularizante observada nas matérias sobre crimes publicadas nos jornais de Campina Grande.

Sendo um estudo que analisa conteúdos de discursos veiculados em meios de comunicação escrita, passamos a discutir o papel da mídia na construção dos cenários sociais em geral e particularmente o relativo ao crime, em sua função socializante e de controle social.

1.2 Mídia

Hoje, há aqueles que julgam a mídia como o grande inimigo e eterno vilão da história, como se todos estivéssemos a mercê do seu enorme poder. Há, diferentemente, que entendê-la, procurar suas gêneses e pensar em seus efeitos.

Cecília Maria Bouças Coimbra (2001)

São os *mass medias*, nas democracias modernas, um dos principais produtores de representações sociais. Na construção e divulgação da informação, as mídias funcionam como uma janela sobre a qual se debruçam os mais diferentes cidadãos dessa aldeia global em que o mundo se tornou.

Weber (2011), num texto publicado em 1910, “A Sociologia da Imprensa”, compara a imprensa a um *comandante com poderes divinos*:

Um comentário sobre a enorme importância geral que tem a imprensa carece de sentido. (...)Quando se comparou a imprensa com **generais em posto de comando** – sem dúvida, apenas foi dito da imprensa estrangeira – sendo assim todos sabemos: **aqui já não cabe nada meramente terrenal, seria necessário fazer referência às esferas do divino para poder encontrar comparações**. Simplesmente recordo-lhes: imaginem que a imprensa não existe, pensem como seria então a vida moderna, sem o tipo específico do âmbito do público (*Publizität*) criado pela imprensa. (grifos nossos)

Para a análise funcionalista dos efeitos dos meios de comunicação, a mídia desempenha uma importante função ao *coordenar* a operação das sociedades industriais e pós-industriais. Os meios de comunicação também são importantes agentes de *socialização*, e ao reforçarem ou inculcarem valores e normas, acabam por exercitar uma terceira função: a de *controle social*. Por último, ainda é possível dizer que os meios de comunicação exercem uma quarta função: *proporcionar entretenimento* (cf. BRYM, 2006, p.439).

Pensando uma das funções pensadas para ser desempenhada pela mídia e relação ao crime – o controle social da criminalidade – observemos um exemplo encontrado dentre as notícias coletadas. No dia 01 de setembro de 2009, o jornal Diário da Borborema publicou o seguinte:

Notícia 4.1

Cotidiano

Edição de terça-feira, 1 de setembro de 2009

Venda e consumo de drogas no Açude Novo

Reportagem do DB flagrou menores comprando cola e tiner em quiosque do parque
Isabela Alencar // isabelaalencar.pb@diariosassociados.com.br

O Parque Evaldo Cruz, mais conhecido como Açude Novo, foi criado para o divertimento e entretenimento de toda a população campinense. Mas o local, que tem tudo para ser um ótimo ambiente de lazer, onde os visitantes também poderiam estar em contato com a natureza, está

afastando as pessoas depois que a criminalidade e o possível uso de drogas começaram a ser registrados no ambiente.

Observando a movimentação do parque, a equipe do Diário da Borborema conseguiu flagrar adolescentes e adultos cheirando uma substância semelhante a cola de sapateiro. Segundo informações de comerciantes locais, que preferiram não se identificar, existe um quiosque no local que está sendo utilizado como ponto de venda de cola e *tiner*, produto utilizado para remover tinta.

De acordo com o coordenador do Museu de História Natural, que fica localizado no parque, Juvandi Santos, existe uma grande preocupação por parte dos que trabalham no local, assim como dos pedestres que circulam por lá, com relação aos menores. Segundo ele, esses garotos estão cometendo pequenos furtos e desafiando até os policiais que realizam as rondas no lugar.

"Na última sexta-feira, eu fui testemunha de um fato e fiquei perplexo. Um adolescente desafiava um policial, que imagino eu, teve que se conter para não tomar uma atitude que pudesse se arrepender mais tarde. Os jovens sabem que não podem ser presos e a situação continua a mesma", lamentou o professor.

Conforme um comerciante que não quis se identificar, existiria um possível ponto de venda de cola de sapateiro e *tiner* no local. "As vendas estão acontecendo no período de 10h às 14h. Quem quiser vir até aqui vai poder observar e confirmar que não estou mentindo", afirmou.

A notícia faz denúncia, em tom grave, acerca de um local que estaria dominado pela "criminalidade" e "pelo possível uso de drogas", quando, na verdade, deveria servir para "entretenimento" e "contato com a natureza". O fato é considerado *tão absurdo* e que até a própria equipe de reportagem "Observando a movimentação do parque (...) conseguiu flagrar adolescentes e adultos cheirando uma substância semelhante a cola de sapateiro". No dia seguinte àquele em que foi publicada essa reportagem, foi divulgada a matéria a seguir transcrita:

Notícia 4.7

Últimas

Edição de quarta-feira, 2 de setembro de 2009

Açude novo // Delegada vai investigar uso de drogas

A matéria divulgada ontem, pelo Diário da Borborema: "Drogas dominam o Açude Novo", chamou a atenção da delegada Cassandra Maria Duarte Guimarães, que se dispôs a investigar o fato. Ela desconfia que esteja havendo negligência por parte dos pais dos menores de idade e pretende responsabilizar os culpados, caso se confirme o relato jornalístico. O jornal divulgou o resultado de um flagrante de crianças e adolescentes consumindo cola de sapateiro e solvente no Parque Evaldo Cruz, supostamente comprados em quiosques.

Cassandra ressaltou que a Polícia Civil é um órgão de investigação e que a matéria do DB se configura uma "notícia crime". Isto significa dizer que a PC não precisará de uma pessoa física registrando queixa para provocá-la, visto que o assunto foi à tona e é de interesse social. "Eu vou, inclusive, analisar os detalhes na matéria, requerer o apoio do Conselho Tutelar e iniciar um procedimento porque isso é um problema de ordem pública", afirmou.

A delegada ressaltou também que pelo teor da informação jornalística o caso já aparenta se tratar de negligência por parte do pátrio poder. Para Cassandra, só após uma investigação a PC poderá

saber quem poderá ou não ser responsabilizado, pois, geralmente, nestes casos os conflitos são muito complicados.

Ressaltando a função de intermediária no controle social, na parte de segurança pública, a mídia, na notícia, deixa claro que providências foram tomadas porque “a matéria divulgada ontem, pelo Diário da Borborema (...) chamou a atenção da delegada Cassandra Maria Duarte Guimarães, que se dispôs a investigar o fato (...) visto que o assunto foi à tona e é de interesse social”.

A mídia, conforme extraímos dos dados da pesquisa, ao exercer o “controle social”, ratifica a crença-valor de que quanto mais policiamento, menos crime. Observemos os excertos transcritos:

Notícia 1.4

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 4 de junho de 2009

Posto sem polícia, bairro sem proteção

Moradores do Pedregal reclamam do abandono e da violência; PM diz que reabrirá unidade depois do São João

Tarcísio Araújo / tarcisioaraujo.pb@diariosassociados.com.br

A população do bairro do Pedregal, que conta com mais de 9 mil habitantes, sofre com a violência e é obrigada a mudar a rotina e permanecer trancada dentro das próprias casas com medo da ação dos bandidos. O único aparato de segurança no bairro, um posto policial instalado na localidade, há cerca de seis meses está completamente abandonado e destruído pelos vândalos

Notícia 1.5

Cotidiano

Edição de sábado, 6 de junho de 2009

Segurança reforçada

10º Batalhão da PM será transferido para o antigo Detran em 120 dias e deverá acolher efetivo de 800 homens

Severino Lopes // Severinolopes.pb@diariosassociados.com.br

Campina Grande já tem um novo Batalhão de Polícia. Oficialmente, o 10º Batalhão da Polícia Militar foi instalado ontem e funcionará no prédio do antigo Detran na avenida Giló Guedes (Avenida Canal).(...)

O secretário Gustavo Ferraz garantiu que com o nascimento desse novo Batalhão, os municípios terão um policiamento ostensivo maior. "Vamos aumentar o efetivo da Polícia Militar, aumentando portanto, a segurança preventiva. Serão mais homens nas ruas", garantiu o secretário.

Notícia 2.16

Cotidiano

Edição de sábado, 11 de julho de 2009

Segurança reforçada em São João da Mata

Base comunitária da Polícia Militar foi entregue ontem, a população, numa parceria entre prefeitura e governo do estado

Antonio Ribeiro // antoniosilva.pb@diariosassociados.com.br

O Distrito de São José da Mata, que atualmente possui uma população de 15 mil habitantes, agora conta com uma Base Comunitária da Polícia Militar(...)

Notícia 4.2

Cotidiano

Edição de terça-feira, 1 de setembro de 2009

Assaltos são frequentes no local

O coordenador do Museu de História Natural, Juvandi Santos, disse que, apesar das rondas terem aumentado no Parque Evaldo Cruz, a insegurança ainda permanece(...)

Segundo a conselheira do Conselho Tutelar Norte, Jeane Maria de Melo, ainda é **difícil executar um trabalho eficiente sem a ajuda da polícia**. "Nós ficamos desassistidos porque muitas vezes estes jovens ficam agressivos e, desta forma, precisamos de ajuda policial. (...)

Preocupado com as evidências, o vereador Fernando Cervelho (PMDB) apresentou o requerimento 1442/2009, às autoridades judicial e policiais da cidade, na tentativa de minimizar a situação do Parque Evaldo Cruz. "O parque deixou de ser um local de lazer, as famílias estão se afastando simplesmente pelo medo", frisou. **No requerimento, o vereador solicitou a reativação do posto policial no local** e a presença do Conselho Tutelar.

A Polícia Militar informou que vai ser analisada a possibilidade da reativação do posto policial e que as rondas já estão sendo mais eficientes, não apenas no parque, como também nas proximidades.
(grifos nossos)

Pela multiplicidade de funções por ela exercida, diz-se que o estudo dos meios de comunicação é, obrigatoriamente, interdisciplinar. Informação e comunicação são noções que nos remetem a fenômenos sociais. As mídias se caracterizam por serem um suporte organizacional que se apossa de noções e informações variadas para integrá-las em suas diversas lógicas – econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) (cf. CHARADEAU, 2006, p.15).

Diversos setores do espaço social se interessem pelos meios de comunicação: dos políticos que desejam visibilidade e gerenciamento do espaço público aos tecnólogos que aprimoram os equipamentos e desenvolvem suas pesquisas, todos se utilizam da mídia para a construção de valores, de imagens e de cenários sociais vários.

Por ser esse fenômeno complexo, as mídias de comunicação são objeto de estudo da: Sociologia – por exemplo, na análise dos impactos das mídias sobre a opinião pública -; Semiologia – em seus estudos dos jogos de *mise-em-scène* (encenação) da informação; Antropologia Social –

que se indaga sobre os vínculos sociais construídos na modernidade sob a influência midiática; Educação – que questiona o papel da mídia na função formadora de crianças-alunos e adolescentes-técnicos e universitários, bem como pela própria ciência da comunicação que indaga e procura justificativas para o ato e a forma de comunicar dessas mídias (cf. CHARAUDEAU, 2006, p. 16).

Na Sociologia, existe, ainda, opondo-se à teoria funcional aplicada à mídia, os defensores da teoria do conflito. Para eles, quando os funcionalistas afirmam que a função da imprensa é informar, entreter e organizar a sociedade, estão esquecendo outra característica essencial à comunicação: a mídia alimenta as desigualdades sociais.

Os teóricos do conflito “dizem que o funcionalismo exagera o grau em que a mídia serve aos interesses da sociedade como um todo” (BRYM, 2006, p.4). Argumenta-se que uns se favorecem mais do que outros. A mídia favoreceria determinados interesses de classes e grupos dominantes¹³. Nosso trabalho se baseia nessa ideia ao se debruçar sobre os conteúdos dos artigos publicados na imprensa local sobre crimes e os definidos como criminosos, pensando *o corpus* escolhido em termos de produção e reprodução de hierarquias e diferenciações sociais que lhe subjazem (às matérias analisadas).

Para ilustrar esse elemento de nossa proposta de pesquisa, vejamos o seguinte exemplo: em outubro de 2009, período 05 da nossa pesquisa, observamos com intensidade diferenciada a publicação de artigos jornalísticos sobre assaltos na área do centro da cidade. As vítimas eram sempre estabelecimentos comerciais:

Notícia 5.13

Cotidiano

Edição de quarta-feira, 7 de outubro de 2009

Dupla de moto assalta farmácia

Do local, bandidos levaram a quantia de R\$ 800 e fugiram sem deixar pistas

Márcio Rangel // marciorangel.pb@diariosassociados.com.br

¹³ No Brasil, em que os meios de comunicação se organizam em conglomerados – os donos de redes de TV, são donos de rádio, jornal, revista e portais da internet – “apenas nove famílias controlam mais de 90% do setor” [CITAR FONTE].

Dois homens armados com revólveres, em uma motocicleta modelo *Honda*, de cor preta, invadiram e assaltaram, no início da madrugada de ontem, a **farmácia Redepharma**, localizada na Praça da Bandeira, **no centro de Campina Grande(...)**

Notícia 5.15

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 8 de outubro de 2009

Pousada // Ladrões roubam RS 4.700

Os bandidos da moto preta voltaram a agir em Campina Grande no dia de ontem. Dessa vez, a vítima foi a empresária Maria Gorete Silva, 53 anos, **proprietária da Pousada JK**, localizada na Rua Sebastião Donato, ao lado do Parque do Povo, **no centro de Campina Grande(...)**

Notícia 5.21

Cotidiano

Edição de sábado, 10 de outubro de 2009

Violência // Arrastão no centro da cidade

Em menos de três horas, um dupla de ladrões, armada com revólveres e em uma motocicleta de cor preta, praticou no mínimo quatro assaltos **no centro da cidade** de Campina Grande(...)

Notícia 5.28

Cotidiano

Edição de quarta-feira, 14 de outubro de 2009

Centro // Farmácia é assaltada na Rua Treze de Maio

A rede de farmácias Redepharma está se transformando, literalmente, em freguesa da ação dos bandidos em Campina Grande. Em menos de oito dias, **três, das sete lojas instaladas na cidade foram alvo de ladrões**. O último crime aconteceu por volta das 14h da última segunda-feira, na Rua Treze de Maio, **Centro(...)**

Notícia 5.30

Cotidiano

Edição de quarta-feira, 14 de outubro de 2009

Violência // Ladrões 'limpam' pizzeria

A Pizzaria Portal das Massas, localizada na Rua Sebastião Donato, nas proximidades do Parque do Povo, **no centro de Campina Grande**, foi arrombada durante a madrugada de ontem.

Notícia 5.64

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 29 de outubro de 2009

Centro // Feridos em tentativa de assalto

Polícia registrou uma tentativa de assalto na noite da última terça-feira, em uma **distribuidora de refrigerantes e água mineral** localizada na Rua João da Silva Pimentel, **no Centro(...)**

Os comerciantes deixam claro, através das reiteradas notícias, que estão sendo, vítima de roubos e furtos. O tom das notícias insinua certa ironia: "A rede de farmácias está se transformando, literalmente, em freguesa da ação dos bandidos em Campina Grande".

Por evidente que, em outubro, outros bairros e outras pessoas foram vítimas de crimes: dois jovens foram mortos nos bairros de Monte Santo e Dinamérica (Notícias 5.4 e 5.6); No Monte Santo, uma pessoa também foi vítima de assalto (Notícia 5.22); No Bairro do Catolé também foram registrados assaltos (Notícias 5.28 e 5.53).

Em novembro/09, mês seguinte, período 06 da nossa pesquisa, observamos providências, exclusivamente, em relação à categoria dos comerciantes, domiciliados no centro da cidade:

Notícia 6.19

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 12 de novembro de 2009

PM reforça segurança no Centro

Ações começam efetivamente a partir do próximo dia 20 com reforço de policiais em todas as ruas Márcio Rangel // marciorangel.pb@dabr.com.br

"Já a partir do próximo dia 20 de novembro, estaremos reforçando a segurança no centro da cidade de forma planejada para atender a todos os comerciantes de Campina Grande", afirmou o coronel Marcus Marconi, comandante do 2º Batalhão de Polícia Militar da Paraíba na manhã de ontem, na ocasião que apresentava o esquema de segurança que será implementado nas ruas centrais de Campina Grande neste final de ano. A solenidade aconteceu na Associação Comercial e Empresarial e contou com a participação de empresários do setor lojistas, Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) e sindicatos.

De acordo com o plano apresentado pela PM, as ações começam efetivamente a ser executadas já na segunda quinzena deste mês com o reforço no policiamento e a criação de estratégias específicas para área. Uma delas será a Operação Barreiras, que terá um cronograma de ação especial. "A Operação Barreiras estará com quatro pontos de atuação, sempre em ruas do Centro, principalmente naquelas consideradas mais periféricas, que muitas vezes servem de rota de fuga para os autores de ações criminosas", disse o Marconi.

Sistematicamente, os policiais trabalharão sempre de quinta-feira à domingo, período em que essa região da cidade recebe um número maior de pessoas, sempre das 18h às 22h. O trabalho consistirá na fiscalização de pessoas e veículos (carros e motos) em atitudes suspeitas. "Vamos também contar com o auxílio dos homens da Companhia de Policiamento de Trânsito (CPtran), que nos dará o suporte, justamente na fiscalização dos veículos", completou o comandante.

Aliada a essa ação, diariamente, mais de 50 homens da Polícia Militar estarão atuando nas ruas do centro neste final de ano. Na Rua João Pessoa, por exemplo, que é um dos maiores polos de movimentação no comércio, a assistência será dada pelos homens da Rotam (com motocicletas) e viaturas que ficarão em constante circulação.

Nas ruas Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva, Cardoso Vieira, Irineu Jóffily, Getúlio Vargas e as agências bancárias, além dos policiais que farão rondas a pé, duas equipes da Cavalaria Militar também estarão trabalhando diariamente para garantir, principalmente, o aumento da sensação de segurança, e consequentemente, evitar a prática de crimes, como a conhecida "saidinhas de banco". "Toda essa área terá a segurança reforçada e os homens estarão trabalhando em regime especial. Na questão específica das "saidinhas de banco", nós também estaremos trabalhando com o Serviço de Inteligência, por que, geralmente os crimes não acontecem próximo às agências. Os

bandidos recebem a informação e seguem as vítimas até que elas saiam do Centro para assim praticar o ato e ter como fugir. Para coibir esse tipo de ação, os agente da P2 (Serviço de Inteligência) também estarão ativos", completou.

De acordo com Luiz Alberto Leite, presidente da Associação Empresarial e Comercial de Campina Grande (ACCG), os compromissos feitos pela polícia atendem os anseios dos comerciantes.

"Estamos muito satisfeitos com o plano exposto pelo comandante. Logicamente, que alguns ajustes serão feitos no decorrer do início do trabalho", disse.

A manchete "PM reforça segurança no centro" leva a crer que todos que trabalham ou trafegam no bairro podem se sentir mais seguros. A leitura integral, contudo, aponta que o sistema de segurança tem um alvo de proteção específico: os comerciantes e seus estabelecimentos. A reunião aconteceu na "associação comercial empresarial e contou com a participação de empresários do setor lojista, Câmara de Dirigentes Lojistas e Sindicatos". Quais sindicatos: dos trabalhadores ou do patronato? A matéria não explicita.

A fala transcrita do comandante do Batalhão não deixa dúvida: "Já a partir do próximo dia 20 de novembro, estaremos reforçando a segurança no centro da cidade de forma planejada para **atender a todos os comerciantes** de Campina Grande". E, ao final, trecho da resposta do representante dos comerciantes: "... presidente da Associação Empresarial e Comercial de Campina Grande (ACCG) afirma que os compromissos feitos pela polícia atendem os anseios dos comerciantes. "Estamos muito satisfeitos com o plano exposto pelo comandante...". Esse foi, durante o período da pesquisa, a única matéria sobre planos de segurança voltados a um grupo específico de indivíduos da população. A categoria dos taxistas tentou, conforme discurso abaixo transcrito: **Notícia 5.43**

Últimas

Edição de quarta-feira, 21 de outubro de 2009

Violência contra taxistas

Somente na última semana, seis profissionais foram vítimas de assalto e agressão física na cidade Tatiana Brandão // tatianarocha.pb@diariosassociados.com.br

O Sindicato dos Taxistas de Campina Grande informou, ontem, ao Diário da Borborema, que a violência praticada contra os taxistas campinenses vem aumentando. Segundo José Domingos de Sousa, presidente da entidade, somente na última semana, seis profissionais foram vítimas de assalto e agressão física na cidade. Mas ele estima que o número de vítimas seja ainda maior, uma vez que a grande maioria dos taxistas assaltados e agredidos tem medo de denunciar o fato, por medo de represálias.

De acordo com José Domingos, a ação dos bandidos acontece, geralmente, à noite e é efetuada por pessoas de boa aparência e, em grande parte, conta com a participação de mulheres e menores de idade, que não atraem maiores suspeitas. Eles abordam os taxistas, como clientes normais, e quando chegam a um determinado ponto da viagem atacam o motorista, de forma violenta, o obrigam a descer do carro e cometem o assalto, levando o carro e o dinheiro apurado no dia.

Diante dessa onda de assaltos que está vitimando os taxistas de Campina Grande, o sindicato está enviando ofício aos comandos das polícias Militar e Civil, hoje, solicitando providências cabíveis,

no sentido de garantir a segurança dos taxistas, no seu horário de serviço. "Estamos pedindo para que a polícia, ao identificar um táxi circulando em uma área de risco, aborde o veículo, verifique se está tudo em ordem, faça uma vistoria e só em seguida libere o taxista", explicou José Domingos.

Uma das vítimas mais recentes da ação dos bandidos, o taxista de nome fictício Antônio, foi abordado por dois casais que pediram corrida, na madrugada do último domingo, até o bairro do Centenário. Em um determinado trecho da Avenida Floriano Peixoto, eles mandaram o taxista parar, as duas mulheres desceram, os dois homens agrediram Antônio e levaram o táxi. O carro foi recuperado, posteriormente, pela polícia, mas as marcas da violência ficaram por todo o corpo de Antônio, que voltou ao trabalho, mas com medo de passar pela mesma situação novamente.

É para evitar ocorrências como essa que a medida de segurança está sendo solicitada pelo sindicato, já que os profissionais não podem recusar a corrida, até mesmo pelo fato de que eles não têm como identificar quem é bandido ou não. A iniciativa da entidade conta com o apoio dos taxistas campinenses. "Não podemos ficar a mercê da bandidagem. Somos pais de família, trabalhamos pelo sustento dela e é preciso que algo seja feito para que a gente possa exercer nosso ofício em paz", disse um taxista que não quis se identificar.

Notícia 5.44

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 22 de outubro de 2009

Polícia nega onda de assaltos contra taxistas

Comandante do 2º BPM garante que será feita abordagem nos veículos em lugares ermos para prevenir ações criminosas

Márcio Rangel // marciorangel.pb@diariosassociados.com.br

"Onda de criminalidade contra os taxistas de Campina Grande não existe. O que registramos são alguns fatos isolados, mas a polícia está investigando", essa foi a declaração dada pelo comandante do 2º Batalhão de Polícia Militar (BPM), coronel Marcos Marcone, na manhã de ontem, quando recebia um ofício do Sindicato dos Taxistas de Campina Grande solicitando ações mais eficazes por parte da polícia no combate as ações criminosas registradas contra a categoria.

Segundo Marcos Marcone, os casos de assalto e violência contra esses profissionais existem, no entanto, em escala bastante pequena e não chegam a alarmar a sociedade para a necessidade de uma operação específica da PM. "O que registramos são alguns poucos casos de pequenos assaltos e furtos, entretanto, nós garantimos que já começamos a investigar algumas dessas ocorrências através do nosso serviço de inteligência. Outra ação que iremos continuar fazendo, agora de forma mais intensificada, é a de abordagem dos taxistas em locais ermos e principalmente durante à noite. Isso servirá para prevenir que algumas ações criminosas aconteçam, como por exemplo, os sequestros", declarou o comandante.

Na manhã de ontem, o vice-presidente do Sindicato dos Taxistas, Moacir Vieira dos Santos, 65 anos, entregou o mesmo documento ao comando da 10ª Companhia de Policiamento de Trânsito (CPTran) e ao delegado regional da Polícia Civil, Ariosvaldo Adelino de Melo.

De acordo com a categoria, o problema de insegurança existe e tem prejudicado diariamente os taxistas campinenses. "São assaltos, sequestros, roubos e furtos. Eu trabalho há 25 anos como taxista, mas nunca vim trabalhar com tanto medo como venho hoje", declarou José Carlos Pereira, que trabalha da Praça da Bandeira, no centro de Campina Grande.

O delegado Ariosvaldo Adelino também garantiu que irá traçar um plano de atuação para tentar combater a ação de criminosos contra os taxistas da cidade, no entanto, revelou que os efeitos positivos dessa ação só poderão ser sentidos após o término da greve dos agentes que começou ontem.

A onda de violência denunciada contra os taxistas de Campina Grande foi revelada na edição de ontem do Diário da Borborema. O levantamento feito pela própria categoria mostrou que na maioria das vezes, os bandidos possuem boa aparência e geralmente, durante as ações criminosas, também utilizam mulheres e adolescentes para não despertar a desconfiança dos motoristas. "A nossa principal reivindicação é que quando a polícia encontrar um taxista transitando em uma área de risco, que pare o carro e faça a abordagem, por que muitas vezes o crime está em andamento, os PM passam pelo carro mas não desconfiam", declarou José Domingos de Sousa, presidente do SindTaxi/CG.

No início do mês, um taxista de Campina Grande que não teve sua identidade revelada, teve o veículo Fiat Uno, de cor branca e placas MNE 3287, roubado quando trabalhava no centro da cidade. O profissional pegou uma corrida do Açude Novo para o bairro do Catolé, e ao chegar à Estação Velha os supostos passageiros anunciaram o assalto e mandaram que ele entregasse o carro, dinheiro e celular.

A vítima contou ainda que no momento do crime ainda diminuiu a velocidade do automóvel e pulou do veículo. Os bandidos levaram R\$ 70 em dinheiro, um celular e o carro. Até hoje, nenhum dos assaltantes foi capturado pela polícia.

Segundo os dados da Polícia Civil, do início do ano até agora, cerca de 40 ocorrências como roubos e assaltos foram registradas contra taxistas em Campina Grande.

Na última semana do período acima citado, conforme noticiado, foram seis os assaltos contra taxistas. De janeiro/2009 até outubro/2009 foram 40 (quarenta) ocorrências, segundo informou a Polícia Civil. Todavia, o Comandante da PM adotou postura diversa da correlacionada aos comerciantes. Afirmou categoricamente:

Onda de criminalidade contra os taxistas de Campina Grande não existe. O que registramos são alguns fatos isolados, mas a polícia está investigando (...) Segundo Marcos Marcone, os casos de assalto e violência contra esses profissionais existem, no entanto, em escala bastante pequena e não chegam a alarmar a sociedade para a necessidade de uma operação específica da PM. "O que registramos são alguns poucos casos de pequenos assaltos e furtos, entretanto, nós garantimos que já começamos a investigar algumas dessas ocorrências através do nosso serviço de inteligência"

Os taxistas pedem ações ostensivas e a Polícia Militar afirma que fará investigações, o que seria função precípua da Polícia Civil.

O que queremos destacar é que a hierarquização social dos indivíduos, das categorias de indivíduos se reflete na diferenciação em termos de providências tomadas pela polícia em relação à criminalidade, como também no tratamento dado pela imprensa aos crimes ocorridos na cidade. Enquanto em relação aos crimes cometidos contra taxistas, no mês observado, foi publicada uma única vez durante o período pesquisa, ao passo que em apenas um mês, foram sete publicações com relações aos assaltos sofridos pelos comerciantes do centro.

Em vistas do acima apresentado, destacamos que nossa abordagem dos conteúdos veiculados nos discursos jornalísticos sobre crimes em Campina Grande, no período já indicado, utilizará as teorias funcionalistas e do conflito, localizando a emergência histórica dos meios de comunicação enquanto fonte significativa de construção das realidades sociais.

1.2.1 Breve digressão histórica sobre a mídia

Habermas (1989, p.49) relata que o embrião da imprensa surgiu no século XIII, época do primitivo capitalismo financeiro e mercantil, em que comerciantes necessitavam da troca de informações para consolidação dos negócios. No século XIV, a troca de correspondências comerciais se transforma num sistema corporativo e a necessidade de publicizá-las faz surgir o correio e a imprensa: os jornais que eram manuscritos passam a ser impressos.

No século XVI, o descobrimento de “novos” territórios deu à imprensa ares de oficialidade, com o desenvolvimento de diários oficiais e decretos, os quais objetivavam que a notícia/informação/ordem alcançasse o maior número de súditos. No Século XVIII, a imprensa consolida a voz da “opinião pública”, assumindo um papel crítico e vigilante da sociedade. Era o nascimento do jornalismo autônomo (ANDRADE, 2007, pp.50-51).

Segundo Cornu (1994, p.181), “o século XIX será por excelência o século da imprensa”. Nele surgirão o sufrágio universal, a revolução industrial, as grandes concentrações urbanas e os primeiros progressos tecnocientíficos. Nascem as agências noticiosas e a imprensa deixa de ser uma arena de debate político-social para se tornar uma reprodutora de notícias, misturando fatos e opiniões.

Além do mais, o aparecimento de empresas privadas na administração dos órgãos jornalísticos, modificou a relação entre o que e como se publicar. Interesses privados se

sobressaíram à função informativa da comunicação. Foi a mercantilização da notícia consolidada, no século XX, pela cultura massificada de consumo (HABERMAS, 1989, pp.193-195).

1.2.2 Da notícia-notícia à notícia-empresa

No campo dos periódicos jornalísticos encontramos os tipos clássicos, sem pensá-los como puros: os *jornais-empresas* e os *jornais-imprensa* (ANDRADE, 2007, p.82). O primeiro tipo deve se submeter às regras do mercado, do lucro, às técnicas para melhor captação (e fidelização) de clientes e anunciantes. Já o jornal-imprensa tem compromisso com a ética, com a reprodução imparcial dos fatos e com uma leitura abrangente da realidade social.

Na tensão entre os pólos de credibilidade e captação, quanto mais as mídias tendem para o primeiro, cujas exigências são as da austeridade racionalizante, menos tocam o grande público; quanto mais tendem para a captação, cujas exigências são as da imaginação dramatizante, menos críveis serão (CHARAUDEAU, 2006, p.93)

Para além da tensão entre credibilidade e captação, há uma tendente inclinação para o capital, quando se contrapõem ética e dinheiro em tempos de capitalismo. Instado a escolher entre uma e outro, deverá o editor atender aos interesses dos anunciantes, que mantém financeiramente o jornal em circulação, ou defender a função social do jornal e a ética jornalística.

Daí a conclusão de Habermas (1989, p.217) no sentido de que “a história dos grandes jornais na segunda metade do século XIX demonstrou que a própria imprensa se tornou manipulável à medida que ela se comercializou”. Num enfoque nacional, BUCCI (2000, p.32) afirma que “os piores problemas da imprensa brasileira são construídos no interior das empresas de comunicação por forças e interesses que ultrapassam os domínios de uma redação e nada têm a ver com os interesses legítimos de seus leitores...”.

A notícia, então, se torna uma mercadoria e, como tal, deve estar apta a ser vendida na maior quantidade possível. Para entender as técnicas aplicadas para se vender mais notícias-mercadorias é

preciso compreender a modo de produção dos discursos midiáticos, adequando os produtos aos sujeitos consumidores, que seriam agrupados em quatro tipos, segundo Hernandez (2006, p.44):

Sujeito 01: JORNAL – (...) É importante perceber que o consumidor se relaciona com marcas de veículos jornalísticos e se refere a elas quase como pessoas, um tom de voz, uma personalidade, enfim um *ethos*.

Sujeito 2: PROFISSIONAIS – são os jornalistas, analistas, colaboradores que se mostram claramente marcados nos textos.

Sujeito 3: PERSONAGENS DAS HISTÓRIAS QUE APARECEM NAS NARRATIVAS, REPORTAGENS, ANÁLISES – ex: Presidente Lula

Sujeito 4: PÚBLICO OU CONSUMIDOR DO PRODUTO JORNALÍSTICO – (...) A construção do público-alvo varia de noticiário para noticiário.

O jornal, em geral, trabalha com três objetivos: identificação, empatia e fidelização. Para quem quero escrever? A que classe social pertence o leitor que quero atingir? Que visão de mundo tem esse leitor? São questões feitas pelo jornalista para identificar o leitor do jornal: é a fase da identificação. A partir da simbiose entre o leitor e o jornal, conclui-se que tipo de *ethos* que o jornal vai ter.

A folha de São Paulo, jornal de circulação nacional, por exemplo, identifica-se como um jornal voltado para, no dizer do diretor de redação (*apud* MOURA, 2004, s/p), “...um indivíduo que tem certas expectativas e certas exigências em termos intelectuais, que está num patamar um pouco acima da sociedade como um todo (...) o veículo de informação do conjunto das elites é o jornal.”

O outro desafio, identificado o público-consumidor-alvo, é saber como informar. Como seduzir o leitor, como mantê-lo fiel ao jornal? Os processos de empatia são interligados a técnicas de manipulação da variável *nível de atenção*, estudadas em comunicação. Em resumo, não basta a notícia ser inédita, improvável e interessante; ela deve também ser “chamativa, vibrante, agradável, bonita e eficiente”(HERNANDES, 2006, p.73).

O leitor deve se identificar com a notícia, com os personagens da notícia e com os fatos que a notícia descreve. Marcondes filho diz que “não há ação ou envolvimento possível do receptor das notícias se estas não forem associadas à sua realidade específica. Sem a vinculação ao contexto de

vida; à experiência imediata, pessoal, não há politização possível” (MARCONDES FILHO, 1989, p.19).

O jornal, ao lado da objetividade, manipula as notícias dando tons maiores ou menores de sentimentos. Quer-se envolver afetivamente – pelo amor, temor ou ódio – o leitor que não é um sofredor compulsivo, mas, apenas, alguém inclinado a sentir. No dizer de Hernandes (2006, p.70.):

Os jornais (de TV) precisam manipular a atenção de telespectadores, ouvintes, internautas ou leitores nos níveis sensorial, passional e inteligível, para que se instaurem e se perpetuem os tão necessários laços com o público-alvo e também para que o público assuma determinados valores. O exame desses procedimentos revela o que estamos chamando de **gerenciamento do nível de atenção**, que funda e sustenta a relação jornais-público.

O gerenciamento do nível de atenção, no caso dos jornais, se define por estratégias na forma de diagramação, tamanho e forma das manchetes, tipo de linguagem e ritmo textual. Este último, bastante utilizado pelo telejornalismo e mídia escrita, cria textos mais longos ou mais curtos conforme de acordo com o assunto e interesse da quantidade de atenção que a ele seja dedicada.

Textos longos tendem a dispersar a atenção do leitor. Por isso, a maioria das notícias de jornal é breve e quando não tão breve, dividida em sub-itens, a fim de que o público-alvo, durante a leitura, não venha a se desinteressar. Observemos os seguintes exemplos, colhidos durante a constituição do *corpus* da pesquisa: o primeiro, expressa a brevidade; e o segundo, quando se torna longo, se dividido por item:

Notícia breve

Notícia 1.1

Últimas

Edição de segunda-feira, 1 de junho de 2009

Assalto // Vítima cai de muro ao tentar fugir

Apesar do policiamento, assaltos estão acontecendo nas imediações do Parque do Povo em pleno dia. Wellington Silva Santos, residente na rua José Aranha, no bairro de Nova Brasília foi vítima de tentativa de assalto, por volta das 5h de ontem, quando retornava para casa. Ao reagir, oito homens se aproximaram. Ele correu para escapar dos bandidos e subiu num muro de onde caiu sofrendo várias escoriações. No chão ele ainda apanhou bastante dos marginais. Wellington foi levado para o Hospital de Emergência e Trauma, onde passou por uma cirurgia na mão direita.

Notícia longa, dividida por item em destaque acrescentado.

Notícia 6.3**Cotidiano**

Edição de quinta-feira, 5 de novembro de 2009

Fraude milionária no INSS da Paraíba

PF desarticulou quadrilha acusada de aplicar golpe e causar prejuízo de R\$ 4,5 milhões aos cofres da União

Tatiana Brandão // tatianarocha.pb@diariosassociados.com.br

A Força Tarefa Previdenciária no Estado da Paraíba, composta pelo Ministério da Previdência Social, Departamento de Polícia Federal (DPF) e Ministério Público Federal (MPF), deflagrou, ontem, a Operação Cartão Mágico (OCM), com a prisão de quatro pessoas acusadas de fraudar a Previdência Social em Campina Grande. Foi presa uma pessoa em Maceió (AL) e outras três em Campina Grande, entre elas um servidor do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que trabalhava como técnico de Seguro Social.

A estimativa da PF é de que o golpe tenha causado um prejuízo de R\$ 4,5 milhões aos cofres da União, conforme análise, por amostragem, de 82 benefícios irregulares, concedidos entre 2001 e 2008. Com o dinheiro conseguido a partir da fraude, os golpistas adquiriram bens como casas, apartamentos, carros, entre outros. O Ministério Público Federal impetrou ação judicial, visando o sequestro imediato dos bens dos investigados.

De acordo com informações do superintendente da Polícia Federal na Paraíba, Sinomar Neto, no início do ano, a Previdência Social recebeu denúncias de que um servidor - que não teve seu nome revelado - estaria praticando fraudes contra a instituição. Ele agia em conjunto com a esposa, um irmão e uma cunhada, que também não tiveram suas identidades reveladas.

Além deles, uma outra pessoa participava da quadrilha, mas esta já estava falecida quando do início das investigações, em junho deste ano. Conforme explicou o delegado da PF, Gustavo Castro, o esquema fraudulento, provavelmente, tinha mais de 10 anos, mas o servidor que foi preso participava dele há três anos.

Segundo o representante do Ministério Público Federal, procurador Marcos Queiroga, o golpe se dava em duas vertentes. Na primeira, o servidor do INSS pegava documentos de outras pessoas, sem o conhecimento das mesmas, realizava pequenas alterações nos nomes dos titulares dos documentos, permitindo a manipulação de dados identificadores que não possibilitavam a constatação em simples consultas, resultando na concessão indevida de benefícios para pessoas que, na realidade, não existiam.

Nesse caso, as fraudes eram feitas a partir de documentos de pessoas residentes na Paraíba e em outros estados, a exemplo do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Bahia e Rio de Janeiro. "O próprio servidor do INSS que fraudava o sistema recebia as importâncias destes benefícios falsos", frisou Marcos Queiroga.

A segunda metodologia da fraude se dava com terceiras pessoas levando os documentos para o servidor, que inseria dados falsos no sistema, concedendo o benefício, de forma indevida, para segurados do INSS que, na verdade, ainda não tinham direito ao mesmo. Os valores dos benefícios para os segurados fantasmas chegavam a alcançar o teto de R\$ 3 mil. Já os benefícios indevidos variavam entre R\$ 500 e R\$ 1 mil.

Crimes

As pessoas envolvidas no esquema serão indiciadas pelas práticas dos crimes de estelionato qualificado (artigo 171), formação de quadrilha (artigo 288) e inserção de dados falsos em sistema de informática (artigo 313-A) do CPB, com previsão de penas de reclusão.

Os presos foram ouvidos durante todo o dia de ontem pelos delegados da PF. No final do dia, um dos presos, que possui nível superior, foi encaminhado ao Quartel da Polícia Militar, onde ficará

preso até o final das investigações. Os outros três, inclusive a cunhada do servidor do INSS, que foi presa em Maceió (AL) e trazida para Campina Grande, foram levados para o Presídio do Serrotão. Os crimes são inafiançáveis.

É como conclui **Hernandes (2006, p.89)**: “o ritmo é também uma estratégia de manipulação ideológica. Existe uma relação entre ritmo, tensão e o potencial de curiosidade da notícia. A maior ou menor aceleração do jornal ou de um fragmento tem razão de ser como parte da estratégia de se obter e manter a atenção do público”.

O assunto e a forma de abordá-lo são propositalmente selecionados pelo editor. Técnicas de captação e de gerenciamento de nível de atenção são utilizadas. É preciso vender. É preciso seduzir. É preciso fazer com que o leitor seja envolvido pela notícia. É necessário, ainda, fazer com que o leitor se sinta familiarizado com a notícia. Sinta-se verdadeiro personagem da história que está sendo retratada.

Segundo **Charaudeau (2006, p.39)**, “(...) comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos e sentidos para influenciar o outro”. E que assuntos são esses, os quais, através de estratégias discursivas, vão envolver e influenciar o outro?

Piedade e terror definem grande parte das paixões disfóricas mobilizadas diariamente pelos jornais na busca de projeção empática do público nos dramas dos personagens das notícias. As narrativas jornalísticas se impõem, do ponto de vista afetivo, porque ora tentam confundir-se com as narrativas da própria vida, mobilizando pelo temor – o medo da violência e a impotência diante da ação dos governos-, ora porque fazem aflorar sentimentos que irmanam leitores em relação aos dramas de famílias vítimas da guerra e do terrorismo, da fome, de tragédias naturais, de injustiça de todos os tipos. Nesses últimos casos, a mobilização é pela piedade. (grifos nossos) (HERNANDES, 2006, p.68).

A “violência”, aqui confundida com o crime, é um elemento comum de sedução, envolvimento e captação, pois mobiliza, numa sociedade tão heterogênea como a pós-moderna, um elemento comum e de alto poder catalisador: o temor pelo crescimento e descontrole da

criminalidade. Assim, nasce um casamento indissociável entre a mídia e o relato constante de crimes.

1.3 Mídia e crime

No item anterior, em breve digressão, afirmamos que a imprensa-notícia passou a coexistir com a imprensa-mercadoria. Para tanto, tornou-se necessário unir a busca pelo fato interessante ao poder de venda dos exemplares da mídia, sendo o jornalismo um conjunto de produtos extremamente vendável.

Diante dessa poderosa lógica mercantilista, algumas perspectivas são consideradas na hora da escolha das pautas de notícias, obedecendo-se a uma hierarquização de valores agregados aos fatos envolvendo personalidades da política local e nacional, vida privada de pessoas públicas, tais como atores, escritores, apresentadores de TV, a atualidade. Segundo a classificação de Cornu (1994, p.332), a mídia noticia fatos atuais: **fatos institucionais**, **temas do momento** e **os *faits divers***.

Os **fatos institucionais** se referem às notícias que provêm das instituições políticas, econômicas e culturais. Os **temas determinantes do momento** são aqueles que não sendo fatos institucionais, ganham determinado destaque, por razões múltiplas, e após curto espaço de tempo deixam de ser comentados (seja porque uma solução foi alcançada, seja porque uma das instituições estatais absorveu o fato para solucioná-lo). Por fim, *os faits divers* agrupam “os pequenos acontecimentos e dramas do dia-a-dia (roubos assaltos, acidentes incêndios, etc.) de que é vítima ou protagonista o homem comum”(CORNU, 1994, p.294).

Explorando as categorias acima mencionadas, os jornais encontraram uma fórmula perfeita para o quesito notícia-vendável. Trata-se da tríade formada por assuntos que envolvem sexo, esporte e crime. Divulgá-los com destaque é aumento certo nas vendas (cf. ROMÃO, 1980, P.148).

Para o presente estudo, interessa como o terceiro elemento da tríade mencionada é objeto do discurso jornalístico. O crime atende tanto a requisitos do discurso-jornalístico propriamente dito (discurso informativo) quanto ao discurso-jornalístico-mercantil. O delito é sempre visto como um comportamento desviante e, portanto, diferente do *normal*. A conduta *normal* já é conhecida e como o ser humano é atraído pelo inusitado, o *anormal* é sempre sedutor:

É o *monstruoso*, transformado em espetáculo, que melhor seduz o olhar, provocando efeitos de medo ou riso nervoso. Daí, a enorme ênfase dada pela mídia ao crime e à violência: ‘seja escatológico ou teratológico, quando voltado apenas para a provocação superficial de um choque perceptivo, geralmente com intenções sensacionalistas, o fenômeno pode ser classificado como ‘*grotesco chocante*’. (SOUZA, 2005) (grifos nossos)

Recorramos a um exemplo do “grotesco chocante”:

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 15 de outubro de 2009

Lixo é motivo de crime

Catador Bonerges Lima estava trabalhando quando foi alvejado com um tiro. Vítima suspeita de colega de profissão

Márcio Rangel // marciorangel.pb@diariosassociados.com.br

Disputa por lixo. Esse foi o motivo que levou um catador de lixo ferir o próprio colega com um disparo de arma de fogo na noite da última terça-feira, no lixão de Campina Grande. A vítima foi Bonerges Lima Lopes, 28 anos, morador da Rua Angola, no bairro do Mutirão. Segundo Bonerges, ele estava em companhia do padraсто, o também catador Edvaldo Lourenço de Farias, 33, quando tudo aconteceu. "Eu estava trabalhando quando fui surpreendido pelo disparo. Não cheguei a ver quem tinha atirado, mas tenho suspeita de que tenha sido um outro catador que discutiu comigo a semana passada por causa de uns materiais que eu recolhi durante a noite e ele disse que o lixo lhe pertencia. Como eu não devolvi o material, ele me ameaçou várias vezes" revelou a vítima

O tipo de linguagem usada já anuncia o grotesco: “lixo é motivo de crime”. “Lixo”, no imaginário social, é tudo aquilo que se joga fora por ser inútil, sujo e inservível. Como detritos podem ser motivos para um crime? É como esse tipo de emoção que a notícia vai mexer. E, durante a matéria, vêm os detalhes: *um catador de lixo mata o outro, por este não querer lhe entregar o lixo*.

A recorrente tematização do crime pela mídia culminou em diversos estudos, pelas mais diferentes disciplinas. Na criminologia, foram desenvolvidas teorias que tentam explicar de que forma se dá a relação entre mídia, crime e sociedade. Vejamos, a seguir, algumas dessas teorias.

1.3.1 Teoria da Disciplina e o Medo Coletivo

Reiner (2002, p.399 *apud* CARVALHO, 2009), criminólogo, afirma que em torno do binômio mídia-crime existem quatro teorias. A primeira – a *desubordination thesis* - se relacionaria com a ideia de que ao divulgar crimes, os meios de comunicação estão, na verdade, incentivando a prática da conduta desviante:

E caso o cidadão já tenha algum tipo de predisposição ao crime, então algumas pesquisas têm apontado no sentido de que, este cidadão, sim, pode ser influenciado pelos órgãos da mídia, na medida em que os mesmos divulgam diariamente vários tipos de crime, seus meios de execução e diferentes graus de apologia aos criminosos (ANDRADE, 2007, p.117).

Exemplo disso, defendem alguns (VIEIRA *et al*, 2009), ocorreu em outubro de 2007, quando um estudante norte-americano, com 14 anos de idade, entra na *Sucess Tech*, uma escola pública localizada em Cleveland – EUA, e dispara, indiscriminadamente contra professores e alunos, deixando ao menos, cinco feridos. Após, os disparos, o estudante se suicidou. O fato foi amplamente divulgado pela imprensa brasileira¹⁴.

Em abril de 2011, na Escola Municipal Tasso Silveira, localizada no Realengo, Zona oeste do Rio de Janeiro, um jovem estudante atirou contra alunos que assistiam a aulas em diferentes salas. Onze crianças morreram e treze ficaram feridas. Depois, o estudante se suicidou¹⁵. Segundo RODRIGUES (1996, p.270):

A criminologia é rica de casos em que, no cometimento de crimes ou fatos antissociais, foram utilizados meios ou estratégias induzida pelas mídias. (...) Os órgãos de comunicação social podem mesmo desempenhar uma ação preponderante, gerando-se um efeito curioso de interação entre os fatos e sua mediatização.

O estudo de Riner (2002, p.399 *apud* CARVALHO, 2009) apresenta ainda a **teoria da disciplina** – *discipline thesis* –, segundo a qual a divulgação constante e destacada dos crimes pela

Folha de São Paulo. **Veja os mais recentes crimes cometidos em escolas dos EUA**. Disponível em [tp://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u106494.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u106494.shtml). Acesso em 05.06.2011;

Portal Globo. **Estudante entre em escola em Realengo, mata estudantes e se suicida**.

[tp://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html](http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html). Acesso em 05.06.2011

mass media contribui, por um lado, para a construção de um medo coletivo e, por outro, para o apoio constante a uma política (cada vez mais) punitiva. Nesse sentido:

As imagens de violência e crueldade apresentadas diariamente pela imprensa acabam integrando a psique do sujeito, que passa a ter a sensação de que a violência é onipresente e que vai tocá-lo a qualquer momento. Assassinatos, seqüestros, tráfico de drogas e tantos outros delitos parecem ter se instalado de vez no seio das sociedades, gerando um clima de medo e insegurança generalizados. (SOUZA, 2005)

A Teoria da Disciplina, é confirmada, nos diferentes períodos analisados, em várias notícias coletadas. Do período 01 (junho/2009) ao período 05 (outubro/2009), esse discurso do “medo coletivo” é identificado em publicações esporádicas. No período 06 – novembro de 2009 – essa característica - “medo generalizante” – se firma apresentando-se como uma característica constante na maioria das matérias publicadas:

Notícia 6.17

Cotidiano

Edição de terça-feira, 10 de novembro de 2009

Medo e violência no bairro da Glória

Após quatro assassinatos em um único final de semana, moradores estão apreensivos e assustados
Márcio Rangel // marciorangel.pb@dabr.com.br

Criado no ano de 2003, e atualmente habitado com mais de mil famílias, o bairro da Glória, localizado na zona leste de Campina Grande, foi marcado pela dor e o medo durante o último final semana. Detentora de um dos mais altos índices de pobreza da cidade após quatro assassinatos, a comunidade está apreensiva para o que eles chamam de "acerto de contas" entre os bandidos. Maria Aparecida Carneiro, 37 anos, é mãe de quatro filhos e mora no Glória desde a fundação do bairro, após os episódios de violência registrados no final de semana passado, ela revelou que mudou a rotina dentro de sua casa. **"Aqui está todo mundo em clima de pânico. Eu mesma não deixo meus filhos mais brincarem no meio da rua. Desde sábado, os bandidos estão tomando de conta da comunidade. Eu mesmo tenho até medo de sair na porta de casa"**, declarou.

O crime que acabou chocando todo o estado foi o triplo homicídio acontecido no final da noite do último sábado, onde foram mortas a dona de casa, Maria José da Silva, 38; sua filha Tiara Maria da Silva, 16, e uma amiga da família, a estudante Isley Valeska Alves da Silva, 15.

Elas foram alvejadas com 22 tiros de revólver e pistola por um grupo de bandidos. O principal acusado é o ex-namorado de Tiara Maria, o presidiário José Márcio de Lino, 20, que revoltado com a separação, já havia avisado a jovem que praticaria o crime.

Ao todo, oito pessoas participaram da ação, no entanto, apenas quatro foram liberadas e as outras confessaram a prática do delito e foram autuadas em flagrante, são eles: José Márcio de Lino, 20, Roney Fidélis Bezerra, 18; Evandro da Silva, 19; e um adolescente de 15 anos, continuam apreendidos. No caso do adolescente, segundo a PM, ele estaria sendo usado pelos demais acusados para assumir toda a autoria dos crimes.

O outro assassinato registrado no bairro da Glória aconteceu por volta das 17h30 do último domingo, em um terreno baldio, e teve como vítima o estudante Jefferson da Silva Ramos, 17. O

jovem foi morto com um tiro na cabeça a cerca de 100 metros de sua casa, quando se dirigia para a casa da namorada. "O que eu soube é que foram dois homens que estavam em uma moto, de cor vermelha. Eles chegaram próximo de Jefferson e atiraram na cabeça e depois fugiram", revelou José Ferreira Pontes, 35, marido da tia da vítima.

Jefferson ainda foi socorrido por uma ambulância do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) para o Hospital Antônio Targino, mas não resistiu ao ferimento e faleceu.

O medo dos moradores em repassar informações termina atrapalhando o trabalho de investigação da polícia. A "lei do silêncio" impera na comunidade, porque, segundo os próprios moradores, quem fala demais termina com o mesmo fim: a morte. "É claro que ninguém aqui vai falar nada. Para quê? Para morrer também? Viver no bairro da Glória nesses últimos dias tem sido um inferno", revelou uma das moradoras do bairro da Glória, que por medo, pediu para não ser identificada.
(grifos nossos)

A matéria inicia com a manchete "Medo e Violência no Bairro da Glória" e segue dizendo "...após quatro assassinatos em um único final de semana, moradores estão apreensivos e assustados". Só com a leitura integral se descobre que foram dois episódios: o primeiro, em que morreram três pessoas, resultado do ciúme e insatisfação de um homem, em face do término do namoro (as outras vítimas foram atingidas porque estavam próximas do único alvo que era a ex-namorada) e o outro episódio, envolvendo um estudante de 17 anos.

Para comprovar a situação de medo, é citada a fala de uma moradora que viu o bairro nascer: "Aqui está todo mundo em clima de pânico. Eu mesma não deixo meus filhos mais brincarem no meio da rua. Desde sábado, os bandidos estão tomando de conta da comunidade. Eu mesmo tenho até medo de sair na porta de casa".

O curioso é que os responsáveis pelo triplo homicídio que "chocou" os moradores do bairro foram identificados e presos em menos de 72 horas (o crime aconteceu no sábado¹⁶, e os acusados, na segunda-feira, seguinte já estavam presos). A matéria, num parágrafo discreto, esclarece, rapidamente, que oito pessoas participaram da ação, estando quatro delas presas, sob custódia da justiça. Vejamos outro exemplo, colhido no mês de novembro/09:

Notícia 6.36

¹⁶Notícia 6.15. Edição de Segunda-Feira, dia 09.11.2009: "Um crime sem precedentes. Foi assim que o comando do 2 Batalhão da PM classificou o homicídio registrado no final da noite do último sábado, no bairro da Glória".

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 19 de novembro de 2009

Violência assusta moradores

Os moradores da Rua Marinaldo Batista Filho, no bairro da Ramadinha II, estão assustados com a frequente onda de violência registrada no local. Isso por que em menos de um mês, dois homicídios aconteceram no mesmo local. No último dia 27 de outubro, o também ex-presidiário Flaviano da Silva Santos, 21, chegava em casa, quando foi surpreendido por um homem armado com um revólver calibre 38, que o assassinou com quatro tiros.

Os dois crimes têm características bastante parecidas, aconteceu também por volta das 6h30 e a vítima foi executada no meio da rua, sem nenhuma chance de defesa.

"Sinceramente, moro aqui por que não tenho outro lugar para ir. A violência aqui é muito grande. O povo está matando à luz do dia. Eu fico em casa, de portas fechadas, por que meu marido sai para trabalhar e meu menino vai para escola de manhã e eu fico sozinha, morrendo de medo", declarou a doméstica Carla da Silva Nascimento, 32, que reside na comunidade há mais de cinco anos.

A polícia continua investigando os dois homicídios, mas ainda não conseguiu identificar nem prender nenhum suspeito.

A manchete anuncia o medo "Violência assusta moradores". A fala de uma única moradora confirma a sentença: "A violência aqui é muito grande. O povo está matando à luz do dia. Eu fico em casa de portas fechadas (...) morrendo de medo". E tudo, ainda se torna mais preocupante e grave porque "a polícia continua investigando, mas ainda não conseguiu identificar nem prender nenhum suspeito".

São dois crimes, mas a matéria só descreve um: contra o ex-presidiário Flaviano da Silva. Também não é esclarecido por qual crime Flaviano estava preso, nem há quanto tempo saíra. Quanto ao segundo assassinado, não se sabe nem seu nome. O móvel da matéria, então, é "alertar" as pessoas para a situação de violência que vive o bairro e lembrar a inapetência do Estado em combatê-la, visto que ainda não se tem sequer suspeitos do crime. Como dito, nos outros períodos se colhe uma ou outra notícia com as características descritas pela teoria da disciplina:

Últimas

Edição de terça-feira, 23 de junho de 2009

Moradores amedrontados

Depois da morte da professora de inglês no último final de semana, população cobra da polícia mais segurança

Isabela Alencar // isabelaalencar.pb@diariosassociados.com.br

A Polícia Civil de Campina Grande ainda não iniciou as investigações sobre o assassinato da professora de inglês, Gilmara da Costa Silva, 29 anos, ocorrida antcontem, entre os bairros dos

Cuités e Jenipapo. Somente no final da tarde de ontem, o caso foi repassado para a Delegacia de Roubos e Furtos, já que o crime será tratado como latrocínio (roubo seguido de morte). De acordo com agentes de polícia que estiveram no plantão no dia do crime, dois homens estão sendo apontados como suspeitos do homicídio. Eles seriam da mesma região onde o crime aconteceu e teriam sido denunciados pela comunidade. O superintendente da PC, Ariosvaldo Adelino, entretanto, não confirmou a informação.

A polícia, segundo Adelino, vai trabalhar com a hipótese de latrocínio para elucidar a morte da professora. O crime deixou as comunidades dos dois bairros indignadas e assustadas. Conforme informações de uma professora, que só quis ser identificada como Gilvanete, o local onde ocorreu o crime é a única estrada que interliga os dois bairros e também a zona rural. "Antes havia um posto da Operação Manzuá, que foi desativado há muito tempo. Depois disso, a violência aumentou muito. A estrada é conhecida pelo perigo que oferece. Como os moradores da zona rural não têm outra alternativa, são alvos constantes dos assaltantes", afirmou.

O assessor de comunicação do 2º Batalhão de Polícia Militar, capitão Hilmário Xavier, disse que a estrutura da manzuá do local já não tem mais possibilidades de abrigar os policiais. De acordo com ele, a desativação foi realizada durante o comando passado. A PM também está estudando a viabilidade ou não da reativação da manzuá naquela área, assim como o aumento das rondas policiais.

Crime

A professora de inglês Gilmara da Costa Silva havia acabado de passar para um concurso no magistério e morava no residencial Santa Bárbara I, no bairro do Dinamérica. Ela e mais dois amigos, não identificados, estavam se dirigindo a uma festa rave, no Castelo do Alemão, no bairro dos Cuités, quando foram abordados pelos bandidos. A professora levou um tiro de um deles e não resistiu aos ferimentos.

(grifos nossos)

A manchete avisa “moradores amedrontados”. No domingo, 21 de junho, uma professora, recém-aprovada num concurso para o magistério (uma trabalhadora honesta, portanto) foi morta com dois tiros por homens não identificados. A polícia, conforme esclarecido, na terça-feira, “ainda não iniciou as investigações do assassinato”. O fato, ainda, é mais preocupante e, por isso, os moradores devem permanecer amedrontados, porque o local é alvo de constantes assaltos, conforme afirma uma moradora do local (uma profunda conhecedora do que ali ocorre, portanto).

Por fim, quem, com tudo isso, ainda não se amedrontou, deve repensar sua postura, pois, no local, “antes havia um posto da Operação Manzuá, que foi desativado há muito tempo. Depois disso, a violência aumentou muito”. E, mesmo após o “assassinato”, “O assessor de comunicação do 2º Batalhão de Polícia Militar, capitão Hilmário Xavier, disse que a estrutura da manzuá do local já não tem mais possibilidades de abrigar os policiais.”. A violência, então, seria inevitável.

A matéria afirma que as investigações sequer foram iniciadas, mas não explica como, apesar disso, a polícia já teria dois suspeitos e uma possível linha de investigação: latrocínio (roubo seguido de morte) e não homicídio. Também há pouca ênfase na fala do assessor da Polícia Militar

quando afirma que “A PM também está estudando a viabilidade ou não da reativação da manzuá naquela área, assim como o aumento das rondas policiais.”

Semelhante fato, caso ausente o objetivo de disseminar o medo coletivo (“medo” é muito vendável), poderia ser assim destacado em manchete: “Morte da Professora: Polícia Civil já tem dois suspeitos e Polícia Militar estuda reativação da *manzuá* e aumento de rondas no local”.

Bauman (2008, pp.28-29), sociólogo da pós-modernidade, escreve sobre esse medo coletivo, nominando-o de “medo líquido”, que “pode vazar de qualquer fresta de nossas janelas, de uma página de jornal ou de um raio luminoso vindo da televisão”. A sociedade, então, sofreria de uma espécie de “síndrome de Titanic”: um temor de um “colapso ou catástrofe capaz de atingir todos” ferindo “cega e indiscriminadamente, de modo aleatório e inexplicável, encontrando todos despreparados e indefesos”.

Acerca da forma de difusão desse medo, acrescenta Bauman (idem): “**o fato de tais medos não serem absolutamente imaginários** pode ser confirmado pela **autoridade dominante da mídia**, que defende –visível e tangivelmente – uma realidade que não se pode ver nem tocar sem a ajuda dela” (grifos nossos).

Ainda na **teoria da disciplina**, defende-se que como consequência do “medo coletivo”, haveria apoio em favor de uma política cada vez mais punitiva. Por isso, seria comum observar notícias que sugerem o aumento de penalidades:

Notícia 3.11

Cotidiano

Edição de sábado, 15 de agosto de 2009

Nova lei // Pena mais severa para os pedófilos

Antonio Ribeiro // antoniosilva.pb@diariosassociados.com.br

Já está em vigor no país a Lei 12.015, que altera o Código Penal, o Estatuto da Criança e Adolescente e a legislação dos crimes hediondos, apresentando penas mais severas para os casos de pedofilia e de crimes contra a liberdade sexual. Para o juiz Alberto Quaresma, interino da Vara da Infância e Juventude da Comarca de Campina Grande, a partir de agora, quem atentar contra a sexualidade de um menor será punido de maneira mais rígida.

Conforme o magistrado, com a nova legislação haverá um maior rigor para quem cometer crimes contra a liberdade sexual, principalmente quando há o envolvimento de menores de idade. (...)

Notícia 2.19

Últimas

Edição de terça-feira, 14 de julho de 2009

Mais punição para os pais

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) completou, ontem, 19 anos. Para o promotor Herbert Douglas Targino, da Curadoria da Infância e Juventude, a evasão escolar ainda é o principal problema que afeta crianças e adolescentes em Campina Grande. Atualmente, o município conta com mais de 88 mil alunos na rede pública de ensino e cerca de 22% deles ainda faltam aulas ou estão fora da escola.

O promotor Herbert Targino encaminhou ofício para a Delegacia do Menor e conselhos tutelares da cidade, solicitando a responsabilização dos pais acusados de abandono intelectual ou moral dos filhos com idades de 0 a 18 anos. "Qualquer caso registrado a partir de agora os pais irão responder a um procedimento policial e poderá ser preso", afirmou.

O artigo 249 do ECA, que trata do abandono intelectual de menores, prevê multa de três a 20 salários mínimos de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência. Caso seja comprovada a culpa dos pais, eles também podem responder pelo artigo 246 do Código Penal e serem condenados a até um mês de detenção.

Já o crime de abandono moral da criança ou do adolescente, exposto no artigo 247 do ECA, prevê até três anos de prisão. Isso inclui a exposição de crianças e adolescentes à mendicância. "O nosso objetivo é despertar a consciência dos pais de que o futuro dos seus filhos depende da educação. O menor que está fora da sala de aula estará dentro das lanhouses, exposto ao tráfico de drogas, à violência, totalmente fora do controle social da família", comentou o promotor.

Segundo o Ministério Público, cerca de 22% dos alunos da rede pública estão fora da sala de aula

Políticas públicas

Ele alerta ainda que os pais devem estabelecer uma relação de respeito com os filhos e impor limites saudáveis em prol de uma boa formação. Vale salientar, segundo o promotor, que a culpa não é somente dos pais. A falta de políticas públicas também contribui. "Sabemos que existem programas para retirar os menores das ruas, mas ao chegarmos em um sinal de trânsito vemos garotos e garotas trabalhando", afirmou Targino.

Outro problema grave que atinge as crianças e adolescentes de Campina Grande é a falta de um local direcionado à internação de menores viciados em drogas. O promotor cita que algumas mães chegam desesperadas, pedindo às autoridades que internem os filhos viciados, porém não há um lugar apropriado para encaminhar os adolescentes. "Nesses 19 anos, o Eca já promoveu mudanças na forma de tratamento de cerca de 62 milhões de crianças e adolescentes que vivem em nosso país, mas ainda falta a prática de políticas públicas eficientes", concluiu Herbert Targino.

Na notícia 2.19, observa-se que o problema retratado é a evasão escolar. Contudo, embora a questão guarde raízes na falta de políticas públicas (fato esclarecido pelo Promotor da infância e juventude), a solução apresentada é a responsabilização criminal: "mais punição para os pais". A fala do Promotor, como símbolo da Autoridade, esclarece que o problema, antes tratado de forma

administrativa, terá repercussões penais: "Qualquer caso registrado a partir de agora os pais irão responder a um procedimento policial e poderá (sic) ser preso".

Para a **teoria libertária** – *libertarian thesis* –, não há qualquer nexo de causalidade entre a divulgação de condutas criminosas pelos meios de comunicação e o comportamento do receptor.

Segundo Andrade (2007, p.116):

Os estudiosos que se dedicaram ao assunto têm encontrado dificuldades em estabelecer uma relação inequívoca e definitiva entre a péssima qualidade do serviço prestado por alguns órgãos da mídia, especialmente da programação dedicada à difusão da mensagem de conteúdo violento veiculado pela TV, e o nascimento da vontade do telespectador em cometer algum tipo de crime.

A maioria dos jornalistas argumenta que as notícias divulgadas na mídia não são senão um espelho da própria realidade. Se a sociedade está mais violenta, a imprensa divulga mais notícias acerca da violência criminosa. Se os órgãos policiais diminuem o sentimento da impunidade, a imprensa divulga as operações e prisões feitas:

Notícia 1.17

Cotidiano

Edição de terça-feira, 23 de junho de 2009

São João // Polícia registra poucas ocorrências

Notícia 2.29

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 23 de julho de 2009

Troca de tiros // PM prende suspeitos de crimes em CG

Notícia 3.6

Cotidiano

Edição de segunda-feira, 10 de agosto de 2009

PM prende acusados de sequestro em CG

Notícia 4.14

Cotidiano

Edição de sábado, 5 de setembro de 2009

Quadrilha acusada de tráfico de drogas é presa em CG

Notícia 5.9

Cotidiano

Edição de sábado, 3 de outubro de 2009

Assalto // Fugitivo de presídio recapturado

Notícia 6.20

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 12 de novembro de 2009

Operação Verão intensifica atividades nos finais de semana

A imprensa (através dos jornalistas) funcionaria, segundo os teóricos¹⁷ dessa corrente, como um fotógrafo que apenas capta a realidade e divide o fato captado com os demais membros de um corpo social. É utópico, para os defensores desta teoria, que se tenha a sociedade como uma massa inerte que se deixe inocular e influenciar por qualquer fato divulgado.

Exemplo de que opinião pública não é produzida diretamente pelos *mass media* foi o fato ocorrido no Brasil, em 2005. Cumprindo preceito existente no Estatuto do Desarmamento, o Governo Brasileiro propôs uma consulta popular, a fim de que a sociedade se manifestasse acerca, salvo exceções previstas em lei, da proibição de comercialização de armas de fogo e munição no país. A rede de TV Globo foi abertamente pela proibição da comercialização, promovendo depoimentos e longas reportagens sobre o perigo das armas e sua vinculação com o tráfico de drogas e aumento da criminalidade. Apesar disso, a população brasileira, contrariando a proposta sugestiva da TV Globo, aceitou a comercialização.

A teoria libertária, conforme exposto, lida com a recepção dos discursos midiáticos, fato que foge ao objeto desta pesquisa que enfrenta, apenas, a produção desses discursos. Por essa razão, tal concepção não será utilizada no decorrer do trabalho e é citada para compor o universo do estudo da relações entre crime, mídia e sociedade.

Por último, para a **teoria pluralista - pluralistic thesis** – a mídia é um fenômeno complexo, um palco de luta entre interesses, pressões e perspectivas diferentes, cujos efeitos na opinião pública não podem ser considerados absolutos e/ ou inquestionáveis. Em excerto abaixo transcrito, Charaudeau (2006, p.23) traduz essa complexidade:

¹⁷ Entre eles, Walter Lippman.

De um ponto de vista analítico, pode-se constatar que as mídias de informação são objeto de estudos diferentes. Uns, de filiação mais especulativa, como os **estudos filosóficos e antropológicos**, inserem-nas numa problemática geral que se interroga a respeito do **valor simbólico dos signos, seu lugar na sociedade, as semelhanças e diferenças que as mídias apresentam ao se inscreverem em espaços culturais diversos, sua perenidade ou sua transformação quando observadas através dos tempos**; outros estudos de filiação mais experimental, como os **estudos psicossociológicos**, destacam alguns componentes desse objeto para estudar as **operações psicossociocognitivas** necessárias para que os sujeitos produzam ou consumam os signos de informação; outros enfim, de filiação **empírico-dedutiva**, como os **estudos sociológicos e semiológicos** que partem de uma teoria do recorte do objeto empírico (*corpus*) valem-se de instrumentos de análise que lhes permitam explicar os efeitos da significância que tal objeto produz em situação de troca social. (grifos nossos)

Essa teoria é uma espécie mista, que agrega os elementos das já citadas, acrescentando outros. Impossível analisar a mídia e o crime e a relação entre esses sem atentar para a história das sociedades, os interesses da atualidade e as direções dos feixes de poderes. A teoria plural surge como um contrapeso à mono-abordagem, convidando o pesquisador a questionar suas conclusões produzidas a partir de pontos de vistas particulares, sopesando-as com diversas perspectivas possíveis.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DE CONTEÚDO ENQUANTO SCRIPT METODOLÓGICO: ETAPAS, DEFINIÇÕES E JUSTIFICATIVAS

A Sociologia, como todas as ciências humanas, exige um cuidado específico no conduzir da pesquisa. O objeto da pesquisa sociológica é recortado na vida social e nesta estão misturadas as pré-noções, as concepções e representações dos indivíduos cujas experiências, ações, discursos, serão analisadas. Daí, Bourdieu (1999, p.9) afirma que “na realidade, o esforço para interrogar uma ciência particular com a ajuda dos princípios gerais, (...) justifica-se e impõe em particular, no caso da sociologia”.

Ao sociólogo cabe a missão de criticar, na construção do seu objeto, a linguagem corrente e as noções comuns em que ele se encontra imerso. A maioria de nós possui pré-concepções advindas do senso comum sobre o crime, sobre a imprensa e sobre como esta lida com notícias acerca da criminalidade. Para constituir a objetividade da análise, é imprescindível o que Bourdieu (*idem*, p.23) chama de vigilância epistemológica, um conjunto de hábitos intelectuais para combater a “sociologia espontânea” que paira sobre nossas tentativas de interpretação do mundo social.

Na nossa abordagem das maneiras pelas quais o crime e a criminalidade são apresentados nas notícias de jornais, escolhemos a Análise de Conteúdo (AC), um método de análise de textos desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas (BAUER, 2007, p.190) através do qual “tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo” (MOSCOVIS, 2003 *apud* OLIVEIRA, 2008). Usando esse método é possível estudar estruturas semânticas (significantes), sem descuidar das estruturas sociológicas (significados dos enunciados). A AC é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, os quais, analisados adequadamente, nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis (MORAES, 1999).

Assim, o desvelar do conteúdo relaciona-se com um exercício metodológico de interpretação e investigação do intratexto, do emissor e do destinatário do objeto-documento. Apesar de não existirem regras absolutas, pois cada pesquisa vai revelando novas necessidades e possibilidades, a análise de conteúdo apresenta objetivos e fases claras para essa atividade de perscrutamento.

Essa metodologia permite uma espécie de liberdade limitada que permite ao pesquisador ir para além do texto, sem mergulhar nas complexas construções gramático-semânticas da análise de discurso, a possibilidade de organizar o pensamento em categorias, criadas a partir de índices, como uma bússola mínima a indicar o caminho para a interpretação

Para além do exposto, em obra clássica, Bardin (2010, p.23) explica o duplo viés permitido pelo método. É possível quantificar (investigar a frequência com que surgem certas características do conteúdo), sem descuidar da ótica qualitativa que nos faculta analisar “a presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração”.

Numa linguagem mais transparente, tem-se que a análise quantitativa de conteúdo se debruça sobre dados descritivos obtidos através de um método estatístico, permitindo a *observação controlada*, a qual, na análise qualitativa, é substituída por um método mais intuitivo, subjetivo e, portanto, mais flexível para alcançar índices não previstos. Através dela, procura-se o não escrito, o que está por trás do texto: quem, como e para quem foi produzido o texto? Quais os acontecimentos paralelos e/ou contrários ao exposto no texto?

Para o perfeito desenvolvimento da metodologia, o pesquisador deve cumprir determinadas etapas: (1) a pré-análise; (2) a exploração do material e;(3) por último, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (BARDIN, 2010, p.121).

2.1 Etapas do Método

A pré-análise é a primeira etapa. Momento de organização e escolha do material e assunto a ser estudado. É nesse momento que o pesquisador se permite uma investigação ampla de testes acerca do material a ser analisado. Em meio, ou antes, da escolha do material, é também nesse período que as hipóteses e objetivos são formulados.

De início, é recomendada a **leitura flutuante** (BARDIN, 2010, p.122), que, sendo a primeira atividade da pré-análise, consiste em “estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações”. É um período de liberdade plena, em que o pesquisador se permite, dentro da temática selecionada, conhecer o universo disponível para a pesquisa.

Em seguida, parte-se para a fase da **escolha dos documentos**. Estando o objetivo pré-determinado, é necessária a demarcação através da constituição de um *corpus*: “conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (*idem*).

Para **demarcar o corpus**, pode ser utilizada a regra da exaustividade – onde todos os elementos sem exceção devem ser considerados – e, em determinados casos, como o utilizado na nossa pesquisa, a regra da representatividade – que se faz por amostras, uma espécie de sondagem, delimitada por cotas (*idem*, p.123).

A **formulação de hipóteses e objetivos** não têm momento pré-estabelecido. A pesquisa, então, pode ser iniciada sem hipótese e objetivo e a partir das leituras chega-se à formulação. Ou constróem-se a hipótese e o objetivo, partindo-se para o estudo. As variações são ilimitadas.

Hipótese, para que não reste dúvida, é uma resposta possível a uma questão de pesquisa, “uma afirmação provisória que nos propomos verificar, recorrendo aos procedimentos de análise”. O objetivo é “a finalidade geral a que nos propomos, o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados” (*idem*, p.124).

Uma vez selecionado o **material**, passe-se à sua **preparação**, através de uma edição, onde cada elemento do *corpus*, deve ser numerado e devidamente individualizado. É possível a utilização de recursos informáticos, e, se for o caso, o material deve estar apto a atender a especificidade do programa tecnológico utilizado.

É recomendável, ainda, **a criação de índices de referências e elaboração de indicadores**, uma espécie de operação de “recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e codificação para registro dos dados” (*idem*, p.126).

2.2 Praticando o Método

A atividade policial leva o mais pacato e desavisado dos cidadãos a se deparar, analisar, enfrentar e compreender o crime, bem como os meios mais adequados para puni-lo. Encerrado o expediente, o trabalho continua nas conversas informais entre amigos, nas conversas formais entre vizinhos/estranhos e, principalmente, na recorrente cobertura que jornais, redes de televisão, revistas e portais da internet fazem da criminalidade.

Nossa “intimidade” com a atividade delituosa permitiu a reflexão acerca da especificidade com que a mídia tratava esse tema. Mas, daí a transformar a curiosidade em pesquisa, exigia-se mais que uma inquietação pessoal. Por isso, concluída a escolha do tema – a representação midiática do crime – era necessário avançar nos recortes para se alcançar os objetivos e formular as hipóteses. Nesse sentido, a revisão da literatura sobre nossa temática e o trabalho de investimento teórico foram ferramentas fundamentais para a construção de um olhar sociológico sobre a produção e veiculação de notícias sobre o crime e a criminalidade.

Diante disso, a **leitura flutuante** foi desenvolvida, de modo mais sistemático, durante dois meses, voltando-se o olhar para (as notícias acerca da criminalidade) nos jornais televisivos,

revistas/periódicos de circulação nacional, jornais estaduais e de circulação nacional, programas de rádio, bem como portais da internet, com temática nacional.

Como esperado, a leitura vai se tornando mais precisa e emerge a necessidade do recorte e da escolha dos documentos. A pré-análise confirma que “há uma clara delimitação de tarefas: a televisão e o rádio dão a notícia em primeira mão; o jornal aprofunda no dia seguinte” (ANDRADE, 2007, p.55).

Seguindo essa lógica, escolhemos as notícias do jornal escrito como texto a ser analisado. É preciso, seguindo a técnica metodológica, proceder à **escolha dos documentos**. Das infinitas possibilidades de jornais a serem escolhidos, optamos, considerando a regra da representatividade e amostra ao acaso, inicialmente pelo Jornal Correio da Paraíba.

Iniciadas as diligências para a coleta dos dados, descobrimos que as edições disponíveis para pesquisa, desse Jornal, localizavam-se, apenas na cidade de João Pessoa-PB. Viajando para lá, em agosto de 2010, constatamos que a sala-arquivo, estava em reforma, sem data prevista de término, e não podia, à época, agendar e receber visitantes-pesquisadores. Recorremos ao Jornal da Paraíba, cujo arquivo se localiza em Campina Grande-PB, e lá fomos advertidas de que o material pesquisado não pode ser fotocopiado.

Finalmente, dirigimo-nos à sala arquivo do Jornal Diário da Borborema, localizada em Campina Grande-PB, a qual também estava em reforma, com prazo para breve inauguração. Todavia, após a reforma, nova sistemática para pesquisa seria implantada naquela sala-arquivo: o visitante deveria despende uma quantia em dinheiro por dia pesquisado, não podendo fotocopiar o material.

Diante de tudo isso, atendendo a sugestões feitas por funcionários do referido periódico, a coleta de dados foi desenvolvida através do portal eletrônico na internet do Jornal Diário da

Borborema¹⁸ (www.diariodaborborema.com.br) que disponibiliza a íntegra das notícias publicadas a partir do dia 10 de maio de 2009.

Considerando que a constituição do *corpus*, via regra de representatividade, pode ser feita a partir de escolhas ao acaso, optamos por um período razoável de 06 (seis) meses de notícias publicadas no Diário da Borborema, acerca de crimes ou questões ligadas à criminalidade, ocorridas em Campina Grande-PB.

Reunidos os dados, aplicamos o mês e o ano como **índices de referência**, tendo o *corpus* assim se constituído:

Junho/2009 -> Período 01
Julho/2009 -> Período 02
Agosto/2009 -> Período 03
Setembro/2009 -> Período 04
Outubro/2009 -> Período 05
Novembro/2009 -> Período 06

Demarcado o *corpus* a ser analisado, **formulamos o objetivo**: analisar o conteúdo das matérias sobre crime e criminalidade publicadas em jornais impressos em Campina Grande, tomando como referência a focalização nas funções sociais exercidas pela sua produção e veiculação e os eventuais processos de estigmatização por elas mediados, especificamente a partir do período escolhido. A partir daí, **construímos nossa questão** principal: Como os jornais retratam o crime e a criminalidade? **E as questões secundárias**: (1) as maneiras de falar sobre o crime e a criminalidade apresentam alguma relação com a hierarquização social envolvente? (2) quais as características do estilo de produção dos textos das matérias que tematiza o crime e a criminalidade - imperativo, sensacionalista, estigmatizante, ou utiliza um tom neutro e imparcial? (3) existiria uma hierarquização dos crimes, subjacente à produção do jornal analisado sobre a temática? Os indivíduos classificados como criminosos são tratados de maneira imparcial ou haveria um tratamento diferenciado, levando-se em conta sua localização social?

¹⁸ A partir de julho de 2011, o acesso ao portal ficou restrito aos assinantes.

Retomando as etapas metodológicas, seguimos na **preparação do material**, consistente na coleta do *corpus* a ser analisado. Observamos que o Diário da Borborema se autoproclama o “único jornal 100% de Campina Grande”¹⁹ e se subdivide nos seguintes Cadernos: *Política, Cotidiano, Economia, Brasil, Mundo, Cultura, Esportes* e *Últimas Notícias*.

Exercendo a leitura flutuante, constatamos que a maioria das matérias publicadas acerca da criminalidade e crimes ocorridos em Campina Grande se encontrava nos cadernos *Cotidiano* e *Últimas Notícias*, razão pela qual optamos pela reunião de dados, publicados por esses cadernos.

A **exploração do material**, segunda etapa desse processo, consiste em operações de **codificações, decomposição ou enumeração**, em função de regras previamente formuladas (BARDIN, 2010, p.127). A codificação consiste na transformação do texto primário (dados brutos) em texto secundário (resultado da análise de conteúdo), através de processos de recorte (decomposição), enumeração e classificação (escolha de categorias).

Conforme visto, o primeiro índice de referência, na presente pesquisa foi feita mês a mês, numerando-se cada período. Em seguida, partindo da necessidade de codificação e enumeração, estabelecemos a **unidade de registro (ou unidade de significado ou unidade de análise)** que “é o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente à classificação” (MORAES, 1999).

Dessa forma, tome-se como exemplo o período 01, referente ao mês de junho de 2009. De 01 de maio de 2009 a 30 de junho de 2009, foram contabilizadas 25 (vinte e cinco) matérias. Cada matéria, então, para se alcançar a unidade de análise, foi numerada separadamente, identificando-se o período em que foi publicada e sua ordem cronológica. Por exemplo, a 10ª (décima) matéria do período 01 (ou seja, junho/2009) ficou assim singularizada:

Período	Número (ordem cronológica) no período respectivo
	Matéria 1.10
	Cotidiano
	Edição de sábado, 13 de junho de 2009
	Multibank // Bandidos levam R\$ 20 mil

¹⁹ **Novo Projeto Torna Jornal Mais Atrativo.** Cotidiano. Edição de sexta-feira, 2 de outubro de 2009

Uma agência do Multibank foi arrombada durante a madrugada de ontem, por dois homens ainda não identificados pela polícia. O ladrões conseguiram furtar a quantia de R\$ 20 mil, depois que invadiram o local arrombando uma das portas. O fato aconteceu por volta das 3h.

Segundo informações dos vizinhos do estabelecimento, localizado na Rua Quebra Quilos, no centro de Campina Grande, dois homens suspeitos foram vistos rondando o local antes do furto.

Depois que conseguiram invadir o estabelecimento, os suspeitos arrombaram o cofre da agência com uma alavanca e retiraram todo o dinheiro do local.

O proprietário da agência, Jorge Pereira da Costa, só foi avisado horas depois do furto. Apesar das diligências policiais, nenhum suspeito foi encontrado. (IA)

Alguns manuais citam ainda a **unidade de contexto** (BARDIN, 2010, p.133). A unidade de contexto, aqui coincide com o índice de referência adotado (mês), é o segmento maior que permite a compreensão da unidade de registro. No exemplo acima dado, a unidade de contexto seria o mês de junho, o qual, por sua vez, apresenta 25 (vinte e cinco) unidades de registro (ou seja vinte e cinco matérias publicadass sobre crime e criminalidade em Campina Grande-PB).

O **tema ou categoria** é a “unidade de significação complexa”(*idem*, p.131). Assim, fazer uma análise de conteúdo temática-categorial é descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação, cuja presença, frequência e/ou ausência sejam essenciais na confirmação ou não das hipóteses inicialmente formuladas.

2.3 Análise de Conteúdo Categorial-Temática

No presente estudo, levamos em consideração os objetivos e hipóteses ventiladas para determinar as categorias. Pensamos que é preciso saber que tipos de crimes são (mais) noticiados e se ao noticiá-los é sugerida alguma espécie de penalidade. Por isso, as três primeiras categorias serão a natureza do crime, crimes mais noticiados e referência a estratégias de punição.

Em seguida, resta saber como são descritos aquele que cometeu e aquele contra quem foram cometidos os crimes, segundo as matérias jornalísticas reunidas. Além de localizar gênero e idade, buscaremos, na tentativa de alcançar algum processo de estigmatização, a profissão e o endereço.

Após a leitura flutuante, observamos que a polícia e o policial são constantemente referidos nas publicações, razão pela qual criamos uma sexta-temática para analisar a forma de tratamento que lhe é dispensada. Em resumo, podemos assim representar as categorias:

1. Natureza do Crime;
2. Crimes mais noticiados;
3. Estratégias de Punição;
4. Identificação da Vítima;
5. Identificação do Criminoso;
6. Referência a policiais.

Para entendermos melhor cada categoria-temática, caminhemos a uma breve explanação acerca das subdivisões de cada tema.

2.3.1 Natureza do Crime Noticiado: Crimes Violentos e Não-Violentos

É muito comum na divulgação de notícias acerca de crimes e da criminalidade a confusão entre os vocábulos crime (gênero) e violência (espécie). Vejamos alguns exemplos:

Matéria 3.21

Cotidiano

Edição de domingo, 23 de agosto de 2009

Violência ronda escolas de CG

Casos de assaltos têm assustado professores, alunos e pais. Muitos estabelecimentos estão reforçando segurança

Matéria 4.27

Cotidiano

Edição de sábado, 12 de setembro de 2009

Violência // Bandidos assaltam mototaxista

Matéria 5.11

Últimas

Edição de segunda-feira, 5 de outubro de 2009

Segurança pública em debate

Evento também vai abordar a violência contra mulher, idosos e crianças

Não é que crimes não sejam violentos, mas a ideia de associá-los, sem exceção, à violência é equivocada. Violência vem do latim *violētia*, que significa caráter violento ou bravo, força. O

senso comum associa a palavra como um ato proposital de agressão ou a imposição de uma dor (não desejada, não necessária). Nesse sentido, nem todos os crimes são violentos, pois não apresentariam às vezes nem mesmo esse contato interpessoal. Entre os que questionam essa definição estão Lanier & Henry (*apud* MELO, 2010, p.107) para quem “os atos violentos são maus em si ou inerentemente malignos, são universalmente reconhecidos como crimes”. Tavares (*in* BITTENCOURT, 2008, p.443) explica que “quando se fala de violência e se procuram os vocábulos para caracterizá-la (...) o que se pretende representar com este vocábulo é a forma violenta de cometimentos de alguns delitos”, sobre os quais os meios de comunicação se ocupam de maneira massiva.

Galtung (1985), antropólogo, estudioso das formas de violência e dos meios para atingir a *paz*, explica que existem três formas de violência: direta, estrutural e cultural. A física ou direta consiste na ação agressiva ou destrutiva contra a natureza (danos contra a biodiversidade, vazamentos nucleares, *etc.*), pessoas (violência verbal e ou psicológica, assassinatos, estupros, roubos, *etc.*) ou coletividade (danos contra edifícios, *etc.*).

A violência cultural se expressa através da agressão aos hábitos, crenças, valores e aos pensamentos de um povo, grupo ou comunidade. Já a violência estrutural (vertical) consiste na repressão política, exploração econômica ou alienação cultural, que viola as necessidades de liberdade, bem-estar e identidade do indivíduo. A estrutural horizontal define-se na separação daqueles que querem juntos viver ou na junção daqueles que querem viver separados.

Com isso, tem-se que o discurso midiático centra-se na primeira forma de violência – a direta ou física – como se essa fosse a única existente, e, portanto, a única a ser combatida. Tavares (*idem*, p.444) afirma que “...a redução das características da violência a apenas uma de suas formas de aparecimento conduz, por sua vez, à utilização de certo modo arbitrário de justificação dos meios de seu controle”. Dessa forma, elimina-se à discussão acerca das raízes da violência, não importando o porquê da delinquência, mas tão-somente a forma de eliminá-la.

Nessa escolha restrita, o discurso é construído para confundir os termos crimes e violência. Por isso, “violência”, leia-se “crimes violentos” são retratados nos cadernos policiais ou equivalentes. Já a sonegação de impostos, leia-se “crimes contra a ordem tributária” e quebra de decoro parlamentar, leia-se “corrupção e outros crimes contra a administração pública” são, *polidamente*, noticiados nos cadernos “política” e/ou “economia”, uma vez que não pertencem ao conceito (direto) de violência.

Não observamos, dentre as 279 (duzentas e setenta e nove) matérias aqui analisadas, nenhuma que noticiasse crimes contra a ordem tributária (sonegação de impostos). No que tange à “corrupção e outros crimes contra a administração pública”, foram identificadas duas ocorrências:

Matéria 2.10

Últimas

Edição de terça-feira, 7 de julho de 2009

TJ manda afastar juíza de CG

Marília Emília Neiva é acusada de beneficiar advogados com liberação de alvarás

Matéria 2.28

Últimas

Edição de terça-feira, 21 de julho de 2009

Caso Alvará // TJ afasta mais um juiz em CG

Conforme se entenderá melhor no capítulo 4, as duas matérias não têm em destaque o crime de corrupção, mas quem o comete: Juízes de Direito. Autoridades que deviam estar combatendo o crime, na verdade, o estariam praticando.

Outro esclarecimento é necessário para se entender a categorização. Na definição dos crimes, o código penal brasileiro indica quando o crime é tido como violento, fazendo menção à violência física (agressão) e à violência moral (ameaça). O roubo é considerado *crime violento* ao passo que o furto é *crime não violento*:

DO ROUBO

Art.157. Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa (...)

Pena- reclusão, de quatro a dez anos, e multa.

DO FURTO

Art. 155. Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel.
Pena – reclusão, de um a quatro anos, e multa.
(grifos nossos)

Há, ainda, a presunção de violência que é aquela cometida contra quem não pode opor resistência: seja pela idade (criança até 14 anos) ou por enfermidade mental. Dessa forma, a categorização das matérias por natureza de crime, foi feita a partir do conceito jurídico de crimes violento e não-violentos.

2.3.2. Estratégias de Punição

A prisão, até o século XIX, era a penalidade por excelência. O sistema de encarceramento e individualização era tido como o melhor e mais exemplar modo de punição do delinquente. De acordo com Foucault (2004, p.230), a prisão deveria ser uma instituição disciplinar exaustiva. Sua ação sobre o indivíduo deveria ser ininterrupta: disciplina constante. Tratava-se da constituição de uma relação de poder, um estratagema de submissão individual – as celas devem ser individuais e a solidão um convite à reflexão – e um ajustamento a determinado aparelho de produção.

Com o reconhecimento das limitações do sistema carcerário - em face do alto índice de reincidência, impossibilidade de ressocialização e condições subumanas de existência – surgem outras formas de punição, expressas em incisos do art. 5º da Constituição Federal:

XLVI - a lei regulará a individualização da pena e adotará, **entre outras**, as seguintes:

- a) privação ou restrição da liberdade;
- b) perda de bens;
- c) multa;
- d) prestação social alternativa;
- e) suspensão ou interdição de direitos;

XLVII - não haverá penas:

- a) de morte, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do art. 84, XIX;
 - b) de caráter perpétuo;
 - c) de trabalhos forçados;
 - d) de banimento;
 - e) cruéis;
- (grifos nossos)

O ordenamento jurídico prevê, então, medidas preventivas, tais como policiamento, prisão preventiva (que ocorre durante o processo, antes da decisão final) e medidas cautelares/administrativas: perda da guarda em crimes contra a infância e juventude; afastamento do agressor do lar, em crimes contra a mulher (lei “Maria da Penha”).

Há também as penas alternativas, previstas pelo art.43 do Código Penal²⁰:

- Art. 43. As penas restritivas de direitos são:
- I - prestação pecuniária;
 - II - perda de bens e valores;
 - III - (VETADO)
 - IV - prestação de serviço à comunidade ou a entidades públicas;
 - V - interdição temporária de direitos;
 - VI - limitação de fim de semana

Por tudo isso, é que ao dividir a categorização das estratégias de punição, optamos pela seguinte subdivisão: 1.Prisão, 2.Penas Alternativas, 3.Medidas Cautelares/Administrativas e 4. Medidas Preventivas. E para enquadrar a respectiva matéria em um desses subtipos, é preciso que nela se faça a menção à estratégia de punição. Para exemplificar a temática, retiramos do *corpus* a ser analisado, algumas matérias transcritas a seguir:

PRISÃO

Matéria 2.1

Últimas

Edição de quarta-feira, 1 de julho de 2009

Presos acusados de golpes

Quadrilha utilizava cartões de crédito das vítimas para realizar empréstimos
Isabela Alencar // isabelaalencar.pb@diariosassociados.com.br

Quatro pessoas foram presas no final da tarde de ontem, depois que a gerência do Banco Real, localizado na Avenida Epitácio Pessoa, centro da cidade, acionou a Polícia Militar.
Penas Alternativas

MEDIDAS CAUTELARES/ADMINISTRATIVAS

Matéria 1.2

Cotidiano

Edição de terça-feira, 2 de junho de 2009

Acusada de deixar filha sozinha

²⁰ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-lei/Del2848.htm

PM e Conselho Tutelar investigam motivos que teriam levado mulher a sair de casa deixando a filha de 7 anos trancada
(...)

A conselheira tutelar Elânia Santos Barbosa, que acompanha o caso, informou que a mãe será notificada a comparecer ao Conselho Tutelar, onde vai ser ouvida por uma equipe multidisciplinar formada por advogado, psicólogo e assistente social. **Caso ela pratique outra vez a mesma ação, poderá perder a guarda da criança**

MEDIDAS PREVENTIVAS

Matéria 1.5

Cotidiano

Edição de sábado, 6 de junho de 2009

Segurança reforçada

10º Batalhão da PM será transferido para o antigo Detran em 120 dias e deverá acolher efetivo de 800 homens

(...)

O 10º Batalhão vai atuar em Campina Grande e mais 22 municípios circunvizinhos, numa área de 5.170 km², atendendo a uma população de 400.868 habitantes. Vai abrigar a CPTran e a Operação Manzuá, sob o comando do tenente-coronel Geraldo Ramos de Sousa. O secretário Gustavo Ferraz garantiu que com o nascimento desse novo Batalhão, os municípios terão um policiamento ostensivo maior. **"Vamos aumentar o efetivo da Polícia Militar, aumentando portanto, a segurança preventiva. Serão mais homens nas ruas", garantiu o secretário.**

2.3.3 Referência a policiais

Esta temática foi escolhida pela constância com que a palavra “polícia” e “policiais” aparecem nas notícias referentes a crimes e à criminalidade²¹. A polícia e os policiais são retratados pela mídia não só no exercício da função, mas em outras situações, tais como a de vítima ou bandidos. Daí a subclassificação da temática em policiais-policiais, policiais-bandidos e policiais-vítimas. Exemplificando, a partir do corpus:

POLICIAIS-VÍTIMAS

Notícia 1.8

Últimas

Edição de sexta-feira, 12 de junho de 2009

Monte Santo // Policial militar é assassinado a tiros

O São João deste ano ficará marcado para sempre de forma triste para os familiares do policial militar Jeferson Gleibson Pereira Bezerra, de 29 anos, que morava no bairro do Monte Santo, em

²¹ A palavra polícia é citada 70 (setenta) vezes e a palavra policial, 68 (sessenta e oito) vezes. Considerando o total de matérias pesquisadas – 279 (duzentos e setenta e nove), a palavra estaria na metade dessas matérias.

Campina Grande. Ele foi morto na madrugada de ontem, com um disparo de revólver que atingiu a região torácica quando voltava para casa na companhia da esposa e de um filho de um ano e 11 meses de idade.

POLICIAIS-BANDIDOS

Matéria 2.15

Últimas

Edição de quinta-feira, 9 de julho de 2009

Polícia Civil // Delegado e agentes são presos

Foram seis anos de espera para o gerente de loja Thiago França, 20 anos, mas para ele a justiça foi feita. Quando tinha apenas 14 anos, ele e um colega foram espancados e torturados para confessar um assalto que não haviam cometido, em uma granja nas proximidades de Campina Grande. O Supremo Tribunal Federal condenou o delegado Heriberto Paulino da Costa e os agentes da Polícia Civil Álvares de Sousa Amorim, Ednaldo Araújo e Gilberto Tomé da Silva pelos crimes de abuso de poder e tortura.

POLICIAIS-POLICIAIS

Matéria 2.39

Cotidiano

Edição de sexta-feira, 31 de julho de 2009

Polícia desarticula quadrilha em CG

Integrantes da gangue são acusados de assaltos a bancos nos estados da Paraíba e Pernambuco

Agentes das Polícias Federal e Civil, com ajuda da Polícia Rodoviária Federal (PRF), em uma ação conjunta realizada na última quarta-feira, prenderam em flagrante, por volta das 20h, no Posto da PRF de Santa Terezinha, saída de Campina Grande para João Pessoa, cinco pessoas acusadas de envolvimento com o crime organizado, principalmente assaltos a bancos nos estados da Paraíba e Pernambuco.

2.3.4. Identificação do Crime, da Vítima e do Acusado

São personagens essenciais nos discursos sobre os crimes o *acusado* e a *vítima*. Quem comete e contra quem se comete o crime? Para responder à questão, nos valem de sub-itens como o gênero: masculino/feminino; idade: criança-adolescente (0-18 anos), adulto (19-59 anos) e idoso (60...). Além do mais, categorizamos, quando citados, a profissão e o endereço residencial da vítima e acusado. Vejamos exemplos:

Matéria 3.1**Cotidiano**

Edição de terça-feira, 4 de agosto de 2009

Flagrante // Mulheres são presas com entorpecente

Antonio Ribeiro // antoniosilva.pb@diariosassociados.com.br

Duas mulheres acabaram presas, após serem flagradas tentando entrar com drogas no Presídio do Serrotão. **Sandra Maria de Melo, 30 anos, e Joselândia Alves Soares Oliveira foram flagradas durante a revista íntima.** Sandra, conforme o Boletim de Ocorrência registrado na Central de Polícia, ficou nervosa durante a revista, o que levou as agentes penitenciárias a desconfiar de seu comportamento. Com ela foram encontrados cerca de 200 gramas da droga, dentro de um preservativo que estava escondido na vagina.

Segundo a polícia, a droga seria entregue ao marido dela, Marcelo Melo, que cumpre pena por roubo. Quando chegou ao presídio, Sandra levava cinco crianças, menores de oito anos e, segundo a polícia, esse é um artifício usado pelas mulheres dos detentos para tentar escapar da revista.

Droga seria para os companheiros das acusadas

Com Joselândia Alves, as agentes encontraram alguns cigarros de maconha escondidos no cós da calça. Assim como no primeiro caso, a droga foi descoberta porque as agentes desconfiaram do nervosismo da mulher. A polícia disse que Joselândia também levava os cigarros para seu companheiro, Rodrigo Lima da Rocha, condenado por prática de homicídio. As duas foram levadas para a Central de Polícia e o inquérito policial deverá ser remetido à 2ª Delegacia Distrital.

Na matéria acima, é possível dizer que há identificação das acusadas (por gênero) – Sandra Maria de Melo, 30 anos (por idade) e Joselândia Alves, as quais teriam cometido tráfico de entorpecentes (identificação do crime). Contudo, não consta profissão ou endereço das acusadas. Nesse caso, remetemos, na pesquisa, à opção quanto ao indicador *endereço*, “não se aplica ou não houve menção”. Vejamos outro exemplo:

Matéria 6.23**Cotidiano**

Edição de sexta-feira, 13 de novembro de 2009

Menino localiza corpo em matagal

Criança de 10 anos foi colher abóbora quando se assustou ao ver um cadáver em estado de decomposição

O lavador de carros Carlos André dos Santos, 25 anos, morador do bairro de Nova Brasília, foi encontrado morto por volta das 14h de ontem, em um matagal próximo a um canal, na mesma comunidade onde ele morava. O corpo já estava em estado de decomposição, o que levou a polícia acreditar que o crime deve ter acontecido durante o último final de semana. A vítima foi espancada até a morte e tinha marcas de escoriações em várias partes do corpo (cabeça, braços, pernas, abdômen e no rosto).

O rapaz foi encontrado por uma criança de 10 anos, que coincidentemente é filho de sua ex-mulher. A criança estava procurando colher uma abóbora, quando se assustou ao ver o cadáver. “Meu menino tinha vindo catar um jerimum aí quando afastou o mato viu ele morto e saiu correndo para me chamar”, declarou a ex-companheira da vítima, a doméstica Luciene da Silva Souza, 30.

Ainda segundo a doméstica, há cerca de dez dias que Carlos André havia sumido. "Eu sempre ia aos sábados encontrar com ele na feira para ele me dar o dinheiro para comprar as coisas dos dois filhos que nós temos. Só que fazia uns 10 dias que eu não encontrava mais ele. Atualmente ele estava morando na rua, porque a mãe dele foi embora e deixou ele por aí", declarou. Carlos estava separado há mais de quatro de sua ex-mulher. A vítima também já havia sido presa por prática de assalto à mão armada, e de acordo com sua própria ex-companheira, chegou a passar mais de quatro anos no Presídio do Serrotão. "Eu não sei dizer se ele estava sendo ameaçado de morte", revelou.

Dessa forma, é possível dizer que a vítima era do gênero masculino, com profissão - lavador de carros - ex-presidiário, com 25 anos e cometeu um provável *homicídio qualificado*, nas proximidades de sua residência, no bairro de *Nova Brasília*. Com esses dados indicam, é possível deduzir a que classe social pertencia a vítima e perquirir, na totalidade dos resultados, se existe algum processo de estigmatização na forma de se noticiar os crimes e a criminalidade.

A partir da análise dos dados desta temática, a ideia é catalogar quais crimes são mais e menos cometidos, contra quem – gênero, idade, profissão, endereço- são cometidos e por quem são cometidos-gênero, idade, profissão, endereço. A última etapa da análise de conteúdo é o **tratamento dos resultados**, através da inferência (hermenêutica controlada baseada na dedução) e interpretação. Tentaremos exercer a paciente tarefa de desocultação, feita, de maneira diluída, nos primeiro e terceiro capítulos, e, de maneira conclusiva, no último e quarto capítulo .

CAPÍTULO 3

CONTROLE-PROPAGANDA, ESPETÁCULO E ESTIGMA: UM POUCO DA TRÍADE FOUCAULT - RUBIM - GOFFMAN

Neste capítulo a apresentamos as contribuições teóricas de três autores, as quais utilizamos como ferramentas para a construção do nosso objeto de pesquisa e para a análise do *corpus* de notícias sobre o crime e a criminalidade que constituímos.

3.1 A divulgação-espetáculo do crime e das eventuais punições

FOUCAULT (2004, p.92), na obra vigiar e punir, se propõe a investigar os meandros do sistema penal, antes, durante e após a reforma ocorrida no Século XVIII. Para tanto, o referido autor conclui que, desde sempre, o controle da criminalidade está associado a um mecanismo de divulgação das penalidades impostas.

Antes da reforma ocorrida no século XVIII, a divulgação era feita através de espetáculos públicos, consistentes em suplícios ao corpo do criminoso que era submetido, nas arenas e praças a torturas, forcas e guilhotinas(*idem*, p.21). A plateia, atenta, testemunhava e assistia à formação julgamento daqueles que ousaram perturbar a tranquilidade social com condutas delituosas. O espetáculo-divulgação guardava um caráter inibidor (as pessoas teriam medo de cometer delitos, em face do sofrimento porvir) e, ao mesmo tempo, educativo (as pessoas tomavam conhecimento dos castigos previstos na legislação).

Na fase pós-reforma, o castigo ao corpo e as arenas públicas em que os mesmos ocorriam são suprimidos e substituídos pela pena-encarceramento (prisão): uma espécie de castigo à alma (isolamento, insalubridade e ócio). O criminoso, ao ser castigado, (nesse momento) sai das praças e arenas públicas e é enclausurado nos muros altos e isolado de um presídio. Retirado o palco público

do espetáculo-divulgação, como se daria, no momento pós-reforma, o essencial mecanismo de divulgação do sistema de penalidades?

Para Foucault (2004, p.109), nenhuma sociedade pode prescindir de um mecanismo de propaganda de castigos. E, portanto, para essa nova época, é necessário explicar como ocorre a propaganda punitiva:

Eis então como devemos imaginar a cidade punitiva. Nas encruzilhadas, nos jardins, à beira das estradas que são refeitas ou das pontes que são construídas, em oficinas abertas a todos, no fundo de minas que serão visitadas...Pena visível, pena loquaz, que diz tudo, que explica, convence: placas, cartazes, tabuletas, símbolos, textos lidos ou impressos, isso tudo repete incansavelmente o código...E a memória popular reproduzirá em seus boatos o discurso austero da lei.

Assim, como quem profetiza o papel que os meios de comunicação exerceriam na publicidade dos crimes e castigos, na era contemporânea, Foucault, citando uma ideia de Brissot (1781, p.24 *apud* FOUCAULT, 2004, p.92), afirma que “...só a imprensa pode tornar público, e não alguns particulares, o depositário do Código Sagrado das Leis” (grifo nosso).

Essa propaganda constante é quem vai garantir que “cada crime virá à luz do dia e será punido com toda certeza” (*idem*, p.92). É, então, a imprensa o novo palco-espetáculo da propaganda-punição. E não há, quanto a isso, surpresa alguma, pois, como esclarece Rubim (2002, p.1):

O espetáculo deve ser compreendido como inerente a todas as sociedades humanas e, por conseguinte, presente em praticamente todas as instâncias organizativas e práticas sociais (...) O espetáculo (deve ser visto) como um momento e um movimento imanente da vida societária, de maneira similar às encenações, ritos, rituais, representações...

A arte de punir repousaria “sobre toda uma tecnologia de representação (...), a arte das imagens que se associam”²² (FOUCAULT, 2004, p.100). As imagens-textos-mensagens do desprazer da punição deviam, portanto, estar diretamente associadas ao cometimento do crime, gerando, assim, uma não-vontade, uma inibição, verdadeira intimidação àquele que planejava ou fosse colocado em situações nas quais poderiam ser instados a cometê-lo.

²² Corroborando a ideia, Rubim (2001, p. 2) afirma que na sociedade-espetáculo “as imagens passam ter lugar privilegiado no âmbito das representações”.

Ainda segundo Foucault (2004, p.108), “o discurso (público) se tornará o veículo da lei”, pois é preciso que “os processos não fiquem secretos, que sejam conhecidas por todos as razões pelas quais um acusado foi condenado ou absolvido, e que cada um possa conhecer as razões de punir” (*idem*, p.92). Vejamos um exemplo, do nosso *corpus*, nessa direção:

Notícia 6.41

Cotidiano

Edição de terça-feira, 24 de novembro de 2009

Inquérito da máfia do INSS é concluído

Com o fim dos levantamentos sobre a Operação Cartão Mágico foram indiciados mais três pessoas
Márcio Rangel // marcorangel.pb@dabr.com.br

A Polícia Federal de Campina Grande já concluiu o inquérito que investigava o desvio (sic) de mais R\$ 4 milhões da Previdência Social, através de fraudes no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). O relatório, com a conclusão dos levantamentos, foi feito pelo delegado Gustavo Vieira de Castro, que confirmou o indiciamento de mais três pessoas. "No decorrer das investigações descobrimos o envolvimento de mais três pessoas todos residentes em Campina Grande. Duas mulheres, que são inclusive, familiares do servidor do INSS apontado como mentor do golpe, e um empresário, que alugou uma empresa, para que a partir dela fosse concedido os benefícios irregulares", revelou o delegado.

Todos os envolvidos não tiveram os nomes divulgados, no entanto, Gustavo Vieira explicou como eles agiam. "Essa empresa, que inclusive não está mais funcionando, servia como base de apoio para o concedimento dos benefícios. A partir do cadastro dela, vários funcionários fictícios eram criados e a partir daí os outros membros da gangue, que atuavam no INSS, concluíam a operação. O interessante é que o acusado que forneceu os dados da empresa foi pago pelo serviço com a concessão de outros benefícios irregulares. As duas mulheres indiciadas por último, serviam como uma espécie de mula, responsáveis apenas pelo recebimento do dinheiro", completou.

As investigações da PF sobre as fraudes na Paraíba começaram ainda no mês de junho. No total sete pessoas foram indiciadas por participação no esquema. Os trabalhos foram realizados em conjunto com o Ministério da Previdência Social, Departamento de Polícia Federal (DPF) e Ministério Público Federal (MPF) e foi denominada de Operação Cartão Mágico. No dia 4 de novembro, foram presas quatro pessoas, três em Campina Grande e uma em Maceió (AL), entre elas um servidor do INSS, que trabalhava como técnico de Seguro Social.

As investigações começaram a partir do recebimento de denúncias de que um servidor - que não teve seu nome revelado - estaria praticando fraudes contra a instituição. Ele agia em conjunto com a esposa, um irmão e as cunhadas.

Ainda de acordo com a PF, o esquema fraudulento, provavelmente, tinha mais de 10 anos de atuação, mas o servidor que foi preso participava dele há três anos.

Segundo o representante do Ministério Público Federal, procurador Marcos Queiroga, o golpe se dava em duas vertentes. Na primeira, o servidor do INSS pegava documentos de outras pessoas, sem o conhecimento das mesmas, realizava pequenas alterações nos nomes dos titulares dos documentos, permitindo a manipulação de dados identificadores que não possibilitavam a constatação em simples consultas, resultando na concessão indevida de benefícios para pessoas que, na realidade, não existiam. Neste caso, as fraudes eram feitas a partir de documentos de pessoas residentes na Paraíba e em outros estados, a exemplo do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Bahia e Rio de Janeiro e o próprio servidor do INSS que fraudava o sistema recebia as importâncias destes benefícios falsos.

A segunda metodologia da fraude se dava com terceiras pessoas levando os documentos para o funcionário, que inseria dados falsos no sistema, concedendo o benefício, de forma indevida, para

segurados do INSS que, na verdade, ainda não tinham direito ao mesmo. Os valores dos benefícios para os segurados fantasmas chegavam a alcançar o teto de R\$ 3 mil. Já os benefícios indevidos variavam entre R\$ 500 e R\$ 1 mil.

A estimativa da PF é de que o golpe tenha causado um prejuízo de R\$ 4,5 milhões aos cofres da União, conforme análise, por amostragem, de 82 benefícios irregulares, concedidos entre 2001 e 2008. Com o dinheiro conseguido a partir da fraude, os golpistas adquiriram bens como casas, apartamentos, carros, entre outros. Todos os bens continuam estão sequestrados, devido a uma ação judicial feita pelo MPF.

Na conclusão do inquérito, o delegado Gustavo Vieira pediu o indiciamento dos envolvidos nos crimes de estelionato qualificado (artigo 171), formação de quadrilha (artigo 288) e inserção de dados falsos em sistema de informática (artigo 313-A), com previsão de penas de reclusão. Mesmo assim, todos os envolvidos, por serem réus-primários, ganharam o direito de responder o processo em liberdade. Na manhã de hoje, o delegado Vieira de Castro vai encaminhar o relatório ao MPF e a previsão é que até o final do ano, o caso seja concluído.

No capítulo 1, observamos como as notícias em geral se tornaram mercadorias como quaisquer outras. Aliando a concepção do espetáculo dos castigos (que implicava na divulgação dos crimes cometidos que os geraram) trazida por Foucault (*idem*) e a época atual do capitalismo, temos a conclusão de Rubim (2002, p.2) no sentido de que “espetáculo, mercadoria e capitalismo estão umbilicalmente associados (...) A sociedade do espetáculo pode ser interpretada como (...) a etapa contemporânea da sociedade capitalista”.

Rubim (2002, pp.6-7) explica que a palavra espetáculo (do latim *spetaculum*) “tem como significado tudo que atrai e prende o olhar a atenção”. E, para tanto, é preciso apelar “à emoção, à sensibilidade e à encenação”. E além de tudo isso, para chamar a atenção, o espetáculo deve “realizar-se publicamente”.

Conforme já exposto, a imprensa é uma destacada arena pública da atualidade. A forma-divulgação dos fatos deve ser esculpida a partir de elementos que garantam a máxima venda do produto. Por tudo isso, nos estudos da relação entre a imprensa e o crime, observa-se a alusão recorrente ao conceito de espetáculo aqui demonstrado.

A imprensa, dirigida por anseios mercantis, leva o ato de seduzir ao extremo, explorando o objetivo de emocionar e/ou escandalizar. É o fenômeno identificado como sensacionalismo. Diz Andrade (2007, p.119) que “o defeito ético verificado no jornalismo sensacionalista é a maneira de

dizer e de mostrar notícias oriundas de informações sobre fatos e acontecimentos que, por vezes, já são chocantes neles mesmos”.

Rubim (2002, p.8) lembra que “o espetáculo remete também à esfera do sensacional”. O sensacionalismo se apresenta como uma conduta comum na ética jornalística, sendo os corpos mortos, ensanguentados, mutilados mostrados com a naturalidade de quem publica fotos de paisagens bucólicas. Esclarece Barros (2002, p.24) que:

As técnicas sensacionalistas se valem da exploração e da manipulação intensa e deliberada das emoções primárias (sensações) do leitor, ouvinte ou do telespectador, em geral induzindo a um **baixo nível de reflexão crítica ou intelectual** a respeito dos fenômenos (fatos) reportados. (grifos nossos)

No sensacionalismo se valoriza a emoção em detrimento da informação. Há “um exagero, a deturpação, ambivalências semântico-linguísticas, a exploração do vulgar, do extraordinário e espetacular. Destaca-se o supérfluo e o sugestivo. Serve para atender a instintos imediatos do leitor” (cf. ANGRIMANI, *apud* SILVA, 2011). Vejamos alguns exemplos retirados do nosso *corpus*:

Notícia 6.22

Cotidiano

Edição de sexta-feira, 13 de novembro de 2009

Menino localiza corpo em matagal

Criança de 10 anos foi colher abóbora quando se assustou ao ver um cadáver em estado de decomposição(...)

Notícia 6.2

Cotidiano

Edição de quarta-feira, 4 de novembro de 2009

R\$ 5 é motivo de assassinato

Mãe da vítima acredita que jovem foi morto por causa de uma dívida com o tráfico de drogas

Márcio Rangel // marciorangel.pb@diariosassociados.com.br

Com desespero e muita dor. Foi assim que a dona de casa Maria Geraldina Vicente, 41 anos, passou o último dia de finados. A data, destinada à lembrança das pessoas falecidas, também serviu para consolar a dor da mãe que teve o filho mais novo assassinado na madrugada da última segunda-feira. A vítima foi o estudante Rafael Vicente dos Santos, de apenas 15 anos de idade, que atualmente residia com seus familiares na Rua Severino Eufrásio de Araújo, no bairro do Multirão, em Campina Grande. Ele foi encontrado morto, com o corpo marcado por vários golpes de pauladas e pedradas em um riacho, nas proximidades do lixão.

De acordo com Maria Geraldina, mãe de Rafael, ele havia saído de casa no último domingo à noite para assistir o espetáculo de um circo instalado próximo à invasão do Serrotão e não mais retornou. “Ele saiu de casa dizendo que iria para o circo. Só que eu já sabia que ele já estava sendo ameaçado por dois rapazes que moram perto da minha casa. Tudo por causa do crack, meu filho era viciado há mais de quatro anos, tudo que ele pegava era para comprar drogas. Eu não dava dinheiro, mas ele terminava vendendo até as roupas. Sexta-feira mesmo ele empenhou uma calça e uma blusa para trocar por duas pedras de crack. Ele reclamava que estava devendo R\$ 5 a ccses

dois meninos, como ele não conseguiu o dinheiro, acabou sendo morto", declarou.

Ainda segundo a mãe do adolescente, Rafael Vicente foi vítima de traumatismo craniano, provocado por várias pancadas que recebeu na cabeça. O menino ainda teve o pescoço, os braços e as pernas fraturadas.

Segundo o delegado Júlio Ferreira, responsável pela ocorrência, "a própria família da vítima contou que ele vinha sofrendo ameaças de dois rapazes que são traficantes, mas todas as informações serão apuradas".

Na notícia 6.22, qual a importância de se noticiar que o corpo foi achado por uma criança, quando esta colhia abóboras? Teria o objetivo de provocar no leitor a imaginação de que uma criança (símbolo da pureza, inocência e candura), ao colher abóboras (em auxílio à família, provavelmente), deparou-se com um corpo, em estado de decomposição (a criança diante da violência mexe com o sentimento de todos, pois ninguém quer que as crianças sejam contaminadas e traumatizadas com a criminalidade).

Na notícia 6.2, a manchete é clara: "R\$5 é motivo de assassinato". Logo no primeiro parágrafo se explica que foi com "muito desespero e dor" que a mãe do assassinado passou o feriado do dia de finados. O desespero e a dor de uma mãe, que perde o filho assassinado, não estão presumidos? E a matéria destaca, não é apenas "desespero e dor", é "muito desespero".

Ao ler a íntegra da publicação, descobre-se que o motivo de crime não foi "R\$5,00 (cinco reais)", mas dívidas de drogas, acumuladas, durante quatro anos de vício em "crack" por parte da vítima. E no início, fica claro que o assassinado foi encontrado próximo a um lixão "marcado por vários golpes de pauladas e pedradas". Apesar disso, o detalhe é lembrado ao leitor no final da narrativa: "foi vítima de traumatismo craniano, provocado por várias pancadas que recebeu na cabeça. O menino ainda teve o pescoço, os braços e as pernas fraturadas".

Por esses aspectos é que a notícia sensacionalista tem sido associada a outra questão.

Segundo Sodré (2002, p.33):

O sensacionalismo estimula a violência em virtude da banalização a que os fenômenos da criminalidade estão submetidos e porque eleva ao estrelato os criminosos que se vêem como figuras públicas de grande projeção e destaque (...) Mesmo quando vencidos pela polícia continuam usufruindo de seu sucesso criminal, que ganha brilhos de audaciosa virtude perante multidões de marginais, incentivando outros a trilharem os mesmos caminhos(...).

Realidade e ficção se misturam ao ponto do leitor perder a noção entre um e outro. Segundo Rubim (2002, p.11), “inúmeros estudiosos insistem na afirmação de que a contemporaneidade tem se caracterizado por um potencial imbrincamento entre real e ficção e pela metamorfose acontecida entre ambos”. Atentemos ao seguinte exemplo:

Notícia 6.15

Cotidiano

Edição de segunda-feira, 9 de novembro de 2009

Três mulheres assassinadas

Acusados invadiram residência e mataram Maria José, filha e amiga da dona de casa com 22 tiros
Márcio Rangel // marciorangcl.pb@dabr.com.br

Um crime sem precedentes. Foi assim que o comando do 2º Batalhão de Polícia Militar (BPM) classificou o tripo homicídio registrado no final da noite do último sábado, no bairro da Glória. O presidiário José Márcio de Lino, 20 anos, em companhia de mais sete pessoas, entre elas, a sua própria mãe e seus dois irmãos estão sendo apontados como os responsáveis pelas mortes da doméstica Maria José da Silva, 38 anos; de sua filha Tiara Maria da Silva, 16, e de uma amiga da família, a estudante Isley Valeska Alves da Silva, 15.

O crime aconteceu por volta das 23h do último sábado, quando as vítimas estavam sozinhas na casa de Maria José, na Rua Projetada IV, no bairro do Glória I. Armados com revólveres calibre 38 e pistolas 380, os acusados pularam o muro da residência, quebraram portas e janelas a chutes e executaram as três dentro de um dos quartos do imóvel.

"Eu me acordei com os tiros. Era bala, muitas balas. Não tive coragem sequer de abrir a porta para ver o que era. Ouvi os gritos e os disparos, aí quando a polícia chegou é que a gente saiu para saber o que havia acontecido", declarou um dos moradores da rua, que pediu para não ser identificado.

No momento do assassinato, as vítimas ainda tentaram fugir, mas acabaram sendo mortas, as três dentro do quarto de Maria José. No local, muito sangue e desordem. "Minha irmã ainda tentou escapar, mas não tinha como. Foram muitos tiros. Além de atingir as três, tem marca de bala nas paredes, nos móveis e nos eletrodomésticos", revelou Rosilene da Silva, irmã da dona da casa.

Ainda segundo os familiares das vítimas, o crime foi planejado pelo ex-presidiário que não aceitava o fim do relacionamento com a adolescente Tiara Maria da Silva. "Eles conviveram mais de quatro anos. Há cerca de um ano, Márcio foi preso novamente por que tinha matado outro homem e tinha envolvimento com o tráfico de drogas. A partir daí Tiara resolveu deixá-lo. Minha sobrinha ainda chegou a fazer algumas visitas a ele no presídio. Ela escondia, mas Maria José nos contava que dentro do presídio ele a espancava toda vez que se falava em separação", contou Rosenilda.

Revoltado com o fim do relacionamento, José Márcio teria feito várias ameaças de morte contra a jovem e seus familiares. "Ele tinha dito que quando saísse da cadeia viria matar Tiara. Minha irmã tentou de todas as formas fazer com que eles se entendessem, justamente por medo da reação agressiva de Márcio. Eles discutiam muito e ele queria viver agredindo a menina. Por isso que ela não aguentava mais", completou Rosenilda.

De acordo com as informações repassadas pela UML, Maria José foi ferida por oito disparos (7 no tórax e 1 na cabeça), Tiara por 13 tiros (6 tórax, 3 nos braços, 1 na cabeça, 1 na nádega e 2 nas pernas). Já Isley foi morta por um tiro.

No excerto jornalístico acima reproduzido, o sensacionalismo que mistura realidade com ficção, se destaca, ainda, por outros contornos: a descrição específica da quantidade e locais de recebimento dos disparos. Se a notícia é de que três mulheres foram assassinadas, qual a justificativa racional para dizer que uma delas morreu vítima de 13 (treze tiros), nas mais diversas partes do corpo? Se o argumento racional não elucida, é porque aqui se identifica o apelo emocional tão típico do espetáculo-sensacionalista, localizado em outras unidades de registro:

Notícia 1.25

Cotidiano

Edição de terça-feira, 30 de junho de 2009

Pedregal // Adolescente é morto com quatro tiros

Notícia 6.11

Cotidiano

Edição de sábado, 7 de novembro de 2009

Albergado é morto com 17 tiros de pistola

Vítima tinha acabado de chegar do Presídio do Serrotão quando foi assassinado

Notícia 6.26

Cotidiano

Edição de sábado, 14 de novembro de 2009

Pedreiro acusado de tentar matar a mulher com 14 facadas

Crime aconteceu depois de uma discussão entre o casal. Supeito foi preso logo após o delito

Como vemos nos exemplos acima, é aludindo a quantidades (de tiros, de facadas) que as notícias sobre crimes e castigos, aliada à forma espetaculosa de divulgação desenvolve características do discurso sensacionalista.

Como disse Foucault (2004, p.248), “o grande espetáculo da cadeia”, associado aos suplicios públicos, “relaciona-se também com aquela múltipla representação do crime dada na época pelos jornais(...)”. Outras características do discurso espetacular e sensacionalista serão melhor desenvolvidas no capítulo 4, referente à análise de dados. Por ora, focalizamos um outro

viés do sistema de controle social examinado realizado através do sistema de divulgação midiático de crimes e de eventuais medidas examinado por Foucault (*idem*).

3.2 A produção de discursos e estigmas

Foucault (2004, p.258) alerta que, com a reforma do sistema penal, ao eleger a detenção como pena por excelência, foram introduzidos “processos de dominação característicos de um tipo particular de poder”. Os castigos não se destinariam “a suprimir as infrações; mas antes distingui-las, distribuí-las e utilizá-las”, tornando a transgressão das leis “uma verdadeira tática geral das sujeições”.

Haveria um propósito específico na definição do que é ou não é crime. De quem é ou não é criminoso. Nesse sentido, tanto a penalidade como a divulgação do crime que a gerou seria “uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles” (*idem*, p.258).

As formas-castigos variam de acordo com conceitos pré-estabelecidos, construindo-se previamente a noção de crime e criminoso, a partir de interesses de dominação e submissão. Foucault afirma, na obra “A ordem do discurso”, que “em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel (...) refrear-lhe o acontecimento aleatório”(FOUCAULT, 1996, p.8).

Ao falar sobre prisão, disciplina e discursos referidos ao mundo da criminalidade, Foucault (2004, p.262) disserta acerca do funcionamento da lei:

Seria hipocrisia ou ingenuidade acreditar que a lei é feita para todo mundo em nome de todo mundo; que é mais prudente reconhecer que ela é feita para alguns e se aplica a outros; que em princípio ela obriga a todos, mas se dirige principalmente às classes mais numerosas e menos

esclarecidas; que ao contrário das leis políticas ou civis, sua aplicação não se refere a todos da mesma forma. (grifos nossos)

A lei e a justiça “não hesitam em proclamar sua necessária dissimetria de classe” (FOUCAULT, 2004, p.262). A categorização desenhada pela compartimentação (legal) da criminalidade, a decisão do que é ou não crime e de quem vai ou não vai ser penalizado resulta na expressão proposital da vontade de grupos específicos. Ao decidir por uma repressão a uma criminalidade violenta, “as classes mais pobres, açodadas de todos os lados pela polícia” são expostas a “longas penas de prisão” (*Idem*, p.263).

A prisão surge com propósitos específicos contra pessoas pré-determinadas: “Ela desenha, isola e sublinha uma forma de legalidade que parece resumir simbolicamente todas as outras, mas que permite deixar na sombra as que se quer ou as que se deve tolerar” (*idem*, p.262).

Esse caráter de classe, hierárquico do sistema legal-prisional, produtor e produto do regime de verdade que as relações poder-saber instituem também tende a se verificam nas maneiras de produção das notícias sobre crimes e maneiras de puni-los nas várias mídias contemporâneas, isso porque “os circuitos da comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização de poder” (*cf.* FOUCAULT, *idem*, p.205). Através deles, consolidam-se e/ou criam-se a forma-imposição de um poder, em que é inevitável a dicotomia entre os que exercem o domínio e os que a ele se submetem.

Nesta categorização e distribuição de crimes e penas, através da seleção dos discursos, concluímos que determinada parcela da sociedade estaria mais exposta às medidas previstas pelo mecanismo penal e de divulgação midiática e sofreria, por isso, um processo permanente de estigmatização por parte do restante do corpo social.

Para compreendermos o conceito de estigma e a forma como se dá o processo de estigmatização, adotamos a definição de GOFFMAN (1998), mais especificamente na sua obra denominada “Estigma: manipulação da identidade deteriorada”.

Importando o conceito da Psicologia Social, GOFFMAN (1998, Prefácio) define estigma como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social”. Considera, ainda, que a concepção de estigma, ao invés de se referir a indivíduos concretos, considera o processo social, no qual os papéis de estigmatizados e “normais” se interpenetram.

A palavra estigma foi usada pela primeira vez pelos gregos, para denominar as marcas físicas que escravos, traidores e criminosos deveriam portar, podendo ser o resultado de cortes ou queimaduras, a fim de que fossem identificados pelo resto da população.

O estigma, hoje, continua simbolizando um atributo negativo, imposto a determinadas categorias sociais. É um conceito (socialmente) construído para diferenciar o “normal” do “anormal” (estigmatizado). O anormal é, então, o nocivo, aquele que foge ao padrão e que, por ser perigoso, deve ser mantido longe do convívio das pessoas tidas como normais.

Para os estigmatizados, “a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém(...)”²³. O sujeito passa a ser diferente, numa sociedade que exige semelhanças, em não se reconhecendo, em face de seu estigma, não se considera parte desta sociedade.

Os processos de estigmatização são o resultado da imposição dos discursos hegemônicos que apontam qualidades positivas e negativas ao conjunto de indivíduos. Aqueles que portam características desqualificantes recebem tratamento discriminatório. Goffman (1998, p.11) explica ainda que “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”.

Vimos que a imprensa é um dos principais produtores de representações sociais. É uma das referências sociais do que deve ser considerado comum e natural a um determinado corpo social. Na análise das notícias do nosso *corpus*, observamos uma determinada classe de pessoas

²³ MELO, Zélia Maria de. **Os estigmas: a deterioração da identidade social**. Artigo Científico disponível em <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf> acesso em 21.07.2011

tendencialmente noticiada: os presidiários. Esses se tornam notícias caso fujam, caso estudem e caso assaltem. Seguem, respectivamente, exemplos desse tipo recorrente de matérias:

Notícia 4.17

Cotidiano

Edição de domingo, 6 de setembro de 2009

Detentos do Serrotão buscam vaga na UEPB

Como forma de preparação, presos estão assistindo aula através de um cursinho realizado no interior do presídio

Tarcísio Araújo // tarcisioaraujo.pb@diariosassociados.com.br

"Educar é libertar". A frase traduz o desejo de liberdade do técnico em telecomunicações Izaías Matias da Silva, 29 anos, que se prepara junto com outros seis detentos do Presídio do Serrotão para concorrerem a uma vaga no vestibular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no final de novembro. Eles são alunos de um cursinho pré-vestibular ministrado por quatro professores da rede estadual de ensino. As aulas são realizadas no interior do estabelecimento prisional.

Izaías é condenado a uma pena de 14 anos de prisão e desde que entrou para o cárcere passou a enxergar a educação como a alternativa mais viável para a ressocialização e um futuro melhor. Ele está no Serrotão há três meses e cumpre pena pelo crime de atentado violento ao pudor.

O dia-a-dia de Izaías se passa na cozinha do presídio, onde ele trabalha como auxiliar, mas à noite ele costuma reservar pelo menos uma hora de seu tempo para aprofundar seus conhecimentos e se preparar para conquistar a tão sonhada vaga no curso de Geografia da UEPB. "Já sonho em desenvolver projetos ambientais em uma grande indústria", diz o apenado.

A oportunidade que os seis detentos estão tendo se deve ao esforço da professora e coordenadora do Núcleo de Ação Pedagógica do Ensino Supletivo (Naces), Gilma D'arc Batista, 52. Há 17 anos ela luta pela escolarização dos detentos do Serrotão e conta com orgulho que chegou a acompanhar a formação de três presidiários: um deles concluiu o curso de Enfermagem, outro o de Geografia e um conseguiu concluir Serviço Social.

As aulas são ministradas em um galpão do presídio aos sábados, nos horários da manhã e tarde. Os recursos são garantidos pelo governo do estado. Os alunos assistem aulas de língua portuguesa, literatura, língua estrangeira, história e geografia.

Dos detentos inscritos no projeto, três deles irão prestar vestibular para Direito; dois para História e um para Geografia.

A diretora do Naces explica que se os detentos forem aprovados eles deverão assistir aula monitorados por um agente penitenciário, de forma discreta, para não causar constrangimento ao presidiário. Em alguns casos o preso pode conseguir uma liminar da Justiça que permite ele ir à universidade sozinho e depois se recolher ao presídio.

Notícia 3.17

Cotidiano

Edição de sexta-feira, 21 de agosto de 2009

Serrotão // Preso pula o muro e foge da Máxima

A Penitenciária Regional Padrão de Campina Grande registrou, no início da noite da última quarta-feira, a primeira fuga. O preso Fernando Cândido da Silva, mais conhecido como "Fernando da Gata", 36 anos, residente em Campina Grande, conseguiu serrar as grades da cela onde estava preso e pular o muro do presídio, com mais de três metros de altura. Até o fechamento desta edição ele não havia sido recapturado.

Fernando estava preso na cela de número 3, no piso I da penitenciária, junto com mais seis presos considerados de alta periculosidade. As primeiras investigações dão conta de que os outros apenados tinham conhecimento da fuga e todos foram encaminhados para o isolamento, onde

deverão permanecer por um período de 30 dias sem receber nenhuma visita de familiares.

Conforme informações do diretor da penitenciária, capitão Araújo, o fugitivo utilizou uma serra para abrir as grades e usou um alvará fabricado com lençóis para escalar o muro do presídio. Ele prendeu um gancho feito com arame na ponta do alvará para conseguir escalar a parede. O material utilizado na fuga foi apreendido no local.

O diretor do presídio informou que as quatro guaritas existentes na penitenciária estão desativadas desde que o presídio foi inaugurado, em julho de 2007, e isso pode ter facilitado a fuga do preso. Moradores da área disseram que chegaram a ver um veículo trafegando pelas proximidades da penitenciária momentos antes da fuga e há suspeita de que o carro tenha ajudado na fuga do acusado.

Fernando Cândido é condenado a uma pena de 30 anos pelos crimes de homicídio e latrocínio. Há três meses que ele foi transferido para a Penitenciária de Segurança Máxima depois de tentar fugir do Presídio do Serrotão.

Uma comitiva comandada pelo juiz da Vara de Execuções Penais de Campina Grande, Alexandre Trineto, visitou as instalações da Penitenciária na manhã de ontem. A visita fez parte do mutirão carcerário que está sendo realizado nos presídios paraibanos. O juiz Alexandre Trineto informou que já determinou a abertura de uma sindicância interna para investigar se houve facilitação para a fuga do preso. A penitenciária já apresenta superlotação. Atualmente o local abriga 223 presos e sua capacidade é para 150 presos.

Notícia 5.9

Cotidiano

Edição de sábado, 3 de outubro de 2009

Assalto // Fugitivo de presídio recapturado

A Polícia Militar de Campina Grande conseguiu recapturar o fugitivo do Presídio do Serrotão, Fábio Cavalcanti dos Santos, de 35 anos, que atualmente estava morando na Rua Cuba, no bairro de Santa Rosa. Ele foi capturado quando tentava praticar um assalto contra a comerciante Luciana Onorato, 26 anos, que reside na Rua Leonízia Martins Leite, no Centenário. A vítima foi abordada quando saía de casa em um automóvel modelo Corsa Hatch, de cor verde e placas MUC 6707/PB.

De acordo com informações da própria comerciante, o acusado fingiu está armado com um revólver e pediu para que ela saísse do carro. A vítima não atendeu a ordem do presidiário, acelerou o veículo e acabou colidindo em um poste da rede elétrica.

O caso foi informado à polícia que conseguiu prender o acusado em flagrante. Na carceragem da Central de Polícia, o presidiário não quis conversar com a imprensa, mas, de acordo com o delegado responsável pela ocorrência, Fábio confessou a tentativa de roubo.

Com a colisão, a comerciante Luciana Onorato ainda sofreu algumas lesões em uma das pernas e foi socorrida para um dos hospitais de Campina Grande. O poste ficou parcialmente destruído e teve que ser substituído na manhã de ontem, o que acabou deixando alguns moradores do bairro do Centenário sem o fornecimento de energia por algumas horas.

Fábio Cavalcanti já havia passado mais de dois anos na cadeia também por prática de assaltos e estava foragido há cerca de um ano. (MR)

Os presidiários (ex-presidiários, albergados) também se tornam notícias quando são quase mortos, e, quando reivindicam condições mais salubres para cumprimento de pena:

Notícia 5.7**Últimas**

Edição de sexta-feira, 2 de outubro de 2009

Zona leste // Foragido sofre atentado

O preso albergado da Penitenciária do Serrotão, Ednaldo Batista da Silva, 32 anos, foi vítima de uma tentativa de homicídio na noite da última quarta-feira. O crime aconteceu por volta das 22h, na Rua Silva Jardim, bairro de José Pinheiro, e, segundo informações da própria vítima, foi praticado por um homem ainda não identificado. Ednaldo retornava para casa, caminhando pela calçada, quando o acusado lhe chamou pelo nome e efetuou três disparos de revólver calibre 38. Ele foi atingido na cabeça e no ombro, sendo socorrido pela PM para o Hospital Regional de Urgência e Emergência, onde está sob custódia policial. A vítima não corre risco de morte. Ednaldo foi preso duas vezes e condenado há 27 anos de prisão pela prática de homicídio

Notícia 5.60**Cotidiano**

Edição de quarta-feira, 28 de outubro de 2009

Serrotão // Albergados fazem protesto

Cerca de 200 albergados da Penitenciária Regional do Serrotão em Campina Grande realizaram na manhã de ontem, um ato público para pressionar a conclusão das obras de estruturação da Casa Albergue. A mobilização aconteceu durante toda a manhã, na frente dos galpões que foram alugados para instalação da unidade prisional, na Avenida João Walling, no Catolé.

De acordo com os manifestantes, a intenção principal foi de realizar um movimento pacífico que pudesse chamar a atenção das autoridades para a resolução do problema. "Estamos somente exigindo os nossos direitos. Cometemos crimes, confessamos e estamos pagando por nossos erros. Queremos voltar recuperados à sociedade, no entanto, o Presídio do Serrotão não tem condição de abrigar todos os presos", declarou Alex Pereira, 32 anos.

Com faixas e cartazes, os albergados também denunciaram as atuais condições da infraestrutura do Serrotão. Segundo eles, no galpão que hoje serve para abrigar os mais de 220 albergados, existem apenas quatro banheiros e os colchões não são suficientes.

De acordo com o diretor da Casa Albergue, o tenente Ubirajara Ferreira Tavares, o atraso na finalização das obras é consequência de um processo de licitação que ainda não foi concluído. "Foi aberta a licitação, mas ela ainda não foi concluída. Os detentos devem entender que esses atrasos são naturais, no entanto, o governo garante que no máximo em 10 dias os galpões estarão prontos para abrigar a todos", confirmou o tenente.

Rebelião

Questionado sobre a informação de que os presos do Serrotão estariam planejando uma rebelião para os próximos dias, no intuito de solicitar das autoridades melhorias na estrutura física do local, o tenente Ubirajara disse que não acredita na formação do motim. Segundo ele, atualmente os detentos estão bastante tranquilos e não demonstram interesse em planejar rebelião. (MR)

Foucault (2004, p.258), apontando indícios do processo de estigmatização dos presidiários, questiona "o que se esconde sob o aparente cinismo da instituição penal que, depois de ter feito os condenados pagar sua pena, continua a segui-los através de toda uma série de marcações...". Muito comum, também, ex-presidiários serem manchetes de matérias:

Notícia 4.30

Cotidiano

Edição de segunda-feira, 14 de setembro de 2009

Pedreiro morto por causa de celular

Josinaldo da Nóbrega foi atingido por um tiro no rosto, no final da manhã de ontem, no bairro da Rosa Mística

David Veiga especial para o DB

O pedreiro e **ex-presidiário** Josinaldo da Nóbrega Guilherme, 29 anos, que residia na Travessa Severino Verônica, no bairro da Rosa Mística, foi assassinado por volta das 10h de ontem, com um tiro no rosto. O crime teria sido motivado por conta da troca de um aparelho celular entre a vítima e o acusado, conhecido apenas como "Galego da Carroça", que se encontra foragido.

.....
(grifos nossos)

Notícia 5.63**Cotidiano**

Edição de quinta-feira, 29 de outubro de 2009

Ramadinha II // Ex-presidiário é executado na porta de casa

Um crime bárbaro traumatizou os moradores da tranquila Rua Marinaldo Batista Filho, no bairro da Ramadinha II, em Campina Grande, na manhã de ontem. O **ex-presidiário** Flaviano da Silva Santos, de 21 anos, chegava em casa quando foi surpreendido por um homem armado com um revólver calibre 38 que o assassinou com quatro tiros.

Notícia 5.69**Cotidiano**

Edição de sábado, 31 de outubro de 2009

Ex-presidiário // Homem é executado na rua

A Polícia Militar registrou mais um assassinato em Campina Grande na noite da última quinta-feira. Desta vez, o crime aconteceu na Rua Wilson Furtado, no bairro do Catolé, nas proximidades do Clube Campestre. A vítima foi o ex-presidiário Emanuel de Lira Silva, 27 anos, que atualmente residia na Rua João Batista de Arruda, no bairro do Ligeiro, e **há cerca de 15 dias havia conseguido um emprego em uma fábrica de móveis.**

De acordo com informações repassadas pela Polícia Militar, o assassinato foi praticado por dois homens que estavam em uma motocicleta que ainda não foram identificados.

Segundo a irmã da vítima, Jaqueline de Lira Silva, Emanuel **havia saído recentemente da cadeia e estava tentado se inserir normalmente na sociedade.** Emanuel de Lira foi ferido com dois tiros de revólver calibre 38. Depois do crime, a dupla fugiu na moto.

(grifos nossos)

Notícia 6.35**Cotidiano**

Edição de quinta-feira, 19 de novembro de 2009

Ex-presidiário morto com cinco disparos

Vítima foi executada quando saía para trabalhar. Familiares desconhecem motivo do crime

Márcio Rangel // marciorangel.pb@dabr.com.br

O **ex-presidiário** da Penitenciária Regional do Serrotão, Carlos Antônio da Silva, 41 anos, morador da Rua Marinaldo Batista Filho, no bairro da Ramadinha II, foi assassinado com cinco tiros de revólver calibre 38, por volta das 6h30 de ontem, quando saía de casa com destino ao trabalho. O crime aconteceu próximo a um capinzal existente na Rua Rubens Dutra Segundo, bem próximo de sua residência.

(grifos nossos)

De acordo com informações dos próprios familiares da vítima, diariamente, Carlos Antônio fazia esse trajeto, **já que atualmente ele trabalhava como auxiliar de construção**, em uma obra próximo do canal de Bodocongó.

(grifos nossos)

Os ex-presidiários são retratados, conforme visto, como elementos perigosos, sem regeneração. Envolvidos com a vida do crime, são quase sempre assassinados. A presença deles é capaz de “transformar tranquilas ruas” (notícia 5.63) do bairro da Ramadinha II, em local de homicídio.

Goffman (1998, p.11) nos explica, ainda, que paralelo à identidade social real (atributos que a pessoa realmente possui), haveria uma identidade social virtual (caráter imputado). Usando esses conceitos às notícias acima transcritas, teríamos:

Tabela 14 – Identidade Social Real X Identidade Social Virtual

Notícia	Indivíduo	Identidade Social Real	Identidade Social Virtual
5.69	Emanuel Lira da Silva	Funcionário de Fábrica de Móveis	Ex-presidiário
6.35	Carlos Antonio da Silva	Auxiliar de Construção	Ex-presidiário
4.30	Josinaldo da Nóbrega Guilherme	Pedreiro	Ex-presidiário

Corroborando a noção do estigmatização que, como vimos nos exemplos acima recai sobre o presidiário, esclarece Corrêa(2001):

Produz-se, assim, a perspectiva de luta contra o inimigo interno comum, (...). E é justamente nesta conformação e propagação da **imagem do criminoso, do perverso do inimigo perigoso, imagem construída a partir basicamente da imagem dos apenados**, oriundos das camadas mais estigmatizadas e marginalizadas da sociedade, que o sistema penal utilizado simbolicamente **exerce seu mais relevante papel na manutenção, reprodução e perpetuação das estruturas sociais verticalmente hierarquizadas**, isto é, da desigual formação social e sistema do poder atual. (grifos nossos)

Goffman (1998, p.19), acreditando na reação dos estigmatizados, propõe que entre essas reações situa-se a possibilidade de “corrigir sua condição”. Na notícia 5.69, a irmã do “ex-presidiário” assassinado explica que “Emanuel havia saído recentemente da cadeia e estava tentando se inserir normalmente na sociedade”.

O sistema disciplinar se sustenta pelo sistema de coerção que estabelece, sendo em grande medida uma fonte e o resultado de processos sociais de estigmatização. Como a sociedade é formada por um feixe de poderes em várias direções, a disciplinarização não é só exercida pelo Direito. A mídia tem se revelado uma instância poderosa de estigmatização, oferecendo a todo instante padrões de avaliação moral, modelos a serem atingidos em todas as áreas da vida social, tais como a dos caracteres físicos, intelectuais e morais desejados, dentre outros.

Entre os modelos atingíveis numa sociedade capitalista, encontra-se, por exemplo, o estar empregado. Verdadeiro símbolo de prestígio e status, o emprego remete a imagem de trabalhador-honesto. Numa interpretação contrária, o desempregado é um vadio, desocupado e, portanto, nocivo a uma sociedade em que normal é ser empregado. Goffman (1998, p.53) ao comentar os símbolos de estigmas reproduz o seguinte depoimento: “Como é duro e humilhante carregar a fama de um homem desempregado! Quando saio, baixo os olhos porque me sinto totalmente inferior” (*idem*, p.26). Esse símbolo de estigma, caracterizado como um atributo negativo, foi observado nas notícias analisadas:

Notícia 5.22

Cotidiano

Edição de segunda-feira, 12 de outubro de 2009

Rapaz é assassinado ao passar pela BR-230

Corpo foi encontrado na manhã de ontem, nas proximidades da Curva da Caridade, na zona rural de CG

Isabela Alencar // isabelaalencar.pb@diariosassociados.com.br

Depois de visitar um tio no Distrito de Galante, o **desempregado** Luciano Rodrigues da Silva, 19, foi atingido com um tiro na nuca, na BR-230, quilômetro 137, durante a manhã de ontem, quando estava retornando de bicicleta para sua casa, localizada na Fazenda Maria da Luz, zona rural de Campina Grande.

.....
(destaque acrescentado)

Notícia 6.9

Cotidiano

Edição de sexta-feira, 6 de novembro de 2009

Violência // Desempregado é alvejado a tiros

Mais uma tentativa de homicídio foi registrada em Campina Grande na noite da última quarta-feira. Por volta das 19h, o desempregado José Eric de Luna, 25 anos, foi surpreendido por dois homens armados com revólveres quando estava na porta de sua residência, localizada na Travessa Sindolfo Monte Negro, no bairro de Santo Antônio.

Notícia 6.24**Cotidiano**

Edição de sexta-feira, 13 de novembro de 2009

Porte ilegal // Suspeito de depredar ônibus é preso

Por volta das 21h da última quarta-feira, policiais militares faziam rondas no bairro de Bodocongó quando **prenderam novamente o desempregado Alandex Gonçalves da Silva, 25 anos**, morador do bairro do Quarenta. Ele, que havia sido detido pela primeira vez na noite do último domingo, em companhia de mais dez pessoas, após o jogo de futebol entre Treze e Campinense, no estádio(....)

.....
 (grifos nossos)

Notícia 6.32**Cotidiano**

Edição de terça-feira, 17 de novembro de 2009

Serrotão // Detida com Maconha na vagina

A **desempregada Edlene da Silva, 38 anos**, moradora da Rua João Viana Amorim Guedes, no bairro da Catingueira, foi presa na tarde do último domingo, quando tentava entrar na Penitenciária Regional do Serrotão em Campina Grande com cerca de 100 gramas de maconha. A droga estava envolvida em um preservativo masculino e escondida dentro da vagina da acusada, que **estava indo visitar seu companheiro, preso há mais de dois anos**.

(grifos nossos)

Todas as matérias se interligam, por mencionarem o desempregado como alguém que pode ser morto ou preso. Na notícia 6.24, deixa-se claro que o desempregado foi preso “novamente” e na 6.32 explicita-se que a “desempregada” foi presa porque levava drogas ao companheiro “presidiário”.

Observamos que com relação aos desempregados, a notícia sempre traz um grande número de elementos identificadores: nome completo, idade e endereço. Quando a matéria se refere a criminosos-empregados, o tratamento é diverso:

Notícia 6.3**Cotidiano**

Edição de quinta-feira, 5 de novembro de 2009

Fraude milionária no INSS da Paraíba

PF desarticulou quadrilha acusada de aplicar golpe e causar prejuízo de R\$ 4,5 milhões aos cofres da União

Tatiana Brandão // tatianarocha.pb@diariosassociados.com.br

A Força Tarefa Previdenciária no Estado da Paraíba, composta pelo Ministério da Previdência Social, Departamento de Polícia Federal (DPF) e Ministério Público Federal (MPF), deflagrou, ontem, a Operação Cartão Mágico (OCM), com **a prisão de quatro pessoas acusadas de fraudar a Previdência Social em Campina Grande. Foi presa uma pessoa em Maceió (AL) e outras**

três em Campina Grande, entre elas um servidor do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que trabalhava como técnico de Seguro Social.

De acordo com informações do superintendente da Polícia Federal na Paraíba, Sinomar Neto, no início do ano, a Previdência Social recebeu denúncias de que um servidor - que não teve seu nome revelado - estaria praticando fraudes contra a instituição. Ele agia **em conjunto com a esposa, um irmão e uma cunhada, que também não tiveram suas identidades reveladas.**

Os presos foram ouvidos durante todo o dia de ontem pelos delegados da PF. No final do dia, **um dos presos, que possui nível superior, foi encaminhado ao Quartel da Polícia Militar, onde ficará preso até o final das investigações. Os outros três, inclusive a cunhada do servidor do INSS,** que foi presa em Macció (AL) e trazida para Campina Grande, foram levados para o Presídio do Serrotão. Os crimes são inafiançáveis.
(Grifos nossos)

Notícia 2.32

Últimas

Edição de sábado, 25 de julho de 2009

Estudante // MPF denuncia acusado de pedofilia

Tarcisio Araújo // tarcisioaraujo.pb@diariosassociados.com.br

O crime de pedofilia está cada vez mais na mira da Justiça. **Um estudante de 31 anos, residente em Campina Grande,** foi denunciado pelo Ministério Público Federal acusado de portar material pornográfico envolvendo crianças e adolescentes. O acusado havia sido preso em flagrante em maio deste ano, durante a Operação Turko, realizada pela Polícia Federal.

O estudante teria divulgado, pela internet, fotografias de sexo explícito ou pornográficas envolvendo crianças e adolescentes. **Segundo a denúncia, o estudante mantinha** em seu computador pessoal e também em CDs e DVDs, fotografias, imagens e vídeos com pornografia ou cenas de sexo explícito com menores de 18 anos.

Além de armazenar o material ilegal, o denunciado também teria fornecido os arquivos virtuais de forma continuada, através de programa de compartilhamento de arquivos.

O MPF Ministério Público Federal pediu a condenação do estudante nas penas dos crimes contidos nos artigos 241 e 241-B do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), podendo resultar em reclusão de quatro a oito anos.

(grifos nossos)

Conforme visto, para os que ostentam símbolos de prestígio – emprego ou níveis altos de instrução – a notícia não traz nomes ou endereços. A construção de um atributo depreciativo se perfaz através de uma complexa relação entre diversos conceitos socialmente conhecidos.

Nas sociedades contemporâneas, os diversos meios de comunicação parecem se tornar espaços privilegiados de visibilização dos sistemas de estigmatização vigentes nas diversas sociedades. É nesse sentido que para analisar como são montadas as representações discursivas do crime e de sua punição na imprensa, tornou-se útil o conceito de estigma, como definido por Goffman (*idem*).

De acordo com Goffman (1998, p.15), “acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano” e, por isso, “construímos uma teoria do estigma para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa”.

Além de presidiários, ex-presidiários e desempregados, outra categoria, no *corpus* de notícias pesquisadas aparece com identificação negativa. São os usuários e envolvidos com Drogas, tidos como negação da ordem coletiva. São percebidas como incapazes de utilizar as inúmeras chances de “adequação” social, preferindo, ao revés, se manter como representações de “defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade”(idem, p.195).

Do conteúdo de duas notícias é possível extrair indícios do processo de estigmatização dos viciados em drogas a que elas servem. Na primeira, um suposto “assassinato por engano”, parentes da vítima dão conta que “ele não tinha inimigos e nem era viciado em drogas”. Na segunda notícia, o assassinato é por uma dívida de R\$5,00 (cinco reais), mas a mãe da vítima afirma com tranquilidade que sabia que ele estava sendo ameaçado, pois “era viciado em crack”. Tanto uma notícia como outra dão a entender que o viciado, rompendo o pacto social de sobriedade, se submete, num resultado tido como esperado, a ser morto por dívida de qualquer valor:

Notícia 6.1

Cotidiano

Edição de terça-feira, 3 de novembro de 2009

Assassinato por engano em Campina

Polícia vai investigar se Alex Sandro foi confundido, e por isso morreu com dois tiros
Antonio Ribeiro // antoniosilva.pb@diariosassociados.com.br

A polícia registrou assassinato de duas pessoas durante o final de semana em Campina Grande. Em um dos crimes, a polícia acredita que o pintor Alex Sandro da Silva, 21 anos, que residia na Rua do Canal, no bairro do Pedregal, foi morto por engano. As hipóteses são de que Alex teria sido confundido com o seu irmão ou com um membro da torcida organizada Jovem do Galo.

Os amigos de Alex acreditam que ele foi realmente morto por engano. Para eles, existem duas possibilidades: o assassino teria ido acertar contas com o irmão da vítima, o ex-presidiário Laelson Silva, que trocou tiros com a polícia na semana passada no Pedregal, e por Alex ser muito parecido com ele, o mataram por engano. Há também a hipótese que o confundiram com um dos membros da torcida organizada Jovem do Galo.

.....
Nova Brasília, quando foi alvejado por um homem não identificado que chegou armado. A família disse que Walter era trabalhador, não tinha inimigos, **nem era viciado em drogas.** (...) (grifos nossos)

Cotidiano

Edição de quarta-feira, 4 de novembro de 2009

RS 5 é motivo de assassinato

Mãe da vítima acredita que jovem foi morto por causa de uma dívida com o tráfico de drogas
Márcio Rangel // marciorangcl.pb@diariosassociados.com.br

(...)

De acordo com Maria Geraldina, mãe de Rafael, ele havia saído de casa no último domingo à noite para assistir o espetáculo de um circo instalado próximo à invasão do Serrotão e não mais retornou. "Ele saiu de casa dizendo que iria para o circo. Só que eu já sabia que ele já estava sendo ameaçado por dois rapazes que moram perto da minha casa. Tudo por causa do crack, meu filho era viciado há mais de quatro anos, tudo que ele pegava era para comprar drogas. Eu não dava dinheiro, mas ele terminava vendendo até as roupas. Sexta-feira mesmo ele empenhou uma calça e uma blusa para trocar por duas pedras de crack. Ele reclamava que estava devendo RS 5 a esses dois meninos, como ele não conseguiu o dinheiro, acabou sendo morto". declarou.

Segundo o delegado Júlio Ferreira, responsável pela ocorrência, "a própria família da vítima contou que ele vinha sofrendo ameaças de dois rapazes que são traficantes, mas todas as informações serão apuradas".

(grifos nossos)

Processos de estigmatização são inerentes a qualquer sociedade. Resultado de processos sociais, a criação de símbolos de status e de estigma se refere também ao modo como se organizam as normas e os castigos aplicados aos que quebram aquelas:

Uma condição necessária para a vida social é que todos os participantes compartilhem de um único conjunto de expectativas normativas e que as normas são sustentadas, em parte, porque foram socialmente incorporadas. Quando as regras são quebradas surgem de imediato, medidas restauradoras adotadas pelos agentes de controle. (GOFFMAN, 1998, p.138)

Por isso, caso se cometa um furto, providências no campo do Direito Penal serão tomadas, independente das condições que circundem o fato:

Notícia 2.14

Últimas

Edição de sexta-feira, 10 de julho de 2009

Prisão // Furtou para alimentar a família

Isabela Alencar // isabelaalencar.pb@diariosassociados.com.br

Na carceragem da Central de Polícia de Campina Grande, onde está desde o final da noite de quarta-feira, o ex-vendedor, Gilvete de Sousa Portela concordou em conversar com a equipe do Diário da Borborema e, emocionado, fez o seguinte desabafo: "Eu sei que não é certo, mas o que eu podia fazer, deixar meus filhos precisando de comida? É difícil para um pai ver seus filhos pedindo alguma coisa e não poder oferecer, porque não tem dinheiro. O que eu fiz foi no impulso e não faria de novo, porque fui muito humilhado".

Gilvete foi preso acusado de furto. Ele teria sido flagrado pelo circuito interno de vídeo do Hiper Bompreço do Shopping Boulevard, tentando levar arroz, feijão, linguiça e outro alimentos escondidos em uma bolsa. Os seguranças do estabelecimento acionaram a polícia e o rapaz foi detido.

Aos 36 anos e desempregado há um, Gilvete contou que está difícil conseguir emprego e admitiu que já cometeu o mesmo crime em outra oportunidade. Mas se justificou dizendo que sua família,

composta por ele, a mulher e três filhos, vem passando necessidades.

"Desde que fui demitido venho tentando arranjar outro emprego, mas está difícil. Tenho três filhos para criar e minha esposa também não consegue emprego. Já tentamos até vender uns pirulitos de chocolate que fazíamos, mas o comércio não deu certo", lamentou.

Melo (2010, p.124) defende haver uma recorrente “correlação causal direta e positiva entre a pobreza e determinados tipos de crime”. O criminoso, em geral, nesses termos, se descreve a partir de características pré-estabelecidas: é pobre, negro ou pardo, de baixa escolaridade, de aparência física repugnante ou *desprovida de beleza* e, principalmente, de extrema periculosidade e pouca confiança. Segundo COIMBRA (2001, p.36):

Além de produzir massivas subjetividades, de estar nas mãos de uns poucos, a mídia funciona organizando diversos e diferentes fluxos de acontecimentos; pela via do espetáculo, das formas dramáticas e sensacionalistas produz as ‘identidades’, as simpatias, os prós e os contras.

A “criação de identidades” consiste na construção do (que) ser e do (que) não-ser, sob uma lógica do que se pré-conceitua como “bom” e como “mau”. Para Castro (1994, p.90):

(...)esses mecanismos, via dicotomia bom/mau, naturalmente, geram, o que chamamos em criminologia, de ‘estereótipos’. Como resultado, “a ‘norma’ é ser branco, bonito, inteligente, cristão e de boa classe social. Os maus seriam os que se desviam dessa norma.

A partir da análise da organização da sociedade norte-americana, Goffman (1998, p.139) conclui que, sob pena de padecer por um sentimento de inferioridade, “há um só tipo de homem que não tem nada do que se envergonhar: um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do norte, heterossexual, de educação universitária, *bem* empregado, de *bom* aspecto, *bom* peso, *boa* altura e com um sucesso recente nos esportes”.

Nesse diapasão, conforme visto, é possível criar um diálogo entre a descrição do sistema disciplinar, feita por Foucault (2004) e a análise sociológica dos estigmas e dos processos de estigmatização, de acordo com Goffman (1998), para a análise das representações e práticas discursivas de enunciação do crime veiculadas na mídia em geral e na imprensa em particular.

CAPÍTULO 4

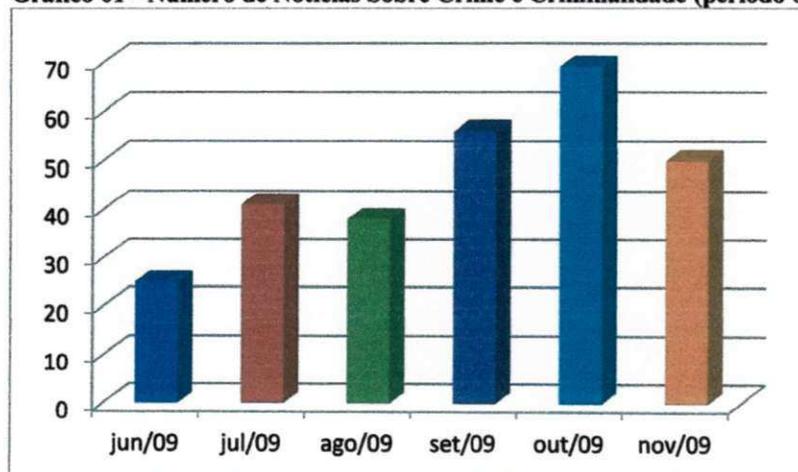
O QUE MAIS DIZEM OS DADOS?

4.1 Análise Quantitativa

Ao iniciar a coleta de dados, esperávamos que a cada mês, houvesse um acréscimo na quantidade de matérias publicadas sobre o crime/a criminalidade. Nossa intuição se alimentava da insistência midiática na ideia de que a cada dia, há mais “violência”. Outra expectativa (vulgar) dizia respeito ao mês de junho (período 01), época anual de grande movimento financeiro e populacional, em face do “maior São João do mundo”, festa junina nacionalmente conhecida.

Tanto a intuição quanto a expectativa restaram frustradas. Os dados não apresentaram uma curva crescente, mas oscilante. E, para a nossa surpresa, junho foi o mês em que menos se publicou acerca de crime e criminalidade. Numa representação gráfica, teríamos o seguinte:

Gráfico 01 - Número de Notícias Sobre Crime e Criminalidade (período 01-06)



Observamos que em junho/2009, os dados (menor quantidade de notícias-crimes publicadas) coincidem com estatísticas informadas pela Polícia Civil:

Matéria 1.17**Cotidiano**

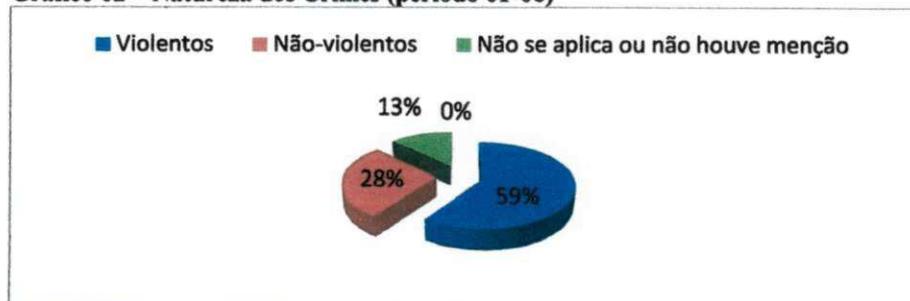
Edição de terça-feira, 23 de junho de 2009

São João // Polícia registra poucas ocorrências

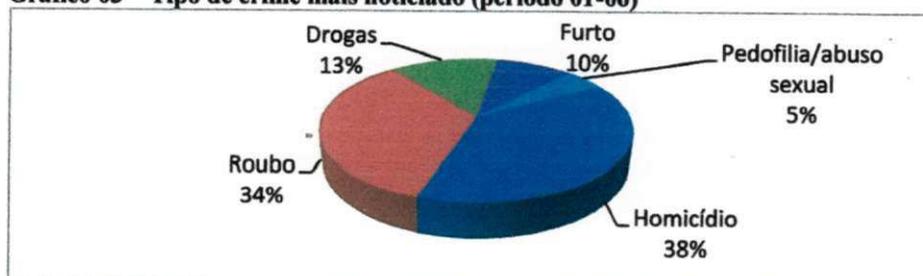
Desde o início das festividades no Parque do Povo e imediações não houve nenhuma ocorrência de natureza grave, apenas registro de pequenos furtos e perda de documentos. Informações foram repassadas pela 2ª Delegacia Regional de Polícia Civil, sediada em Campina Grande. Polícia Civil aponta que o São João na Paraíba está acontecendo em clima de tranquilidade. A delegacia de polícia registrou que queixas de roubos e furtos diminuíram e o número de prisões, comparado com o ano passado, aumentou. Nas primeiras três semanas de festa, foram realizadas 21 prisões e oito apreensões de menores. "Isso se deve ao trabalho preventivo integrado realizado pelas polícias Civil e Militar", ressaltou Ariosvaldo. Nas outras cidades onde ocorrem os festejos juninos, segundo relatório da Polícia Civil, o clima também é de tranquilidade.

4.1.1 Natureza dos crimes e crimes Mais Noticiados

Nos seis períodos pesquisados, a publicação de crimes violentos superou a de crimes não-violentos. O percentual restante se refere a notícias que dizem sobre criminalidade em geral (não é especificado nenhum crime) e/ou segurança pública (mobilizações populares, providências policiais, manifestações institucionais, etc.).

Gráfico 02 – Natureza dos Crimes (período 01-06)

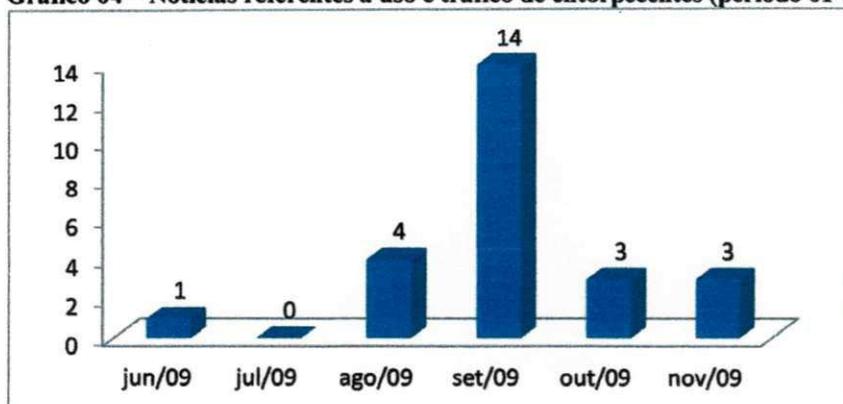
Entre os crimes violentos o de homicídio foi o mais noticiado:

Gráfico 03 – Tipo de crime mais noticiado (período 01-06)

Utilizando a ferramenta “localizar” do programa Microsoft Word, detectamos que entre as 279 matérias analisadas, o excerto de palavra *assassin* – que compõe as palavras assassino, assassina, assassinato, assassinado e assassinada – foi repetido por 90 (noventa) vezes. A palavra *morte* foi repetida 67 (sessenta e sete) vezes e a palavra *homicídio* 73 (setenta e três) vezes.

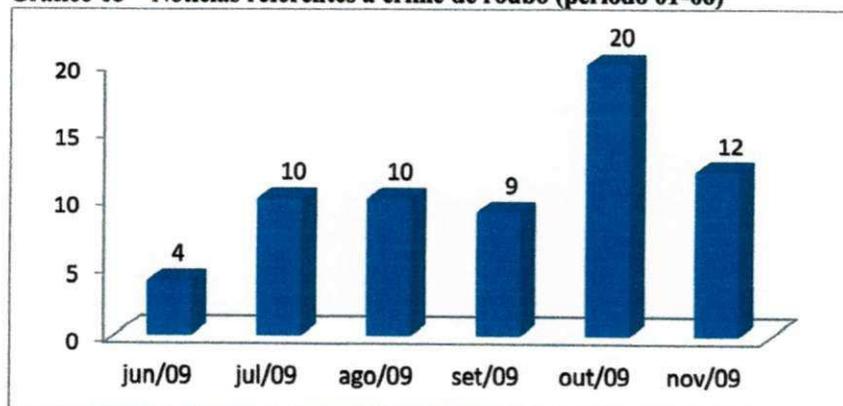
Algumas situações específicas, em relação a crimes mais noticiados, foram observadas. No mês de setembro/2009 (período 04), em comparação aos demais períodos, houve um desproporcional destaque aos crimes relacionados a uso e tráfico de drogas:

Gráfico 04 – Notícias referentes a uso e tráfico de entorpecentes (período 01-06)



Já no mês de outubro/2009, a desproporcionalidade estatística se deu em relação ao crime de roubo:

Gráfico 05 – Notícias referentes a crime de roubo (período 01-06)

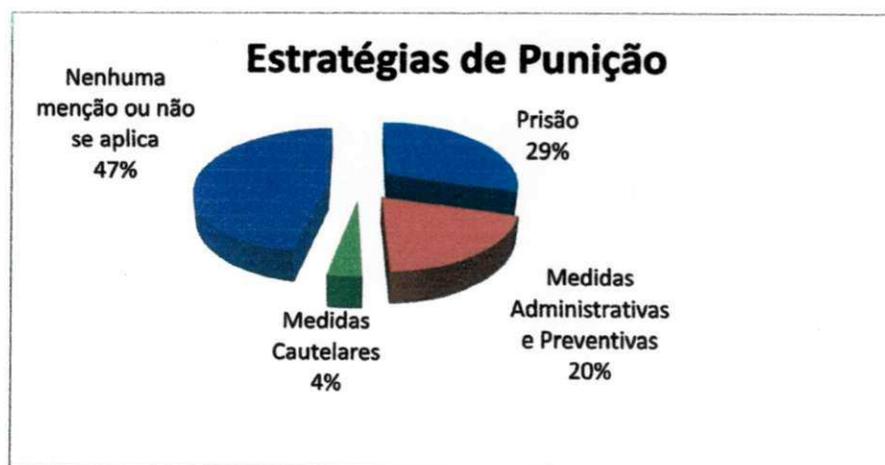


Outros crimes foram noticiados em menor proporção, tais como crimes cibernéticos, crime de extorsão, maus-tratos, rixa, tortura e abuso de poder (uma ocorrência cada um, respectivamente). Ameaça e Corrupção foram noticiados, apenas, entre todas as unidades de registro, por duas vezes, cada um.

4.1.2 Estratégias de Punição e Referência a Policiais

Ao decidir por esta categoria-temática, dividimo-la, conforme exposto no capítulo 2, em 04 (quatro) subitens: prisão, medidas preventivas/administrativas, medidas cautelares e penas alternativas. Para nossa surpresa, em tempos de humanização das penas, entre as 279 (duzentas e setenta e nove) notícias pesquisadas, nenhuma mencionou como estratégia de punição as penas alternativas e pior: a maioria das notícias não menciona qualquer tipo de sistema de penalidade(contrariando a perspectiva foucaultiana de propaganda-castigo), restringindo-se a narrar a prática delituosa.

Gráfico 06 – Estratégias de Punição referidas nas notícias (período 01-06)



Utilizando a ferramenta de busca do Word, observamos que nas 279 notícias coletadas, as palavras preso/presos/presa/prisão se repetem em 206 (duzentos e seis) vezes.

Entre as medidas administrativas e preventivas, o policiamento preventivo foi o mais citado. A palavra policiamento se repete por 10 (dez) vezes; já a palavra “rondas (policiais)”, 24 (vinte e quatro) e a palavra “diligências (policiais)” é repetida em 12 (doze) ocorrências diferentes.

Se ampliarmos a “estratégia de punição” para “estratégias de combate ao crime”, vamos observar ocorrências esporádicas como passeatas e manifestações populares²⁴, medidas ou providências tomadas pelo Ministério Público²⁵ e decisões impostas por Juiz de Direito²⁶.

Ao dissertar sobre a relação crime-mídia, Misse (apud ANDRADE, 2007, p.88) explica que “os personagens postos sob o foco são apresentados como uma tríade: o bandido, a vítima e a polícia. Pode-se pluralizar a tríade ou substituí-la por outras equivalentes: o réu a acusação e o juiz”. Esta pesquisa confirmou a presença dos personagens, diante da constante referência, através do uso do substantivo:

Tabela A – Ocorrência de palavras referente aos personagens envolvidos

Palavra	Ocorrências
Polícia	531
Vítima	391
Acusado(a)	283
Bandido	187
Ministério Público/ Promotor	51
Juiz	16

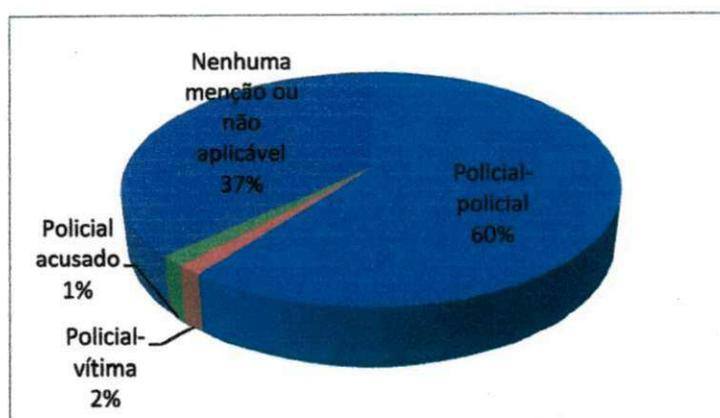
²⁴ **Estudantes pedem fim da violência** . Mais de 500 jovens percorreram várias ruas da cidade em alusão à 3ª Caminhada pela Paz. Matéria 5.3 .Cotidiano.Edição de quinta-feira, 1 de outubro de 2009;
Moradores da Catingueira clamam por paz e Justiça. Protesto foi motivado pelo assassinato da jovem Renata do Nascimento Cruz, morta por engano. Matéria 1.13. Última.Edição de quinta-feira, 18 de junho de 2009.

²⁵ **Mais punição para os pais**. Segundo o Ministério Público, cerca de 22% dos alunos da rede pública estão foram da sala de aula. Matéria 2.19. Últimas. Edição de terça-feira, 14 de julho de 2009
MP solicita abertura de inquérito contra pastor. Promotor tomou providência depois que pai de garota não registrou ocorrência de abuso sexual contra acusado. Matéria 3.8.Últimas.Edição de terça-feira, 11 de agosto de 2009

²⁶ **Juiz de Campina Grande defende manutenção do toque de recolher**. Matéria 1.15. Cotidiano Edição de domingo, 21 de junho de 2009.

Enquanto personagens, os agentes de Segurança Pública e Autoridades da Persecução Penal não se encontram em uma única posição. Ora são apresentados como vítimas, ora como acusado/bandidos, ora no exercício próprio das funções. Como os policiais aparecem com o maior percentual de referência, tornamo-los uma das categorias-temáticas desta análise de conteúdo, verificando de que maneira são retratados:

Gráfico 07 – Referência a policiais



Os juízes, autoridades da persecução penal, também foram retratados sob mais de uma ótica:

Juízes-Juízes

Matéria 1.15

Cotidiano

Edição de domingo, 21 de junho de 2009

Juiz de Campina Grande defende manutenção do toque de recolher

Mesmo achando positiva a medida, Alberto Quaresma disse que a cidade não tem estrutura para coibir adolescentes.

Matéria 3.17

Cotidiano

Edição de sexta-feira, 21 de agosto de 2009

Serrotão // Preso pula o muro e foge da Máxima

A Penitenciária Regional Padrão de Campina Grande registrou, no início da noite da última quarta-feira, a primeira fuga. O preso Fernando Cândido da Silva, mais conhecido como "Fernando da Gata", 36 anos, residente em Campina Grande, conseguiu serrar as grades da cela onde estava

preso e pular o muro do presídio, com mais de três metros de altura. Até o fechamento desta edição ele não havia sido recapturado.

.....
 Uma comitiva comandada pelo juiz da Vara de Execuções Penais de Campina Grande, Alexandre Trineto, visitou as instalações da Penitenciária na manhã de ontem. A visita fez parte do mutirão carcerário que está sendo realizado nos presídios paraibanos. **O juiz Alexandre Trineto informou que já determinou a abertura de uma sindicância interna para investigar se houve facilitação para a fuga do preso.** A penitenciária já apresenta superlotação. Atualmente o local abriga 223 presos e sua capacidade é para 150 presos.

Juízes-Acusados

Matéria 2.28

Últimas

Edição de terça-feira, 21 de julho de 2009

Caso Alvará // TJ afasta mais um juiz em CG

Mais um magistrado foi afastado de suas funções por conta de supostas denúncias de participar de um esquema de venda de sentenças e contemplar escritórios de advocacia com a liberação de alvarás em Campina Grande. O Pleno do Tribunal de Justiça (TJ) da Paraíba decidiu ontem, pela maioria dos votos, afastar de suas funções o juiz Valério Andrade Porto, titular da 5ª Vara da comarca da cidade campinense, acusado de beneficiar, em tese, alguns escritórios de advocacia com a liberação de alvarás em troca de valores significativos.

Com Valério Andrade, agora são três o número de juízes afastados. O processo foi relatado pelo corregedor-geral de Justiça, desembargador Abraham Lincoln da Cunha Ramos. O Pleno chegou a rejeitar, por unanimidade, três preliminares arguidas pela defesa: falha procedimental na finalização da correição, inexistência de autorização prévia para realização da correição extraordinária na 5ª Vara Cível de Campina Grande e ausência, na ata e no relatório da correição, de menção dos ilícitos cometidos pelo magistrado.

Como são retratados os demais personagens mais citados – vítimas e acusados – é o que veremos no próximo item categorial temático.

4.1.3 Elementos identificadores de vítima e acusados

Permeados pela ideia de identificar como são retratados os crimes, concluímos como essencial saber como são descritas as vítimas e acusados. A partir da orientação metodológica, instituímos esta categoria-temática, cujos sub-itens (profissão, gênero, idade e residência) foram expostos no capítulo acerca da metodologia, a fim de buscar elementos que pudessem melhor descrever as características constantes (ou não) atribuídas aos personagens envolvidos.

Do *corpus* pesquisado, concluímos, segundo dados retirados da tabela 06, que 63% das matérias identificam as vítimas; em 12%, as vítimas não são identificadas e as demais matérias— (25% – se referem à criminalidade de uma forma geral ou a medidas de segurança pública.

No que tange à identificação dos acusados, os percentuais caem vertiginosamente. Só são identificados em 36%. O percentual de não identificação atinge 48%. Os 16% restantes se referem a matérias ligadas à criminalidade em geral ou à segurança pública. Entre as matérias que identificaram vítimas e acusados, teríamos a seguinte divisão por gênero:

Gráfico 08 – Gênero das Vítimas Identificadas (período 01-06)

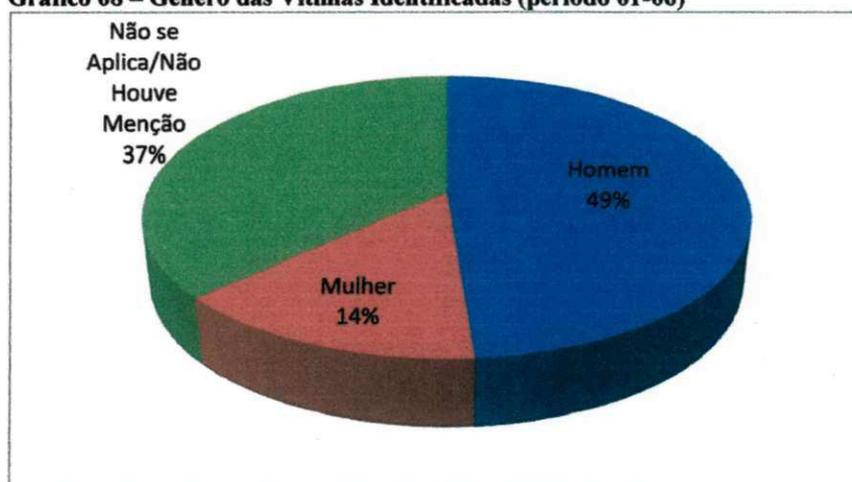


Gráfico 09 – Gênero dos Acusados Identificados (período 01-06)



Vimos que nas matérias do periódico analisado sobre crimes e criminalidade, o masculino é o gênero mais citado, aparecendo em maior número daquelas como vítima, e também como o gênero dos que mais cometem crimes. Em relação à idade de vítimas e acusados, também obtivemos um perfil constante, a maioria das vítimas e acusados citados nas matérias do *corpus* tem entre 19 e 59 anos:

Gráfico 10 – Idade das Vítimas Identificadas (período 01-06)

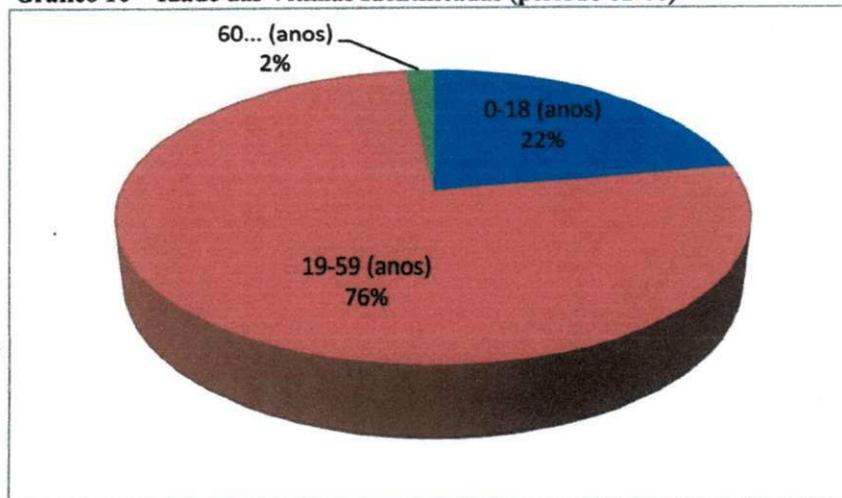
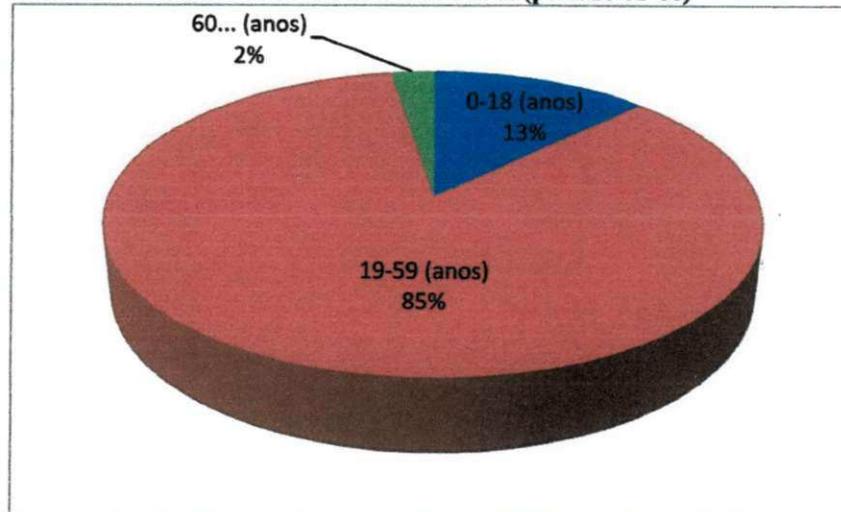


Gráfico 11 – Idade dos Acusados Identificados (período 01-06)



Seguindo com a análise categorial-temática, resta-nos saber onde moram e o que fazem as vítimas e acusados retratados pelas matérias analisadas. A representação gráfica dos dados sobre residência se encontra a seguir. Identificamos, quando citadas, uma pulverização de profissões e bairros residenciais, conforme se extrai dos dados constantes nas tabelas 08, 09, 12 e 13:

Gráfico 12 – Profissão das vítimas (período 01-06)

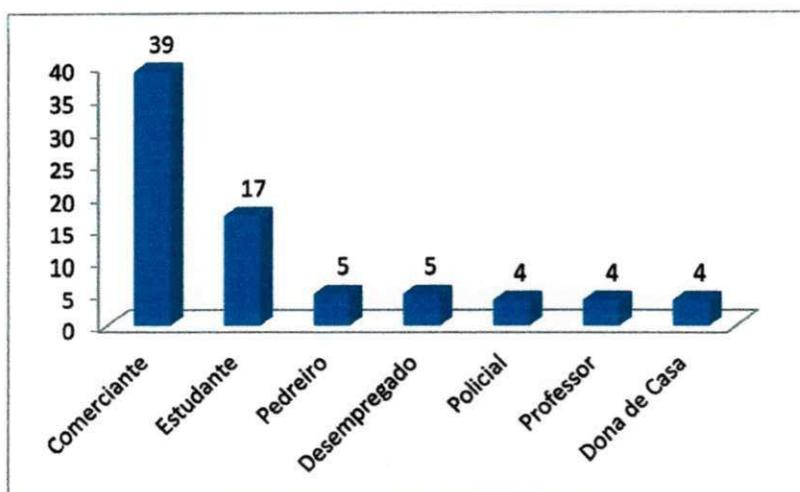
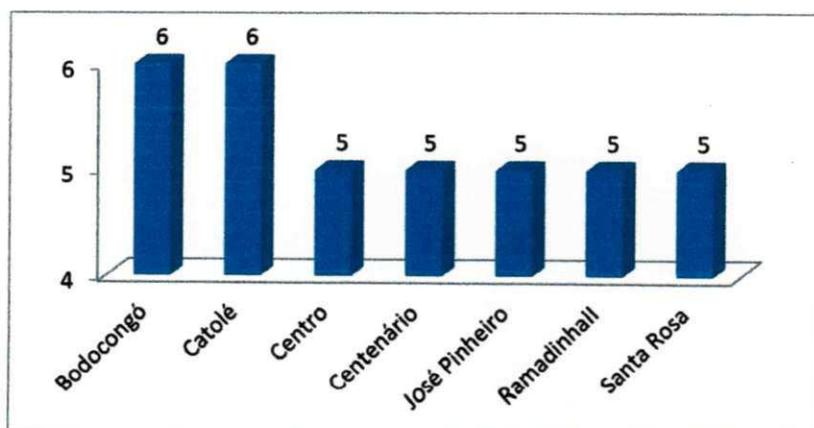


Gráfico 13 – Residência (bairro) das Vítimas (período 01-06)



Em **50,89%**²⁷ das matérias do nosso *corpus*, a profissão da vítima era mencionada. Destacamos no gráfico acima as 07 (sete) profissões de vítimas mais citadas com destaque para a classe dos comerciantes e estudantes.

34,40%²⁸ das matérias indicaram as residências das vítimas, Por certo que nem sempre o local de moradia coincide com o local do crime, no entanto, para nós, esta informação é válida para o estudo dos processos de estigmatização, a serem exposto na análise quantitativa. No que se refere à profissão e residência dos acusados, temos o seguinte:

Gráfico 14 – Residência (bairro) dos acusados (período 01-06)

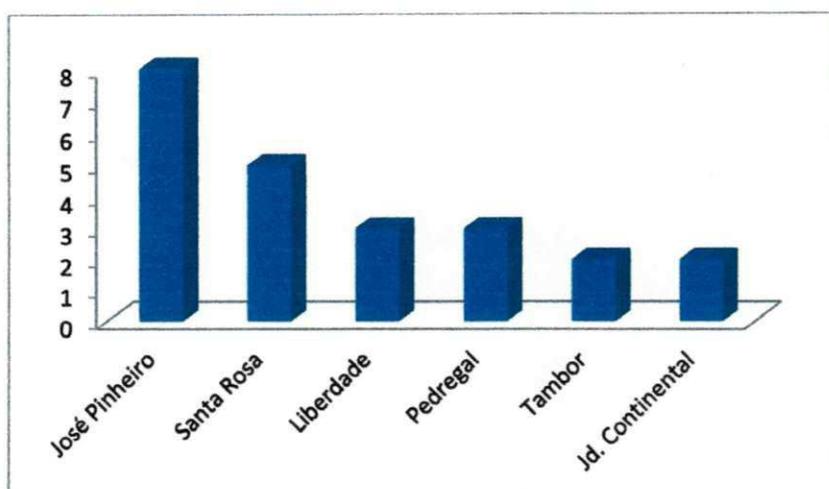
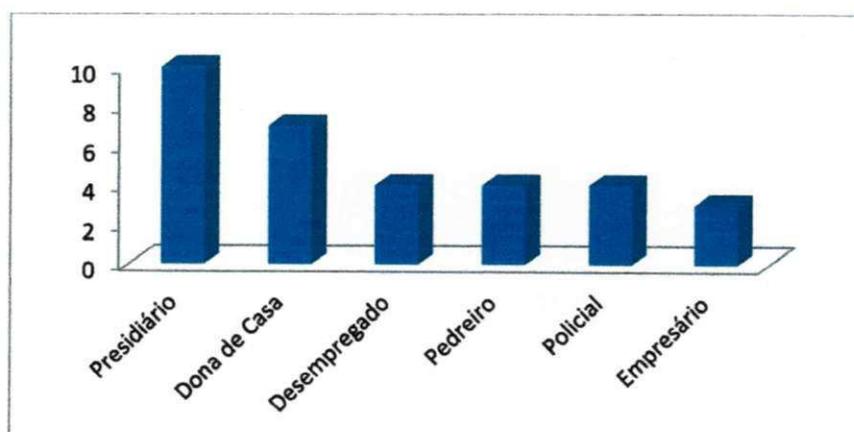


Gráfico 15 – Ocupação (profissão) dos acusados (período 01-06)



²⁷ Conforme tabela 8, das 279 (duzentas e setenta e nove) notícias coletadas, 142 (cento e quarenta e duas) indicavam a profissão da vítima

²⁸ Conforme tabela 09, das 279 (duzentas e setenta e nove) notícias, somente 96 (noventa e seis) mencionam o local de moradia das vítimas.

Em **apenas 19,35%**²⁹ das matérias analisadas a profissão do acusado foi mencionada. Sendo que do total das profissões indicadas, cerca de 20% apontam *presidiário* ou *ex-presidiários* como indicação de profissão, o que pode indicar a suplantação da real ocupação do indivíduo pelo estigma que ele carrega. Destacamos no gráfico acima as 06 profissões de acusados mais citadas.

Com relação às residências dos acusados, apenas **12,90%**³⁰ das matérias indicaram. Por certo que nem sempre o local de moradia coincide com o local do crime, no entanto, para nós, esta informação é válida para o estudo dos processos de estigmatização, a serem focalizados na análise qualitativa.

4.1.4 Frequência de matérias por dia da semana

Na análise de conteúdo se trabalha a frequência de categorias, mas a ausência também é um elemento a ser considerado. Esgotadas as categorias-temáticas propostas, um aspecto curioso nos chamou a atenção durante a pesquisa quantitativa. Em alguns domingos pesquisados, não havia nenhuma matéria acerca de crimes/da criminalidade. Feito o levantamento concluímos que em **65% dos domingos** do período pesquisado³¹, não havia qualquer menção a crimes ou à criminalidade E nos outros 35% (trinta e cinco) por cento, as matérias eram sempre, usando a gíria do jornalismo, “frias”³².

²⁹ Conforme tabela 12, das 279 (duzentas e setenta e nove) notícias coletadas, 54 (cinquenta e quatro) indicavam a profissão do acusado

³⁰ Conforme tabela 13, das 279 matérias, somente 36 mencionam o local de moradia das acusados.

³¹ De junho a novembro de 2009 existiram 26 domingos: 04 nos meses de junho, julho, setembro e outubro; 05 nos meses de agosto e novembro.

³² O manual da Folha *on line* (Folha de São Paulo) explica que “Matéria quente é aquela que contém informações inéditas e que requer publicação imediata. Matéria fria é aquela que não requer publicação imediata”. Versão eletrônica disponível em

http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_m.htm. Acesso em 21.07.2011. Exemplo de *matéria-fria*, publicada aos domingos:

Matéria 4.29

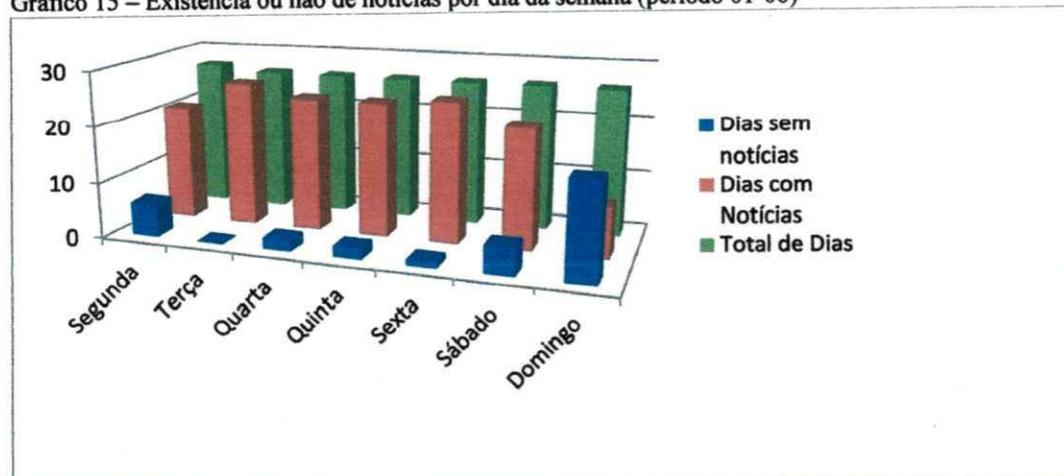
Cotidiano

Edição de domingo, 13 de setembro de 2009

Cerca elétrica como garantia de proteção

Procedemos ao levantamento com relação aos outros dias da semana, e dos 183 pesquisados, separamos o total de dias (por exemplo, foram 27 segundas-feiras), apontando se houve matérias (por exemplo, houve em 21 segundas-feiras) ou se não houve (por exemplo, não houve em 06 (seis) segundas-feiras). O resultado completo segue no seguinte gráfico:

Gráfico 15 – Existência ou não de notícias por dia da semana (período 01-06)



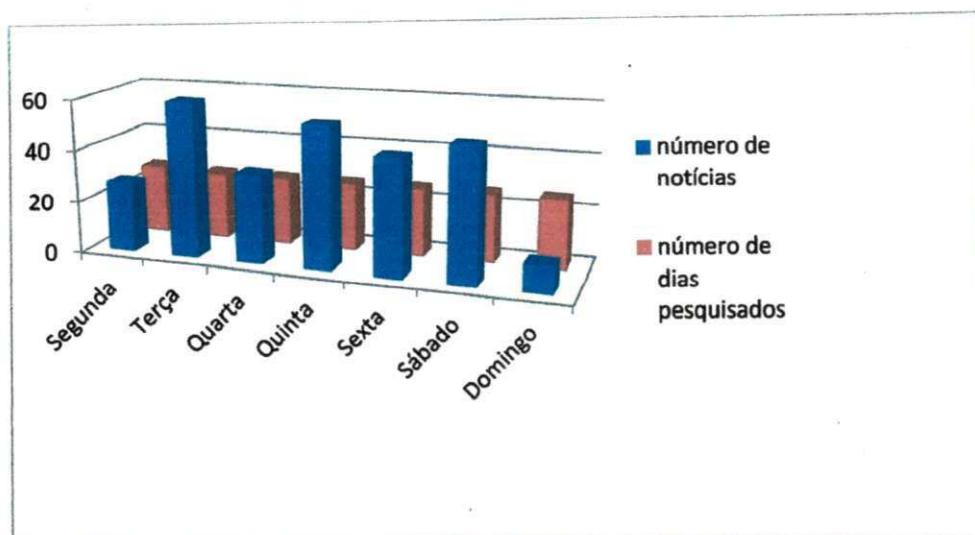
Além do domingo, acima comentado, o gráfico revela outro dado interessante. **Terça-feira** foi o único dia, entre os 183 pesquisados, em que **SEMPRE** foram publicadas matérias a respeito de crimes ou da criminalidade.

Analisada a existência ou ausência de notícia por dia de semana, passamos a averiguar a frequência (por exemplo, nas 27 segundas-feiras pesquisadas, houve a publicação de 27 matérias acerca de crime e criminalidade) de matérias por dia da semana. Podemos, então, dizer que as matérias se concentram nas terças, quintas e sábados, conforme demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 16 – Frequência de matérias sobre crime/criminalidade por dia da semana (período 01-06)

Com o sentimento de insegurança, população está utilizando o equipamento para evitar possíveis assaltos
David Veiga especial para o DB

Um dos recursos de segurança mais utilizado para proteção de residências em Campina Grande é o uso da chamada cerca elétrica. Para garantir essa "proteção" à população são instaladas, por mês, na cidade, aproximadamente 30 cercas elétricas.(...)



4.2 Análise Qualitativa

A análise qualitativa do conteúdo visa “atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenômenos que se propõe a investigar” (ROQUE, 1999, p.3). É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem.

Dentre os questionamentos iniciais possíveis de serem feitos nos estudos de produção de discursos midiáticos – quem fala? para quem fala? de que modo fala? para dizer o quê? com que finalidade? e esperando quais resultados? – optamos pela busca de respostas às perguntas: “de que modo fala?” e “para dizer o quê?”

Quando centramos uma análise de conteúdo para responder à questão “para dizer o quê?” procurando as características da mensagem propriamente dita, seu valor informacional, além das palavras e argumentos nela contidos, estamos desenvolvendo uma análise de conteúdo categorial-temática. Ao indagarmos “de que modo?”, buscamos os processos, mensagens explícitas e implícitas, através do qual se desenvolve as mensagens jornalísticas (cf. ROQUE, 1999, p.6).

O discurso midiático é um universo de possibilidades semânticas. Nosso recorte é orientado pela perspectiva teórica adotada, associada ao objetivo e hipótese expostos nas considerações iniciais. Interessamo-nos em buscar no *corpus* analisado, resposta às seguintes questões:

(1) as maneiras de falar sobre o crime e a criminalidade apresentam alguma relação com a hierarquização social envolvente?

(2) quais as características do estilo de produção dos textos das matérias que tematiza o crime e a criminalidade - imperativo, sensacionalista, estigmatizante, ou utiliza um tom neutro e imparcial?

(3) existiria uma hierarquização dos crimes, subjacente à produção do jornal analisado sobre a temática? Os indivíduos classificados como criminosos são tratados de maneira imparcial ou haveria um tratamento diferenciado, levando-se em conta sua localização social?

Nos capítulos anteriores, a análise de conteúdo foi inicial e parcialmente desenvolvida. Já inserimos a análise de dados coletados durante a exposição do capítulo 1, ao dissertamos sob a perspectiva teórica no Capítulo 3 e agora apresentamos nossa análise com mais detalhes.

4.2.1 O espetáculo

No capítulo 1, dissertamos sobre o processo de mercantilização da notícia jornalística. A matéria já nasce com um duplo compromisso: informar e seduzir. Quanto mais leitores, melhor. E quanto maior for o número (de leitores) a atingir, “menos os meios para atingi-los dependem de uma atitude racionalizante” (CHARAUDEAU, 2006, p.91).

Por isso, “a instância midiática acha-se condenada, a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida” (CHARAUDEAU, 2006, p.92). Ao circular no universo das emoções, o editor da matéria jornalística encontra fértil campo de desenvolvimento na linha da espetacularização: “a espetacularização aciona, simultaneamente, uma multidão de dimensões – emocionais, sensoriais, valorativas e também cognitivas – para fabricar e dar sentido ao espetáculo” (*idem*, p.92).

Entre as técnicas de manipulação do nível de atenção se prescreve aquela em que o leitor, de alguma forma, se identifica com a notícia, com os personagens da matéria e com os fatos que a notícia apresenta. Há de haver uma associação direta ou indireta ao cotidiano e realidade do leitor. Identificamos, no *corpus* pesquisado, essa espetacularização, através da mobilização de dimensões emocionais, associadas ao cotidiano social.

Tal fato se desenvolve a partir da inserção de depoimentos, para que o leitor se identifique, seja como vítima, parente da vítima, como morador do bairro, como testemunha ou como cidadão ávido por *segurança*. A seguir trechos de alguns depoimentos, antecedidos da manchete e número da matéria:

Notícia 1.2. Acusada de deixar a filha sozinha: "Eu passei a noite no hospital fazendo companhia a minha sogra. Sei que errei em ter deixado a menina sozinha, mas não fiz por maldade", disse mãe da criança.

Notícia 2.33 Novo Horizonte// Tiroteio Deixa Dois Homens Feridos: "Eu ouvi os disparos, e outras pessoas que viram o acontecido afirmaram que ele fugiu de bicicleta. Ele é o terror aqui do bairro", disse um dos moradores que não quis ser identificado.

Notícia 3.4. Momentos de Terror da Noite Campinense: "Quando Carla estava estacionando o carro percebemos a aproximação do Honda Civic. Ela acionou a marcha ré achando que fosse alguém conhecido, quando os bandidos passaram a atirar".

Notícia 4.5 Centro//Restaurante é arrombado pela 4ª vez: "Não suportamos mais tantos prejuízos". O desabafo é de Maria Adielma, proprietária de um restaurante localizado no centro de Campina Grande.

Notícia 5.1 Pedreiro acusado de matar esposa: "Nós ouvimos quando ele começou a reclamar porque ela não queria levantar para preparar a comida dele. Depois só escutamos ela pedindo socorro, caída no chão e sangrando muito", declarou Albanete Alves Canuto, vizinha (sic) do casal.

Notícia 6.12 Albergado é morto com 17 tiros de pistola "Acordamos com o som dos disparos. Parecia uma chuva de balas", revelou um morador; Ele toda sexta-feira chegava e ia botar comida para os bichos, por que era vendendo carne de porco que ele sustentava os sete filhos que tinha. Só algumas das crianças moravam com a gente, os outros vivem com a ex-esposa dele", revelou a mãe de Alecssandro

Os depoimentos não são aleatórios e despropositados. Essa aproximação da vida do leitor à maneira como são construídas as matérias é uma proposta editorial, explicitamente colocada, conforme notícia assinada pelo editor do periódico em 10 de outubro de 2009, cujos excertos passamos a transcrever:

Cotidiano

Edição de sexta-feira, 2 de outubro de 2009

Novo projeto torna jornal mais atrativo

Desde o dia 10 de maio deste ano que o jornal Diário da Borborema chega às bancas com um novo formato. O jornal mudou. O mais novo projeto implantado tornou o jornal mais atrativo. Único jornal 100% de Campina Grande, o periódico passou a estabelecer uma relação ainda mais profunda com a população, entrando na essência das vidas das pessoas. (...)

As matérias também estão mais humanizadas, buscando sempre mergulhar na essência dos personagens da vida real. Basicamente, o novo DB está alicerçado em três áreas: saúde, educação e urbanismo, sem com isso diminuir a importância de outras editorias como política, esportes e cultura. O destaque tem sido as matérias de serviço, que têm receptividade maior.

Uma das novidades no jornal é o novo formato. O jornal ficou mais fácil de ler e ser manuseado. Humberto Santos observa que esse novo formato é mais dinâmico. "No mundo moderno, não há espaço para o jornalista ficar dentro de uma bolha e achar que o mundo gira em torno dele. Ele precisa sair e cavar histórias, visto que o jornal é feito para diversas camadas sociais", acredita.

Humberto enfatizou que as pessoas gostam de se ver no jornal. Querem ver o cotidiano dela. Assim, quando o repórter consegue colocar essa visão na matéria, ele automaticamente está atraindo novos leitores. Conforme destacou o editor regional, histórias do dia-a-dia são sempre bem-vindas e viram manchetes facilmente. Todo mundo tem uma história boa para contar do seu cotidiano. "As pessoas querem ler isso. A gente faz o jornal para a população. Nós temos que ter uma visão mais plural de tudo", afirmou.

Coincidência ou não (já que essa notícia-editorial foi publicada no começo de outubro/2009), é no período 05 que se identifica o maior número de notícias publicadas acerca de crime ou criminalidade. E nada nos impede de supor que a exigência editorial justifique a maior quantidade de notícias com conteúdo espetáculo-sensacionalista, se comparado aos quatro meses anteriores.

No que se refere aos depoimentos emocionados das partes envolvidas, no mês seguinte à proposta editorial, período 06, não há qualquer dificuldade em encontrá-los. Eles seguem, praticamente, a sequência cronológica das matérias publicadas:

Notícia 6.1. Assassinato por engano em campina: "Eu corri para dentro da padaria e as pessoas me disseram: você foi atingido, olhe o sangue na sua roupa. Até aí eu não sabia que estava baleado",

(a família disse que Walter não tinha inimigos, nem era viciado em drogas)

Notícia 6.2 R\$5 é motivo de assassinato: "Ele saiu de casa dizendo que iria para o circo. Só que eu já sabia que ele já estava sendo ameaçado por dois rapazes que moram perto da minha casa. Tudo por causa do crack, meu filho era viciado há mais de quatro anos, tudo que ele pegava era para comprar drogas. Eu não dava dinheiro, mas ele terminava vendendo até as roupas. Sexta-feira mesmo ele empenhou uma calça e uma blusa para trocar por duas pedras de crack. Ele reclamava

que estava devendo R\$ 5 a esses dois meninos, como ele não conseguiu o dinheiro, acabou sendo morto",

Notícia 6.4. Executado na porta de casa: "Eu ouvi os tiros, quando eles pararam de disparar eu saí do quarto e encontrei meu marido caído no chão ainda agonizando. Ele ainda chegou a me perguntar se iria morrer e deu o último sussurro. No momento não deu para eu ver o rosto dos bandidos, mas eu consegui perceber a presença de dois homens que saíram correndo pelo meio da rua";

Notícia 6.5 Drogas // PM localiza boca de fumo no José Pinheiro: Segundo o relato dos policiais, a acusada chegou a oferecer todo dinheiro para que ela não fosse presa. "Ela nega, mas todos que participaram da operação confirmam a tentativa de suborno", disse o delegado Fábio Faccioli, responsável pela autuação.

Notícia 6.6 Alto Branco // Albergado é detido com moto roubada: "Nós fomos informados pela própria vítima que tinha localizado sua moto que havia sido roubada. A placa da moto permanecia a mesma, aí quando fizemos a consulta no Infoseg (Sistema de Informação de Segurança) descobrimos que se tratava de um objeto de roubo", declarou o cabo Jamir.

Notícia 6.9 Violência // Desempregado é alvejado a tiros "Eram dois homens, um parecia ser menor de idade, já o outro não. Eles atiraram quatro vezes, mas somente duas balas atingiram as minhas costas"; "Eu não conheço, mas já vi eles dois algumas vezes nas proximidades de uma favela no José Pinheiro. Tenho certeza que se avistá-los novamente eu irei reconhecê-los", completou.

O desempregado disse também que os motivos do crime podem estar ligados a uma dívida de R\$ 50. "Eu emprestei R\$ 50 a uma mulher que mora lá próximo de minha casa, aí depois ela me pediu mais dinheiro e eu disse que só dava quando ela me pagasse o que devia. Revoltada, ela discutiu comigo e me ameaçou. Só pode ser por causa disso, por que não tenho inimigos e nunca fui preso", disse.

Notícia 6.16 Três mulheres assassinadas "Eu me acordei com os tiros. Era bala, muitas balas. Não tive coragem sequer de abrir a porta para ver o que era. Ouvi os gritos e os disparos, aí quando a polícia chegou é que a gente saiu para saber o que havia acontecido", declarou um dos moradores da rua, que pediu para não ser identificado.

Notícia 6.17 Medo e violência no bairro da Glória "Aqui está todo mundo em clima de pânico. Eu mesma não deixo meus filhos mais brincarem no meio da rua. Desde sábado, os bandidos estão tomando de conta da comunidade. Eu mesmo tenho até medo de sair na porta de casa"; "É claro que ninguém aqui vai falar nada. Para quê? Para morrer também? Viver no bairro da Glória nesses últimos dias tem sido um inferno", revelou uma das moradoras do bairro da Glória, que por medo, pediu para não ser identificada.

Notícia 6.19 PM reforça segurança no centro: "Já a partir do próximo dia 20 de novembro, estaremos reforçando a segurança no centro da cidade de forma planejada para atender a todos os comerciantes de Campina Grande". Garantiu o Comandante do Batalhão da Polícia Militar.

Notícia 6.20 Operação Verão intensifica atividades nos finais de semana "Todas as sextas-feiras e sábados, toda a estrutura da Operação Verão, policiais, viaturas e o triller equipado para atender os bairros estarão à disposição da comunidade no Centro. Escolhemos esses dois dias, por que são os de maior movimentação e também, por que durante o restante da semana, os bairros continuarão sendo atendidos",

Notícia 6.21 Família é feita refém na Palmeira "Eles não estavam nervosos. Só gritaram uma vez para que nós deitássemos no chão. A partir daí eles começaram a recolher os objetos. Levaram o que puderam. Antes de sair a dupla ainda abriu a geladeira para saber o que tinha para comer. Tomaram iogurte e saíram rindo", revelou a aposentada.

Notícia 6.22 Menino localiza corpo em matagal "Meu menino tinha vindo catar um jerimum aí quando afastou o mato viu ele morto e saiu correndo para me chamar", declarou a ex-companheira

da vítima, a doméstica Luciene da Silva Souza, 30.. "Eu sempre ia aos sábados encontrar com ele na feira para ele me dar o dinheiro para comprar as coisas dos dois filhos que nós temos. Só que fazia uns 10 dias que eu não encontrava mais ele. Atualmente ele estava morando na rua, porque a mãe dele foi embora e deixou ele por aí", declarou.

Notícia 6.30 Vigilante é acusado de abuso sexual"Nunca passou pela minha cabeça abusar sexualmente da menina. Eu sou um homem trabalhador e toda vida condenei esse tipo de coisa. Todo mundo que me conhece sabe que eu não sou disso. Eu conheço essa menina desde quando ela nasceu. Ontem, ela tinha me pedido para ir com ela comprar uns pastéis por que ela estava com fome. Quando a polícia chegou, ela foi levada para casa e depois que eu fui chamado. Ninguém me flagrou abusando dela não, é mentira",

Notícia 6.33Dupla faz família refém e leva R\$ 2,8 mil . "Tudo foi muito rápido. Eles chegaram já com os revólveres em punho e exigindo que a gente deitasse no chão. Eles exigiram o dinheiro, como se já soubessem que nós estávamos com a quantia guardada em casa. Não chegaram a nos agredir, mas sempre pediam para ficarmos quietos", revelou Maria Helena da Silva, 48, esposa do pedreiro.

Na manhã de ontem, outros moradores da vizinhança chegaram a reclamar da insegurança na área do bairro da Catingueira. Isso por que no prolongamento da Avenida Juscelino Kubitschek existem muitas casas em fase de construção, que terminam servindo como ponto para consumo de drogas. "E ainda tem a questão de que raramente a polícia passa aqui, quase nunca, na verdade, só quando existe alguma ocorrência", completou uma das moradoras.

Contactado, o comando do 2º Batalhão da Polícia Militar (BPM) confirmou que vai intensificar ações de prevenção e realizar rondas com mais frequência na comunidade da Catingueira, no objetivo de combater a ação de criminosos e aumentar a sensação de segurança no local. Já sobre a localização dos ladrões, que invadiram a residência do pedreiro, até o fechamento desta edição, ninguém havia sido preso

Entre os períodos 01 a 04, tais depoimentos são encontrados, contudo, de maneira esparsa.

As notícias de cunho sensacionalista dividem espaço com matérias policiais de tom informativo e/ou institucional.

Não é só nos depoimentos emocionados e nas manchetes (conforme exposto nos capítulos anteriores) que o sensacionalismo-espetáculo se manifesta. O espetáculo "remete também à esfera do sensacional, do surpreendente, do excepcional e do extraordinário" (RUBIM, 2002, p.8). O excepcional e o surpreendente também foram detectados:

Notícia 3.38

Cotidiano

Edição de segunda-feira, 31 de agosto de 2009

Assalto // Dupla bate táxi roubado no Centro

Um taxista, que não teve seu nome divulgado pela PM, passou por maus momentos na madrugada de ontem, depois que foi ameaçado por dois homens que roubaram o seu veículo, um Fiat Uno, de cor branca, placas MNE-3287/PB. De acordo com a vítima, os acusados se passaram por clientes e pediram uma corrida nas proximidades do Açude Novo. Quando estavam chegando na Estação

Velha, os supostos passageiros anunciaram o assalto e ameaçaram o taxista, que conseguiu reduzir a velocidade do carro e saltar do veículo.

Mas, segundo informações policiais, **os bandidos também não tiveram muita sorte, perdendo o controle do veículo e colidindo contra um poste na Avenida Juscelino Kubitschek**. Os bandidos fugiram em seguida, com a quantia de R\$ 70,00 e um aparelho celular da vítima. O carro foi entregue ao proprietário. Os acusados continuam foragidos.

Notícia 2.18

Cotidiano

Edição de terça-feira, 14 de julho de 2009

Assalto // Presos quando empurravam fusca

Dois homens foram presos pela Polícia Militar, ontem de madrugada, no centro de Campina Grande, acusados de assalto. O inusitado é que a prisão só foi possível por causa de uma pane no carro dos bandidos, um Fusca. Conforme o Boletim de Ocorrência registrado na Central de Polícia, Clenilson Ananias Silva, 34 anos, caminhava na companhia de mais duas pessoas, quando foram abordados por dois homens que estavam em um Fusca e anunciaram um assalto. Das vítimas, a dupla conseguiu tomar as carteiras, uma pequena quantia em dinheiro e um telefone celular.

A PM foi acionada e, depois de algumas rondas, foi informada que havia dois homens empurrando um Fusca na Rua Doutor Severino Cruz, no Açude Velho. Uma viatura foi ao local e os policiais se depararam com a dupla suspeita colocando o carro para pegar no tranco. Mário Flávio Paz Florêncio e Williams Regis da Silva, residentes no bairro da Liberade, foram presos e conduzidos à Central de Polícia. (AR)

Notícia 2.12

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 9 de julho de 2009

Assalto // Bandidos deixam mecânico de cueca

Antonio Ribeiro // antoniosilva.pb@diariosassociados.com.br

Já em Campina Grande, o mecânico Danilo Ferreira Braz, 22, passou por uma situação inusitada e ao mesmo tempo constrangedora, ontem, no centro de Campina Grande. Ele foi assaltado e precisou de ajuda da polícia para voltar para casa, pois foi deixado apenas de cueca em plena Praça da Bandeira. A Polícia Militar foi acionada, pela manhã, por populares, e ao chegar no local da ocorrência encontrou o rapaz seminu. Levado para a Central de Polícia, Danilo contou que foi assaltado, depois de ter passado a noite dormindo em um banco da praça.

Na relação, entre vítimas e bandidos, presume-se que quem escolha representar esse último detenha, no mínimo, a destreza para praticar o crime e subverter a ordem. Quando os bandidos erram por situações não previstas – colisão ou falha mecânica do veículo – isso se torna notícia, em tom de humor. Se alguém é furtado, e deixado só de roupa íntima, isso também vira notícia.

Vimos, ainda, no capítulo 3, que na caracterização do processo de espetacularização, ficção e real tendem a se confundir (RUBIM, 2002, p.11). É na necessidade da dramatização da trama e do

enredo que o espetacular faz sentido. Daí porque algumas notícias criminais são retratadas como verdadeiros capítulos de novela, numa linguagem que se alinha ao fantasioso:

“Capítulo 1”

Notícia 1.16

Últimas

Edição de segunda-feira, 22 de junho de 2009

Professora é morta a tiros

Gilmara da Costa estava indo para uma rave quando foi abordada por quatro bandidos
Silvana Torquato Fernandes // silvanatorquato.pb@diariosassociados.com.br

Vítima de um grupo de assaltantes, a professora de inglês, Gilmara da Costa Silva, 29 anos, que morava no residencial Santa Bárbara I, no bairro da Dinamérica, zona oeste de Campina Grande, foi morta com um tiro no peito. Segundo informações policiais, a jovem estava indo para um festa com mais duas pessoas, quando foi abordada por quatro homens não-identificados. Antes de anunciar o assalto, o grupo fuzilou o carro da vítima, um Corsa de cor azul, placa JPB 2500/PB, e um dos tiros atingiu Gilmara.

A jovem, com mais dois amigos, que não tiveram os nomes revelados pela polícia, iam para uma rave no Castelo do Alemão, no bairro dos Cuités, na madrugada de ontem, quando foram interceptados por dois homens em uma moto e mais dois em um carro. A polícia disse que os assaltantes chegaram a disparar um tiro no vidro da porta esquerda do carro, atingindo Gilmara, que dirigia o carro. Os acusados ainda atiraram mais três vezes contra a porta direita, mas os outros dois ocupantes do veículo não foram atingidos.

Polícia acredita em um possível latrocínio

A delegada de plantão, Alba Tânia Abrantes Casimiro, disse que, depois de perceber que a motorista havia sido atingida, o grupo ainda levou a bolsa de um dos ocupantes do carro. Segundo depoimento dos amigos da vítima que estavam na hora do assalto, Gilmara chegou a descer do carro e não resistiu aos ferimentos, morrendo no local do crime. A delegada acredita em um possível latrocínio (roubo seguido de morte).

A polícia foi acionada ao local do homicídio, realizou diligências no local, mas não obteve êxito. A delegada Alba Tânica disse que a estrada para o Castelo do Alemão é sem iluminação e vicinal, facilitando a ação dos bandidos.

“Capítulo 2”

Notícia 1.18

Últimas

Edição de terça-feira, 23 de junho de 2009

Moradores amedrontados

Depois da morte da professora de inglês no último final de semana, população cobra da polícia mais segurança

Isabela Alencar // isabelaalencar.pb@diariosassociados.com.br

A Polícia Civil de Campina Grande ainda não iniciou as investigações sobre o assassinato da professora de inglês, Gilmara da Costa Silva, 29 anos, ocorrida anteontem, entre os bairros dos Cuités e Jenipapo. Somente no final da tarde de ontem, o caso foi repassado para a Delegacia de Roubos e Furtos, já que o crime será tratado como latrocínio (roubo seguido de morte). De acordo com agentes de polícia que estiveram no plantão no dia do crime, dois homens estão sendo apontados como suspeitos do homicídio. Eles seriam da mesma região onde o crime aconteceu e

teriam sido denunciados pela comunidade. O superintendente da PC, Ariosvaldo Adelino, entretanto, não confirmou a informação.

A polícia, segundo Adelino, vai trabalhar com a hipótese de latrocínio para elucidar a morte da professora. O crime deixou as comunidades dos dois bairros indignadas e assustadas. Conforme informações de uma professora, que só quis ser identificada como Gilvanete, o local onde ocorreu o crime é a única estrada que interliga os dois bairros e também a zona rural. "Antes havia um posto da Operação Manzuá, que foi desativado há muito tempo. Depois disso, a violência aumentou muito. A estrada é conhecida pelo perigo que oferece. Como os moradores da zona rural não têm outra alternativa, são alvos constantes dos assaltantes", afirmou.

O assessor de comunicação do 2º Batalhão de Polícia Militar, capitão Hilmário Xavier, disse que a estrutura da manzuá do local já não tem mais possibilidades de abrigar os policiais. De acordo com ele, a desativação foi realizada durante o comando passado. A PM também está estudando a viabilidade ou não da reativação da manzuá naquela área, assim como o aumento das rondas policiais.

Crime

A professora de inglês Gilmara da Costa Silva havia acabado de passar para um concurso no magistério e morava no residencial Santa Bárbara I, no bairro do Dinâmica. Ela e mais dois amigos, não identificados, estavam se dirigindo a uma festa *rave*, no Castelo do Alemão, no bairro dos Cuités, quando foram abordados pelos bandidos. A professora levou um tiro de um deles e não resistiu aos ferimentos.

Num outro exemplo, é o tom de drama e "mistério" que é assumido:

"Capítulo 1"

Matéria 1.22

Cotidiano

Edição de sábado, 27 de junho de 2009

Cruzeiro // Corpo é localizado pela PM

Severino Lopes // severinolopes.pb@diariosassociados.com.br

Até o final da manhã de ontem, continuava sem identificação na UML a mulher assassinada em Campina Grande na noite da última quinta-feira. De acordo com a assessoria de imprensa da Polícia Militar, a vítima foi encontrada morta em um campo de futebol no bairro do Cruzeiro. A polícia acredita que o assassinato aconteceu antes das 19h. Moradores do local viram a mulher pedindo socorro e ligaram para o Copom.

Uma viatura foi deslocada para o local e lá chegando já encontrou a vítima sem vida. A mulher aparentando 30 anos, estava com os braços cortados e com um profundo corte na cabeça, provavelmente desferido por um facão. O delegado de plantão também esteve no local mas não colheu informações que ajudassem a polícia a localizar e prender o assassino.

Segundo informações da UML, a mulher estava com sinais de violência sexual e com indicações de luta antes da morte. A mulher estava com os dois braços quebrados e foi morta com golpes de facão e de pedradas.

"Capítulo 2"

Matéria 1.24

Cotidiano

Edição de terça-feira, 30 de junho de 2009

Pintor desaparece após assassinato

Professora foi encontrada morta em um campo de futebol. Principal suspeito é o marido da vítima Tarcísio Araújo // tarcisioaraujo.pb@diariosassociados.com.br

"Queremos justiça", o desabafo feito por Maria da Glória Machado, irmã da professora e supervisora escolar Ana Luíza Mendes Leite, de 37 anos, que foi encontrada morta por espancamento no campo de futebol do Arco Verde, no bairro do Cruzeiro, na última sexta-feira, traduz o sentimento de revolta e indignação dos seus familiares. O corpo dela só foi identificado

no dia seguinte. A delegada de homicídios, Elisabete Berckman, já aponta o nome do pintor Márcio Rogério Mendes da Silva, de 39 anos, esposo da vítima, como o principal suspeito do crime.

A suspeita teve início depois que o pintor desapareceu na manhã da última sexta-feira, levando um Fiat Palio, de cor azul, de placas KJP-3886/PB, que pertence ao pai de Ana Luíza. Ele levou roupas e todos os objetos pessoais e não manteve mais nenhum contato com os familiares da supervisora.

A delegada já começou a colher os depoimentos das testemunhas, e até ontem à tarde, já havia escutado sete pessoas. Colegas de trabalho da vítima chegaram a relatar para a delegada que o esposo da vítima costumava fazer ameaças dizendo que se ela não ficasse com ele não ficaria com mais ninguém. O casal estava em processo de separação e ainda convivia na mesma casa.

Surgiram indícios de que a supervisora teria sofrido violência sexual antes de ser assassinada, mas a delegada preferiu não falar sobre o assunto e disse que somente após a conclusão do laudo é que essa hipótese será esclarecida.

"Ele fingia que aceitava a separação, mas no fundo não aceitava deixar minha irmã", disse Maria da Glória. A delegada deixou claro que ainda não foi constatada nenhuma prova concreta contra o esposo da vítima, mas ela deve solicitar a prisão preventiva do pintor até a próxima sexta-feira, depois que ouvir outras testemunhas. "Ele largou a casa e ainda levou o carro do sogro. Este já é um indício para que ele seja suspeito", afirmou a delegada.

Ana Luíza foi vista pela última vez por seus familiares no início da tarde da última quinta-feira, quando saiu para trabalhar no programa "Escola Ativa", que funciona no Distrito de Catolé de Boa Vista. Já os colegas de trabalho viram a supervisora por volta das 18h da última quinta-feira, quando ela saiu do local de trabalho. Os familiares da vítima ressaltaram que ela não costumava passar pelo local onde o corpo foi encontrado.

A vítima morava em uma casa localizada na lateral da residência dos pais. A delegada Elisabete Berckman afirmou que no dia do crime ele foi visto saindo de casa por volta das 18h30 e depois só foi visto às 20h15 quando foi pegar uma das filhas na casa de um amigo. "Ainda não sabemos o que ele fez nesse intervalo de tempo, mas as investigações irão desvendar", ressaltou a delegada. Ana Luíza deixou três filhos com idades de 5, 6 e 11 anos. Ela era casada com o pintor desde abril de 1996. Os familiares da vítima contam que Márcio Rogério não demonstrava agressividade com a esposa, mas era bastante calado.

"Capítulo 3"

Notícia 2.3

Cotidiano

Edição de sexta-feira, 3 de julho de 2009

Mistério da morte de professora chega ao fim

Márcio Rogério, esposo da vítima, confessou o crime ontem à tarde, e se apresentou à polícia Tarcísio Araújo // tarcisioaraujo.pb@diariosassociados.com.br

Após oito dias do assassinato da professora Ana Luíza Mendes Leite, de 37 anos, o mistério que rondava o crime foi esclarecido. O autor do assassinato é mesmo o esposo dela, o pintor Márcio Rogério Mendes da Silva, de 39 anos. Ontem à tarde, ele rompeu o silêncio e confessou o crime depois de se apresentar à delegada Elisabeth Beckman. Ele estava acompanhado do advogado José Livonilson Siqueira. Desde o dia em que fugiu, o acusado estava escondido na casa de familiares na cidade de Caruaru (PE).

Como conseguiu livrar o flagrante e procurou a polícia para prestar depoimento, ele aguardará a decisão judicial em liberdade. Porém, ele foi encaminhado para a carceragem da Central de Polícia onde ficou detido pelo fato de ter fugido em um veículo pertencente ao sogro, um Fiat Palio, de cor azul, de placas KJP-3886/PB. Ele poderá ser autuado pelo crime de furto.

O acusado contou que há três anos que o casamento estava em crise e não teria saído de casa pelo fato da família da professora não aceitar a separação por questões religiosas. Rogério alegou que estava sendo traído há um ano e meio pela professora e ela chegava a ligar para o namorado na

frente dele, sem nenhum respeito, conforme informações repassadas pelo advogado do acusado. No final da tarde do último dia 25, data do crime, o acusado teria interceptado a vítima quando ela chegava em casa. Ele pediu que ela entrasse no carro para que os dois pudessem conversar longe dos filhos. "Ele saiu sem destino e dentro do carro eles começaram a discutir. Após algum tempo a discussão intensificou e ele acabou pegando um pedaço de madeira para espancá-la", contou o advogado. O objeto utilizado no crime seria uma ferramenta de trabalho do acusado. Após perceber que a vítima estava desacordada, o acusado teria deixado ela no campo de futebol e voltado para casa para pedir socorro. Quando decidiu retornar ao local, onde havia deixado a esposa, ele ouviu o som da sirene de uma viatura e voltou para casa com medo de ser preso. Rogério relatou para o advogado que ainda pensou em cometer suicídio, porém, não teve coragem.

Fuga

Ao chegar em casa o acusado colocou os filhos para dormir. "Ele tentou dormir e não conseguiu. Por volta das 6h da sexta-feira ele pegou o carro e fugiu para Caruaru", disse o advogado. José Carlos Leite, irmão da professora, discordou da versão apresentada pelo advogado de Rogério e disse que a irmã não mantinha nenhum relacionamento amoroso. "Minha irmã já havia devolvido a aliança para ele e há três anos que eles estavam separados. Ela morava na mesma casa porque temia a ação de meu pai", relatou.

Ele acrescentou que dias antes de morrer, a vítima teria dito para uma colega de trabalho que o esposo estava lhe fazendo ameaças de morte. "Certo dia ela saiu com amigas e quando voltou percebeu que ele havia colocado um prego na porta para impedir que ela abrisse na chegada". Ana Luíza também ficou bastante envergonhada depois que descobriu que Rogério teria assediado sexualmente três empregadas domésticas em residências onde ele foi prestar serviços de marcenaria.

A professora foi encontrada morta por espancamento na manhã do dia 26 de junho no campo de futebol do Arcoverde, que fica localizado no bairro do Cruzeiro. A vítima deixou três filhos com idades de 5, 6 e 11 anos. Ela era casada com o pintor desde abril de 1996.

"Capítulo 4"

Matéria 2.15

Últimas

Edição de sexta-feira, 10 de julho de 2009

Mulheres contra a violência

Manifestantes tomaram as ruas centrais de Campina Grande, ontem, para protestar contra a violência registrada contra mulheres nos últimos dias. Caminhada foi motivada pelo assassinato da professora Ana Luíza Mendes, que foi morta a pauladas pelo marido.

Segundo Dines (1986, p.48), a matéria de hoje deve, necessariamente, estar conectada à matéria de ontem. O leitor de hoje deve ser convidado a se manter o leitor de amanhã. Para isso atua a técnica de criar fios de continuidade, *ganchos* entre matérias de edições seqüenciadas, combinação de doses de descrição natural/realista com toques de modelos ficcionais, de linguagem mais racionalizada com uma linguagem mais emotiva, produzindo assim, o processo de espetacularização das notícias sobre crime e criminalidade.

Afora os depoimentos das partes, manchetes (e númcros: *morre com 17 pauladas, morre com 10 tiros, etc.*) e a ênfase no inusitado, o espetáculo/sensacionalismo observado nas matérias sobre crime/criminalidade analisadas aparece sob outra forma: o investimento na produção do medo coletivo. Conforme visto no capítulo 1, Reiner (2002) apresenta a **teoria da disciplina – discipline thesis** –, segundo a qual a divulgação constante e destacada dos crimes pelos *mass media* **contribui para a construção de um medo coletivo.**

Campina Grande, segundo as matérias analisadas, é um lugar *tomado pelo crime*, em que as pessoas, seja nos bairros, nas escolas, nas igrejas ou no interior de ônibus, têm grande propensão a ser vítimas de crimes. Por essa razão, a máxima cautela não é suficiente.

A palavra “medo”, no decorrer da análise, foi encontrada em 45 das matérias sobre crime e criminalidade analisadas. Vejamos alguns exemplos:

Notícia 6.17

Cotidiano

Edição de terça-feira, 10 de novembro de 2009

Medo e violência no bairro da Glória

Após quatro assassinatos em um único final de semana, moradores estão apreensivos e assustados

Criado no ano de 2003, e atualmente habitado com mais de mil famílias, o bairro da Glória, localizado na zona leste de Campina Grande, foi marcado pela dor e o medo durante o último final semana. Detentora de um dos mais altos índices de pobreza da cidade após quatro assassinatos, a comunidade está **apreensiva** para o que eles chamam de “acerto de contas” entre os bandidos. Maria Aparecida Carneiro, 37 anos, é mãe de quatro filhos e mora no Glória desde a fundação do bairro, após os episódios de violência registrados no final de semana passado, ela revelou que mudou a rotina dentro de sua casa. “Aqui está todo mundo em clima de **pânico**. Eu mesma não deixo meus filhos mais brincarem no meio da rua. Desde sábado, os bandidos estão tomando de conta da comunidade. Eu mesmo tenho até **medo** de sair na porta de casa”, declarou.

O **medo** dos moradores em repassar informações termina atrapalhando o trabalho de investigação da polícia. A “lei do silêncio” impera na comunidade, porque, segundo os próprios moradores, quem fala demais termina com o mesmo fim: a morte. “É claro que ninguém aqui vai falar nada. Para quê? Para morrer também? Viver no bairro da Glória nesses últimos dias tem sido um inferno”, revelou uma das moradoras do bairro da Glória, que por medo, pediu para não ser identificada.

Matéria 6.36

Cotidiano

Edição de quinta-feira, 19 de novembro de 2009

Violência assusta moradores

Os moradores da Rua Marinaldo Batista Filho, no bairro da Ramadinha II, estão **assustados** com a frequente onda de violência registrada no local. Isso por que em menos de um mês, dois homicídios aconteceram no mesmo local. No último dia 27 de outubro, o também ex-presidiário Flaviano da Silva Santos, 21, chegava em casa, quando foi surpreendido por um homem armado com um revólver calibre 38, que o assassinou com quatro tiros.

Os dois crimes têm características bastante parecidas, aconteceu também por volta das 6h30 e a vítima foi executada no meio da rua, sem nenhuma chance de defesa.

"Sinceramente, moro aqui por que não tenho outro lugar para ir. A violência aqui é muito grande. O povo está matando à luz do dia. Eu fico em casa, de portas fechadas, por que meu marido sai para trabalhar e meu menino vai para escola de manhã e eu fico sozinha, **morrendo de medo**", declarou a doméstica Carla da Silva Nascimento, 32, que reside na comunidade há mais de cinco anos.

A polícia continua investigando os dois homicídios, mas ainda não conseguiu identificar nem prender nenhum suspeito.

Na matéria 6.17, a manchete anuncia "medo e violência no bairro da Glória", seguida do subtítulo: "moradores estão apreensivos e assustados". Uma antiga moradora confirma: "Aqui está todo mundo em pânico". Há medo nos indivíduos, os quais se negam a repassar informações à polícia, temendo serem identificados em reportagens.

"Violência assusta moradores" é o início da matéria 6.36. No primeiro parágrafo, o reforço: "moradores estão assustados com a frequente onda de violência no local". A moradora confirma tudo "sinceramente, moro aqui por que (*sic*) não tenho outro lugar para ir", arrematando: "fico sozinha morrendo de medo". E o medo é justificado, pois a polícia não tem pistas sobre o paradeiro dos culpados pela onda de crime no local.

O *Centro* também não é um lugar seguro para se estar, pois, segundo a matéria 4.5, um restaurante foi arrombado pela quarta vez. A proprietária do local desabafa: "nós precisamos trabalhar para sobreviver e pedimos uma solução para a violência, não suportamos mais tantos prejuízos".

Se os bairros, segundo o jornal, não são locais seguros, o mesmo é dito em algumas das matérias analisadas a respeito das igrejas:

Notícia 4.13**Últimas**

Edição de sexta-feira, 4 de setembro de 2009

Monte Castelo // Igreja é arrombada pela segunda vez

Os bandidos não perdoam nem mesmo os templos religiosos. Ontem, a Igreja do Coração de Jesus, localizada na Rua Gonçalves Dias, no bairro do Monte Castelo, foi arrombada pela segunda vez somente esta semana.

.....
A Polícia Militar efetuou rondas pela área e não conseguiu localizar os bandidos. (TA)

Notícia 4.28**Cotidiano**

Edição de sábado, 12 de setembro de 2009

Missa // Furtos dentro da Catedral

As igrejas são locais espirituais e consideradas por muitos de seus frequentadores tranquilas e seguras. Mas um fato atípico aconteceu no final da tarde da última quinta-feira, durante a realização da missa das 18h, na Catedral Nossa Senhora da Conceição, em Campina Grande. Enquanto Roberta Soares da Silva, moradora no Distrito Industrial, assistia a celebração na sacristia do local, uma outra mulher, ainda não identificada pela polícia, pegou a bolsa da vítima.

No Monte Castelo³³, a insegurança é constante, pois, conforme esclarece a matéria, já é a “segunda vez” que uma igreja é arrombada. E o mais preocupante é que a polícia, apesar das rondas, “não conseguiu localizar os bandidos”. Na matéria 4.28, o jornalista, invertendo o sentido da frase, diz que *as igrejas não são mais locais tranquilos e seguros, pois uma mulher não identificada furtou a bolsa de uma fiel que assistia à missa.*

Além dos bairros e das igrejas, o espetáculo-sensacionalista da imprensa também colabora para produzir um imaginário do medo referente às escolas:

Notícia 3.21**Cotidiano**

Edição de domingo, 23 de agosto de 2009

Violência ronda escolas de CG

Casos de assaltos têm assustado professores, alunos e pais. Muitos estabelecimentos estão reforçando segurança

Severino Lopes // severinolopes@diariosassociados.com.br

Ninguém podia imaginar que um dia as escolas iriam se transformar em um território do *medo*. Mas esse dia chegou. A violência nas escolas da Paraíba, especificamente de Campina Grande, é uma realidade e preocupa cada vez mais alunos, pais e professores.(...)

³³ Bairro da cidade de Campina Grande.

(...) Entrar e sair de um educandário é um caminho perigoso. Sem ter meios para contratar empresas especializadas, os diretores apelam para a polícia. Na Escola Estadual Argemiro Figueiredo, no Catolé, mais conhecido como Polivalente, os alunos se "esbarram" quase todos os dias com uma viatura da polícia. Vários assaltos já foram praticados em frente ao local.

Para quem estuda principalmente à noite, sabe que a qualquer momento pode ser vítima da ação dos criminosos. Que diga o estudante Herlon da Silva, 18 anos, (...) que foi cercado por um grupo de rapazes que lhe renderam e anunciaram o assalto. Ele tentou reagir mais foi esfaqueado por um dos bandidos. Por pouco não perdeu a vida.

Na Escola Elpidio de Almeida, mais conhecido como o "Gigantão da Prata", os alunos não tem mais certeza se chegarão na sala de aula. Muitos temem pegar ônibus nas paradas ao lado do educandário à noite. **A violência parece estar fora de controle.** Na última segunda-feira, um aluno foi assaltado na porta da escola. E ele não foi o único. A diretora adjunta Rejane Rodrigues Nogueira revela que a onda de insegurança e intranquilidade reina. Os alunos chegam à sala de aula sem tênis, celular e até material escolar. Tudo fica em poder dos assaltantes.

Mudança

Muitos alunos, segundo a diretora, pediram transferência para outras escolas. "Desde que a Patrulha Escolar foi desativada que a gente não tem sossego", contou. Uma estudante que pediu para não se identificar afirmou que viu uma amiga ser assaltada no pátio da escola. O bandido entrou disfarçadamente, vestido com uma camisa da Argentina, como se fosse aluno, colocou a faca no pescoço (sic) da vítima e tomou seu blusão e celular. E o pior. Em plena luz do dia. A diretora disse que a polícia só faz rondas na escola quando é chamada pela direção.

A estudante do 1º ano do turno da manhã do Estadual da Prata, Gabriela Alves, de 15 anos, disse que vai para escola com medo. "Já tive muitos amigos assaltados na porta do colégio", revelou.

Notícia 3.22

Cotidiano

Edição de domingo, 23 de agosto de 2009

Agressões registradas dentro dos colégios

Uma pesquisa realizada pelo Ministério Público Estadual revelou que 87% dos alunos e professores de 30 estabelecimentos municipais e estaduais de ensino de Campina Grande sofreram agressões físicas ou verbais. E a violência não pára por aí. Os descalços e agressões físicas são apenas a ponta de um "iceberg". A depredação nos prédios é o caso mais grave deste tipo de violência, seguida por arrombamentos, pichações externas e internas.

Brigas envolvendo alunos e estranhos no ambiente escolar, tráfico e consumo de drogas, uso de armas e até ameaças de morte são apontados como os principais vilões. Para o curador da Infância e Juventude, promotor Herbert Douglas Targino, para resolver o problema é necessário maior presença dos pais nas escolas, policiamento permanente e iluminação adequada nas áreas próximas às instituições.

A violência nas escolas públicas da Paraíba tomou um rumo inaceitável no ano passado, quando alunos passaram a ameaçar colegas de classe, levando a público os casos de bullying. No ano passado, duas escolas sofreram com a relação instável entre alunos e professores. O caso de maior repercussão no Estado, que exigiu a intervenção da Polícia Militar e do Ministério Público Estadual, aconteceu em março, na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo. Em uma carta anônima, uma aluna prometeu matar colegas do 2º ano do ensino médio. A fúria da estudante foi tanta que ela chegou a ameaçar cortar o órgão genital de um rapaz e colocar em uma praça.

Outro caso de bullying registrado em Campina Grande aconteceu no Grupo Escolar Municipal Félix Araújo, no bairro do Catolé. O método foi parecido com o registrado no bairro da Liberdade, e também causou medo e angústia entre alunos e professores. Desta vez, um aluno ligou várias vezes para a escola, ameaçando soltar uma bomba em uma das salas de aula.

Nas ligações, o acusado ameaçava alunos, professores e a direção do educandário. O argumento era sempre o mesmo: ele dizia que estava revoltado com os colegas de classe, que sempre o humilhavam, e com os professores por estes não tomarem providências contra o fato. Com medo das ameaças se concretizarem alguns professores chegaram a pedir transferência do local de trabalho.

Notícia 3.23

Cotidiano

Edição de domingo, 23 de agosto de 2009

Ameaças imperam nas salas de aulas

Mas a violência não está apenas fora ou nos arredores dos educandários. Há muito tempo ela ultrapassou os muros e chegou nas salas de aula. São cada vez mais frequente os relatos de professores à respeito de agressões verbais patrocinadas por alunos rebeldes. As ameaças também fazem parte da rotina. E são os números que comprovam a existência de uma rede do mal cercando as fronteiras do ensino.

Na noite da última terça-feira, o agricultor José Milton da Silva, 51 anos, foi preso em Marizópolis, no Sertão do Estado, por ameaçar sua professora com uma faca. Segundo informações da polícia, a professora Karla Gomes ligou para a Polícia Militar, informando que há vários dias vinha sendo ameaçada pelo estudante com palavras de baixo calão e que, na terça-feira, o acusado resolveu ir para aula com uma faca.

O caso do Sertão não foi isolado. Em Campina Grande os professores continuam sendo agredidos e recebendo ameaças em sala de aula quase todos os dias. O pior é que com medo e por causa da impunidade, muitos preferem o silêncio, conforme revela a pedagoga Iracy Sabino de Andrade. Segundo ela, somente este ano, quatro professores sofreram agressões e ameaças nas escolas públicas da cidade

A “violência” chegou às escolas. Violência fora das escolas, em forma de assaltos. Violência dentro das escolas, entre alunos, em forma de *bullying* e entre alunos e professores em forma de agressões físicas e verbais: é o que relatam as notícias. Mas, o relato é feito de maneira específica.

Na notícia 3.21, o tom assumido é de gravidade: “violência ronda escolas de CG”. Isso porque “casos de assaltos têm assustado professores, alunos e pais”. As escolas são referidas como “territórios do medo”, nas quais “entrar e sair” é “um caminho perigoso”. O tom sensacionalista adverte “a violência parece está fora do controle”, pois os “alunos não tem mais certeza se chegarão na sala de aula”. E tudo é confirmado pela fala de uma estudante que “vai para a escola com medo: ‘já tive muitos amigos assaltados na porta do colégio’”.

Na matéria 3.22, a violência não está mais no entorno da escola, mas em seu interior. Uma pesquisa realizada pelo Ministério Público Estadual³⁴ “revelou que 87% dos alunos e professores de 30 estabelecimentos (...) sofreram agressão física e verbal”. As paredes da escola resguardariam crimes de “tráfico e consumo de drogas, uso de armas e ameaças de morte”, além de brigas, “arrombamentos e pichações internas e externas”. Em momento algum, as caudas dessa criminalidade são perqueridas.

Não há, durante a reportagem, o depoimento de aluno ou diretor, explicando as razões de tantos desvios. Problemas como o crime de tráfico são colocados no mesmo patamar de infrações como a “pichação”. As razões que envolvem o tráfico de drogas são completamente diversas das motivações que envolvem um crime de dano (pichação), mas, no espetáculo destinado a forjar o medo coletivo, essa diferenciação é irrelevante.

Podemos suspeitar também das *soluções* apresentadas: um Promotor sugere “uma maior presença dos pais na escola” (como os pais podem ajudar? comparecendo às reuniões? levando os filhos ao colégio?); “um policiamento permanente” (com que contingente?); e “iluminação adequada nas áreas próximas às instituições” (o repórter teria ido até a prefeitura saber o porquê das ruas no entorno da escola não estarem iluminadas?). O espetáculo dispensa um desfecho feliz. O medo vende mais do que as providências administrativas.

A criminalidade/violência é construída, através das matérias jornalísticas, numa ordem sistemática de avanço. Primeiro ela está no entorno da escola (notícia 3.21); depois, no pátio da escola (notícia 3.22) e finalmente, no interior das salas de aula (notícia 3.23). Nesta última tudo é explicado: “a violência não está apenas fora ou nos arredores dos educandários. Há muito tempo ela ultrapassou os muros e chegou nas salas de aula”.

Segue a matéria dizendo que são frequentes os relatos de agressões e ameaças de alunos a professores, fato confirmado pelos “números que comprovam a existência de uma *rede do mal*

³⁴ A matéria não esclarece quando, como e utilizando qual a metodologia foi feita a pesquisa. Não se sabe quantas nem quais pessoas foram ouvidas nessa pesquisa.

cercando as fronteiras do ensino”. Perguntamos: que números comprovam? Acaso existe alguma pesquisa ou o repórter checkou os boletins de ocorrência, registrados em Delegacia? No final, a fala indireta de uma pedagoga esclarece que “somente este ano quatro professores sofreram agressões e ameaças nas escolas públicas da cidade”. Significa que de janeiro de 2009 a agosto de 2009, quatro professores (média de um a cada dois meses) de toda a rede escolar pública em Campina Grande (cidade com população estimada em 450.000 – quatrocentos e cinquenta mil habitantes) foi vítima dessa enorme, constante e descontrolada “rede do mal”.

De acordo com as matérias analisadas, além dos bairros, igrejas e escolas em Campina Grande, estarem se configurando como espaços nos quais o risco de violência seria alto, os ônibus também devem ser incluídos neste rol:

Matéria 5.12

Cotidiano

Edição de terça-feira, 6 de outubro de 2009

Assalto // Arrastão em ônibus da São José

Dois homens armados com revólveres assaltaram por volta das 20h de ontem, um ônibus da empresa São José, que faz a linha entre os municípios de Esperança e Campina Grande. O crime aconteceu quando o veículo chegava em Campina Grande, nas proximidades do contorno da Avenida Manoel Tavares, no bairro do Alto Branco. (...)

Os assaltantes ainda conseguiram roubar de R\$ 300 do motorista, celulares e dinheiro dos passageiros. Entre as vítimas estavam Vicente Paulo Ferreira e Lucienc Silva Ferreira, que compareceram a Central de Polícia para registrar a ocorrência. A polícia ainda não tem pistas dos ladrões que fugiram a pé. (MR)

Matéria 5.41

Cotidiano

Edição de terça-feira, 20 de outubro de 2009

ônibus // Passageiros são assaltados

Quatro homens armados de revólveres na noite do último domingo, assaltaram o ônibus da empresa São Jorge, que faz a linha Centro/Conjunto Esplanada. Os bandidos fizeram um "arrastão" tomando dos passageiros relógios, celulares e dinheiro. Do cobrador foi tomado R\$ 100, que tinha sido apurado durante a noite.

Depois de tomarem os pertences dos passageiros, os bandidos fugiram em direção a um matagal. O fato foi comunicado ao Centro Integrado de Operações (CIOP). A polícia realizou diligências no local, mas ninguém foi encontrado.

Nenhum lugar é seguro. O espetáculo “situa-se no registro do olhar laico e secular, configurado no processo de desencantamento do mundo” (RUBIM, 2002, p.12). Ambas as notícias acerca da criminalidade nos ônibus, esclarecem que “a polícia não tem pistas dos ladrões” ou “a polícia realizou diligência no local, mas ninguém foi encontrado”.

Por coincidência ou não, esses locais – bairros (residências), igrejas, ônibus e escolas - noticiados como perigosos e “órfãos da proteção pública”, providenciam, por conta própria, a segurança que, nesta ótica, deveria ser prestada pelo Estado:

Notícia 4.29

Cotidiano

Edição de domingo, 13 de setembro de 2009

Cerca elétrica como garantia de proteção

Com o sentimento de insegurança, população está utilizando o equipamento para evitar possíveis assaltos

David Veiga especial para o DB

Um dos recursos de segurança mais utilizado para proteção de residências em Campina Grande é o uso da chamada cerca elétrica. Para garantir essa "proteção" à população são instaladas, por mês, na cidade, aproximadamente 30 cercas elétricas. O técnico em segurança, Paulo Samuel, atua na cidade e diz que a população se sente insegura em sua própria casa e o equipamento dá a sensação de segurança ao morador. "O conhecimento geral aponta a cerca elétrica como um símbolo de segurança..."

Notícia 4.34

Cotidiano

Edição de sexta-feira, 18 de setembro de 2009

Catedral instala sistema de segurança

Para evitar novos furtos, diocese implantou vigilância permanente no local

Para evitar novos furtos e garantir a pessoas como Ricardo tranquilidade e segurança no local sagrado, a diocese instalou um sistema de segurança e de vigilância permanente na catedral. Para realizar esse serviço, a igreja contratou duas empresas de segurança. O valor total do investimento ultrapassou os R\$ 2 mil. Somente com a empresa de vigilância, o valor do contrato mensal é de R\$ 1.700. Assim, quem vai a catedral agora não se depara apenas com o padre. Além do sacerdote e das imagens de santo espalhadas pela parede, os feis agora tem a companhia do vigilante. O segurança permanece o dia todo na catedral.

Notícia 3.21

Cotidiano

Edição de domingo, 23 de agosto de 2009

Violência ronda escolas de CG

Casos de assaltos têm assustado professores, alunos e pais. Muitos estabelecimentos estão reforçando segurança.

Quem estuda nos colégios particulares é protegido por um esquema que inclui câmeras, crachás eletrônicos e vigias disfarçados. É o caso do Colégio Motiva, que instalou um sistema de cerca elétrica com alarme e tudo mais. Lá, uma empresa de segurança terceirizada protege os alunos na entrada e saída da escola.(...)

Quem estuda em escolas públicas não tem essa mesma segurança. Entrar e sair de um educandário é um caminho perigoso. Sem ter meios para contratar empresas especializadas, os diretores apelam para a polícia.

Notícia 4.6

Cotidiano

Edição de quarta-feira, 2 de setembro de 2009

Monitoramento // Ônibus mais seguros em CG

Investigações

Com a ampliação no número de carros com as câmeras de filmagem, os crimes que acontecem dentro dos ônibus passarão a ser mais observados por parte da equipe de monitoramento do Sitrans, que é composta por 12 profissionais.

Com capacidade de armazenamento de até 20 dias de imagens, a central de monitoramento poderá ser usada como ferramenta para auxiliar em investigações policiais e pedidos da Justiça, foi o que atestou o superintendente.

Na matéria 3.21, o jornalista reproduz de forma direta o argumento de que, não podendo os diretores de escolas públicas se valerem da segurança proporcionada pelas empresas privadas, devem “apelar” para a polícia. A palavra propositalmente escolhida denota que na falta de uma melhor opção, “restou” se socorrerem da polícia.

O medo da violência, que segundo o jornal está descontrolada, não vende só o próprio jornal, mas fomenta também mercado de empresas de segurança privada e empresas congêneres especializadas em instalação de cerca elétrica e circuitos de filmagem. O espetáculo-sensacionalista da midiaticização do crime existe e é bastante lucrativo, o que nos faz retornar à sentença de que “Espectáculo, mercadoria e capitalismo estão umbilicalmente associados” (RUBIM, 2002, p.2).

A quem serviria a cultura do medo que vai sendo produzida pelos meios de comunicação em geral? Substituindo a função pedagógica que a publicação das penas aplicadas a eventuais crimes cometidos teria (cf. FOUCAULT, 2004) a veiculação de matérias nas quais é evidenciada a

incompetência do Estado em punir, prender, enfrentar a violência pode funcionar como estímulo à violência, como estímulo à contratação de empresas particulares de segurança. O espetáculo do medo tem sido amplamente construído. Entretanto, não foi o medo das penalidades que prevaleceu nas notícias publicadas, mas sim o temor em face da “violência” descontrolada que teria tomado os espaços públicos, sem a necessária intervenção estatal.

Dessa forma, acabamos enfrentando a primeira questão proposta por esta pesquisa: “Há elementos que apontem para a produção de uma certa espetacularização dos crimes noticiados?” Também é possível concluir que crimes violentos são mais noticiados que os não-violentos, porque a violência “vende” mais e permite, por adentrar na dimensão da dramaticidade e emotividade, melhor e maior manipulação do gerenciamento do nível de atenção do leitor (cf AUTORES/ANO).

4.2.2 Processos de estigmatização

No capítulo 3, desenvolvemos a teoria foucaultiana de que a criação, renovação e consolidação das penalidades-castigos perpassam um filtro decisório que tem como objetivo distribuir e categorizar o que, quando e quem deve ser punido. Tal filtro seria administrado por forças-poderes que revelam, ao final, a posição de dominantes e dominados dentro de um determinado corpo social.

Comentamos, ainda, que essa “verdadeira tática geral das sujeições” (FOUCAULT, 2004, p.258), através da seleção dos discursos, faz com que determinada parcela da sociedade se apresente como mais expostas às medidas previstas pelo mecanismo penal e sofreriam, por isso, um processo permanente de estigmatização por parte do restante do corpo social.

Utilizamos de GOFFMAN (1998, prefácio) a definição de que o estigma é a “situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social” e, em capítulo anterior, já comentamos, a partir das notícias reunidas, o *status* social dos presidiários, desempregados e envolvidos em drogas.

No primeiro item deste capítulo 4, obtivemos, através da pesquisa quantitativa, a informação de que, quando identificados, os acusados eram, em sua maioria, (ex)presidiários, donas de casa, desempregados e pedreiros.

Apesar de (ex)presidiário, donas de casa, desempregados e estudantes não se tratarem propriamente de profissões, esses itens recorrentemente constaram como elementos identificadores, tanto de vítimas como de acusados, sendo essas caracterizações tratadas e publicadas num mesmo patamar. A profissão aparece sempre como um elemento fundamental na identificação de quem cometeu ou de quem sofre o delito:

Notícia 1.6
Cotidiano
 Edição de terça-feira, 9 de junho de 2009
Violência // Dona de casa é estuprada em estrada

Notícia 1.16
Últimas
 Edição de segunda-feira, 22 de junho de 2009
Professora é morta a tiros

Notícia 5.27
Cotidiano
 Edição de quarta-feira, 14 de outubro de 2009
Estudante é ferido com 12 facadas

Notícia 1.24
Cotidiano
 Edição de terça-feira, 30 de junho de 2009
Pintor desaparece após assassinato

Notícia 2.9
Cotidiano
 Edição de terça-feira, 7 de julho de 2009
Santa Rosa // Pedreiro é acusado de atirar em jovem

Afora os apontamentos feitos no capítulo 3 acerca dos desempregados e (ex-)presidiários, constatamos, através da pesquisa quantitativa, uma certa coincidência no bloco de profissões, identificadas em maior percentual, nas referências feitas às vítimas (conforme gráfico 12:

comerciante, Estudante, Pedreiro e Desempregado) e acusados (conforme gráfico 15: ex-presidiários, Dona de casa, Desempregado e Pedreiro).

Desempregado e Pedreiro aparecem em maior percentual tanto nas vítimas quanto acusados. Ao desenvolvermos o mesmo raciocínio nos percentuais de residências (bairros) identificados nas notícias, temos a mesma coincidência (?), pois os bairros de José Pinheiro e Santa Rosa aparecem, simultaneamente, em maiores percentuais tanto para vítimas³⁵ (Bodocongó, Catolé, Centro, Centenário, José Pinheiro, Ramadinha 2 e Santa Rosa) quanto para acusados³⁶ (José Pinheiro, Santa Rosa, Liberdade e Pedregal).

Qual a característica comum que une Desempregados, Pedreiros e os Bairros de José Pinheiro e Santa Rosa? Numa conclusão empírica, poderíamos dizer que tanto os bairros quanto às ocupações se referem a pessoas menos favorecidas economicamente.

O “pobre”, além dos bairros e profissões, é identificado no texto através de mensagens subliminares. Na notícia 6.26, cuja manchete é “pedreiro acusado de tentar matar mulher com 14 facadas”, extrai-se o seguinte excerto:

O pedreiro Agnaldo da Silva, 47 anos, está sendo acusado de tentar matar a sua própria companheira, a auxiliar de serviços gerais Nadja Maria Silva Dias, 42, com 14 golpes de faca peixeira. O crime aconteceu por volta das 18h da última quinta-feira, no **casebre** onde o casal morava, localizado na Rua Sebastião Vieira, no bairro de José Pinheiro(...).
Antes de praticar o crime, o acusado Agnaldo da Silva havia **passado a tarde inteira bebendo cachaça** em um bar no bairro de Nova Brasília (...)

Segundo o dicionário Aurélio³⁷, casebre significa “casa velha, casa arruinada ou pardieiro”. Pardieiro, por sua vez, significa “casa de pequeno valor ou mal conservada”. O crime, então, teria ocorrido (por ciúmes) no interior de um casebre (leia-se casa pobre), tendo o acusado-pedreiro, passado, antes, toda a tarde “bebendo cachaça em um bar”, até matar a “auxiliar de serviços gerais”.

Vejamos como a linguagem e o tratamento discursivo diferem quando dispensados a dois empresários:

³⁵ Conforme gráfico 13

³⁶ Conforme gráfico 14

³⁷ Dicionário on line disponível em <http://www.dicio.com.br/casebre/>. Acesso em 23.08.2011

Notícia 3.35**Cotidiano**

Edição de segunda-feira, 31 de agosto de 2009

Corpos de empresários são sepultados em CG

Gleriston Medeiros atirou em Salomão David e, em seguida, se matou, após discussão na tarde do último sábado

Isabela Alencar // isabelaalencar.pb@diariosassociados.com.br

Os corpos dos empresários Gleriston Medeiros e Salomão David, ambos de 53 anos, foram sepultados ontem, em Campina Grande. Eles morreram no início da tarde do último sábado, após uma discussão registrada no centro da cidade. Conforme informações da polícia, Gleriston teria atirado contra Salomão e, em seguida, cometido suicídio. O motivo para o crime seria o processo de alienação do Posto Brasília, que pertencia a Gleriston.

O assassinato seguido de suicídio chocou a população campinense durante o final de semana. O crime aconteceu na Rua Desembargador Trindade, no Centro, e, de acordo com informações de testemunhas repassadas para a Polícia Militar, momentos antes do fato, os dois empresários estavam conversando tranquilamente até ter início a discussão. No calor do momento, segundo a PM, o empresário Gleriston teria sacado um revólver calibre 38 e efetuado dois disparos que atingiram o abdômen de Salomão.

Após balear o colega, o empresário teria apontado a arma contra a própria cabeça e efetuado mais um disparo, na altura do ouvido, morrendo imediatamente. Salomão David ainda foi socorrido com vida para o Hospital Regional de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, onde foi submetido a uma cirurgia de urgência. Ainda na tarde do sábado, ele foi transferido para a Clínica Santa Clara, onde morreu no início da noite.

Segundo amigos dos empresários, os dois já haviam se desentendido por várias questões e uma delas aconteceu devido a um processo de alienação do Posto Brasília, que fica localizado na Avenida Severino Bezerra Cabral. Ainda conforme os amigos, David estaria arrematando o posto na Justiça, enquanto o acusado tentava anular a ação. A equipe do Diário da Borborema tentou entrar em contato com os familiares de ambos os empresários, mas ninguém quis se pronunciar sobre o fato.

O corpo do empresário Gleriston Medeiros foi velado e sepultado, ontem de manhã, no Campo Santo Parque da Paz. Ele era filho do também empresário José Borges de Medeiros, que durante muito tempo presidiu a Associação Comercial de Campina Grande. Já o corpo do empresário Salomão David foi velado na mortuária A Viagem e sepultado no Campo Santo, por volta das 16h deste domingo. David era dono da Recanto Móveis, loja do setor de móveis e eletrodomésticos que funcionou às margens do Açude Velho, na década de 90.

Observamos que a manchete suave informa que “corpos de empresários são sepultados em CG”. A matéria com cinco parágrafos, repete a palavra “empresário” por dez vezes: média de duas palavras “empresário” por parágrafo.

A referência à posição social privilegiada dos empresários é confirmada no último parágrafo em que se esclarece que um dos envolvidos “era filho do também empresário José Borges de Medeiros, que durante muito tempo presidiu a Associação Comercial de Campina Grande” enquanto o outro envolvido era “dono da *Recanto Móveis*, loja do setor de móveis e eletrodomésticos que funcionou às margens do Açude Velho, na década de 90”.

Também fica muito claro que diferente das notícias aqui analisadas, acerca de outras classes sociais em que há brigas constantes (ciúme doentio), envolvimento com drogas ou antecedentes criminais (presidiário/ex-presidiários), os dois empresários “momentos antes do fato, **estavam conversando tranquilamente** até ter início a discussão” e “**no calor do momento**, segundo a PM, o empresário Gleriston teria sacado um revólver calibre 38 e efetuado dois disparos que atingiram o abdômen de Salomão”.

Os empresários se desentendiam há anos por questões comerciais e judiciais, mas na fala suave do jornalista, ao ver o “colega” baleado, o segundo empresário teria se suicidado. O tom de lamento fica claro. É lamentável e inesperado que a sociedade perca dois empresários que conversavam “tranquilamente” e sucumbiram ao “calor da emoção”.

Para as classes menos favorecidas, envolvidas em toda sorte de delitos, inclusive o das drogas só há um caminho, conforme a notícia 1.11, que relata um homicídio no bairro de Severino Cabral: “a prisão ou morte”.

Segundo Corrêa (2001, p.101), ao comentar a “construção social e simbólica da criminalidade” pelos *mass media*: “(...) produz-se assim, a perspectiva de luta contra o inimigo interno (...) a propagação da imagem do criminoso, do perverso, do inimigo perigoso, imagem construída a partir de basicamente a imagem dos apenados, oriundos das camadas mais estigmatizadas e marginalizadas da sociedade.”

Essa percepção da criminalidade veiculada pela mídia fomenta o estereótipo do criminoso. Com isso, o interesse pelas causas da criminalidade é obliterado em função da necessidade imediata do enfrentamento e solução do problema da criminalidade. No *corpus* analisado observamos as ações anti-crimes e encontramos, dentre as 279 unidades de registro, apenas, uma matéria que mencionava uma tarefa preventiva-educativa relativa à criminalidade:

Matéria 4.17

Cotidiano

Edição de domingo, 6 de setembro de 2009

Detentos do Serrotão buscam vaga na UEPB

Como forma de preparação, presos estão assistindo aula através de um cursinho realizado no interior do presídio

Tarcísio Araújo // tarcisioaraujo.pb@diariosassociados.com.br

"Educar é libertar". A frase traduz o desejo de liberdade do técnico em telecomunicações Izaías Matias da Silva, 29 anos, que se prepara junto com outros seis detentos do Presídio do Serrotão para concorrerem a uma vaga no vestibular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no final de novembro. Eles são alunos de um cursinho pré-vestibular ministrado por quatro professores da rede estadual de ensino. As aulas são realizadas no interior do estabelecimento prisional.

Izaías é condenado a uma pena de 14 anos de prisão e desde que entrou para o cárcere passou a enxergar a educação como a alternativa mais viável para a ressocialização e um futuro melhor. Ele está no Serrotão há três meses e cumpre pena pelo crime de atentado violento ao pudor.

O dia-a-dia de Izaías se passa na cozinha do presídio, onde ele trabalha como auxiliar, mas à noite ele costuma reservar pelo menos uma hora de seu tempo para aprofundar seus conhecimentos e se preparar para conquistar a tão sonhada vaga no curso de Geografia da UEPB. "Já sonho em desenvolver projetos ambientais em uma grande indústria", diz o apenado.

A oportunidade que os seis detentos estão tendo se deve ao esforço da professora e coordenadora do Núcleo de Ação Pedagógica do Ensino Supletivo (Naces), Gilma D'arc Batista, 52. Há 17 anos ela luta pela escolarização dos detentos do Serrotão e conta com orgulho que chegou a acompanhar a formação de três presidiários: um deles concluiu o curso de Enfermagem, outro o de Geografia e um conseguiu concluir Serviço Social.

As aulas são ministradas em um galpão do presídio aos sábados, nos horários da manhã e tarde. Os recursos são garantidos pelo governo do estado. Os alunos assistem aulas de língua portuguesa, literatura, língua estrangeira, história e geografia.

Dos detentos inseridos no projeto, três deles irão prestar vestibular para Direito; dois para História e um para Geografia.

A diretora do Naces explica que se os detentos forem aprovados eles deverão assistir aula monitorados por um agente penitenciário, de forma discreta, para não causar constrangimento ao presidiário. Em alguns casos o preso pode conseguir uma liminar da Justiça que permite ele ir à universidade sozinho e depois se recolher ao presídio.

As demais ações identificadas foram "caminhadas pela paz" (notícias 5.3 e 1.13), toque de recolher de adolescentes (notícia 1.15), aumento de penalidade (notícia 3.11) e aumento de policiamento (diversas). Os eventuais fatores determinantes da criminalidade são pouco focalizados, o que exigiria aprofundamento das análises, a referência a pesquisas e estudos sobre o tema, coisas que a própria lógica da mensagem jornalística dificulta.

No âmbito das camadas pobres da sociedade, a "orientação" é de que "aos pobres 'dignos', aqueles que trabalham e mantêm a 'família unida' e observam 'os costumes religiosos', (...) devem ser reconhecida à aceitação, legitimação social e o direito à vida" (cf. COIMBRA, 2001, p.94).

Já mencionamos à questão do desempregado-marginal. Abordemos, de forma breve, a questão da “família organizada”, atentando ao discurso exposto na notícia 1.2:

Notícia 1.2

Cotidiano

Edição de terça-feira, 2 de junho de 2009

Acusada de deixar filha sozinha

PM e Conselho Tutelar investigam motivos que teriam levado mulher a sair de casa deixando a filha de 7 anos trancada

Policiais militares que trabalhavam no plantão da noite de anteontem foram acionados por populares da Rua Paraná, no bairro do Monte Castelo, que ligaram para denunciar que uma menina de apenas sete anos de idade estaria sozinha dentro de casa. Os vizinhos informaram que a mãe da garota, uma cabeleireira, teria ido ao São João do Parque do Povo, deixando a criança trancada. Acionado, o Conselho Tutelar foi ao local.

A cabeleireira alega ser inocente, argumentando que havia saído de casa por volta das 22h, depois que recebeu um comunicado que a sogra dela estaria doente. "Eu passei a noite no hospital fazendo companhia a minha sogra. Sei que errei em ter deixado a menina sozinha, mas não fiz por maldade", disse mãe da criança.

Ao chegar no local, os policiais se depararam com a menina sozinha assistindo televisão junto com o cão "Bethoven". Ela cria o animal há cinco meses. O Conselho Tutelar foi ao local e permaneceu na residência até às 2h, conforme contou a conselheira Elânia Santos Barbosa.

Socorro alegou que, ao dar entrada no hospital, chegou a ligar para o filho Leandro Pereira, de 18 anos, para que ele fizesse companhia à menina. "Meu filho disse que estava conversando com os amigos do bairro e prometeu que iria para casa, mas depois não apareceu", contou Socorro.

Já a outra filha da cabeleireira, Leticia Pereira, de 21 anos, estava no Parque do Povo e alegou que não foi para casa cuidar da irmã porque não encontrou um mototaxista que quisesse deixá-la no bairro. "Eu sofro de pressão alta e quando cheguei ao hospital para acompanhar minha sogra, acabei passando mal. Só voltei para casa por volta das 4h". O pai da menina é caminhoneiro e encontra-se fora da cidade.

A conselheira tutelar Elânia Santos Barbosa, que acompanha o caso, informou que a mãe será notificada a comparecer ao Conselho Tutelar, onde vai ser ouvida por uma equipe multidisciplinar formada por advogado, psicólogo e assistente social. Caso ela pratique outra vez a mesma ação, poderá perder a guarda da criança. O Conselho Tutelar irá investigar para averiguar se a versão apresentada pela acusada é verdadeira.

Segundo a matéria, uma cabeleireira residente no bairro de monte castelo teria ido ao “Parque do Povo” (local onde ocorre festividades juninas no mês de junho) e deixado a filha de 07 (sete) anos sozinha em casa. O texto explicita, indiretamente, que se trata de uma família “desorganizada”, pois o pai da criança seria caminhoneiro e estaria viajando (a mãe, então, sendo casada não poderia estar indo à festa (sozinha), ainda mais deixando a filha mais nova desassistida).

Não bastasse a mãe irresponsável, conforme a matéria, estar indo à festa sozinha, seus outros dois filhos estavam “na rua”, o primeiro conversando com amigos do bairro e a segunda, encontrava-se na festa junina do parque do povo. Um e outro apresentaram desculpas por não terem ido para casa cuidar da irmã. O discurso emitido induz a conclusão de que a mãe será responsabilizada, em face da desorganização da estrutura familiar. A profissão da envolvida – cabelereira – e do marido – caminhoneiro – além do bairro da ocorrência – monte castelo – são indícios de que se trata de família menos favorecida economicamente.

A justificativa apresentada pela acusada (ter ido ao hospital tratar da sogra) é, a todo tempo, tratada pela matéria jornalística como inverossímil, pois o jornalista não esclarece se de fato a sogra estava ou não internada e se de fato (ou não) a acusada teria passado a noite cuidando dela. Diante da “desunião” e desorganização da família, a mãe será responsabilizada: é para onde nos leva a conclusão da matéria.

A “deseestrutura” familiar dos pobres que os leva à criminalidade é abordada, implicitamente, de outra forma, conforme pudemos inferir dos dados levantados. Além dos presidiários, são também estigmatizadas as companheiras desses, apresentadas como destinadas a se contaminar com seu estigma, acabando por *entrar no mundo do crime*:

Notícia 3.1

Cotidiano

Edição de terça-feira, 4 de agosto de 2009

Flagrante // Mulheres são presas com entorpecente

Antonio Ribeiro // antoniosilva.pb@diariosassociados.com.br

Duas mulheres acabaram presas, após serem flagradas tentando entrar com drogas no Presídio do Serrotão. Sandra Maria de Melo, 30 anos, e Joselância Alves Soares Oliveira foram flagradas durante a revista íntima. Sandra, conforme o Boletim de Ocorrência registrado na Central de Polícia, ficou nervosa durante a revista, o que levou as agentes penitenciárias a desconfiar de seu comportamento. Com ela foram encontrados cerca de 200 gramas da droga, dentro de um preservativo que estava escondido na vagina.

Segundo a polícia, a droga seria entregue ao marido dela, Marcelo Melo, que cumpre pena por roubo. Quando chegou ao presídio, Sandra levava cinco crianças, menores de oito anos e, segundo a polícia, esse é um artifício usado pelas mulheres dos detentos para tentar escapar da revista.

Droga seria para os companheiros das acusadas

Com Joselândia Alves, as agentes encontraram alguns cigarros de maconha escondidos no cós da calça. Assim como no primeiro caso, a droga foi descoberta porque as agentes desconfiaram do nervosismo da mulher. A polícia disse que Joselândia também levava os cigarros para seu companheiro, Rodrigo Lima da Rocha, condenado por prática de homicídio. As duas foram levadas para a Central de Polícia e o inquérito policial deverá ser remetido à 2ª Delegacia Distrital.

Notícia 6.32

Cotidiano

Edição de terça-feira, 17 de novembro de 2009

Serrotão // Detida com Maconha na vagina

A desempregada Edlene da Silva, 38 anos, moradora da Rua João Viana Amorim Guedes, no bairro da Catingueira, foi presa na tarde do último domingo, quando tentava entrar na Penitenciária Regional do Serrotão em Campina Grande com cerca de 100 gramas de maconha. A droga estava envolvida em um preservativo masculino e escondida dentro da vagina da acusada, que estava indo visitar seu companheiro, preso há mais de dois anos.

O crime foi percebido no momento da revista íntima, quando a agente Maria do Socorro dos Santos percebeu a anormalidade nos órgãos genitais da acusada. Edlene da Silva foi levada para a delegacia.

O discurso explicita que as mulheres foram presas porque levavam drogas a seus maridos/companheiros presos por roubo, homicídio ou há mais de dois anos. O subtítulo interno da primeira notícia acima apresentada destaca: “droga seria para os companheiros das acusadas”. Na segunda notícia, é patente a classe social da acusada: desempregada e moradora do bairro da Catingueira (um dos mais pobres da cidade de Campina Grande).

Iniciamos a pesquisa, devemos confessar, com um maior número de hipóteses a serem testadas no que se refere ao processo de estigmatização. Ao pensarmos as categorias-temáticas, inserimos, num momento anterior, a cor/raça como elemento identificador da vítima e do acusado. Entretanto, nenhuma notícia revela a cor/raça do acusado ou vítima, embora na qualificação e interrogatório (depoimento do acusado na polícia) a cor seja um dado obrigatório. Assim, a hipótese de processos de estigmatização em desfavor de negros, brancos ou pardos não pode ser confirmada.

Também inserimos o policial como possível personagem dos processos de estigmatização. Assim criamos as categorias de policial-policial, policial-vítima e policial-acusado. Todavia,

conforme visto na análise quantitativa, apenas 1,43% (um ponto quarenta e três por cento)³⁸ das unidades de registro apontam o policial como acusado ou vítima.

Sessenta por cento das matérias, conforme dados extraídos da tabela 4, se referem ao policial no desenvolvimento de suas atividades profissionais corriqueiras: *policial enquanto policial*. Dessas notícias, tampouco, foi possível inferir a presença de processos de estigmatização, vez que, em percentuais equânimes, ora a polícia é retratada como cumpridora dos deveres (prende, persegue, investiga), ora é apontada como ineficiente, não restando desses percentuais uma conclusão definitiva para estigmatizá-los (seria talvez interessante mencionar os percentuais de matérias/notícias nas quais a polícia é apresentada como eficiente e como ineficiente, incompetente):

Atividade Policial sem êxito (exemplo de unidade de registro)

Notícia 2.7

Cotidiano

Edição de terça-feira, 7 de julho de 2009

Pastor e família são feitos reféns

Bandidos espancaram a vítima e levaram notebooks, dinheiro e aparelhos celulares

Antonio Ribeiro // antoniosilva.pb@diariosassociados.com.br

Três bandidos armados invadiram e assaltaram, na madrugada de ontem, a residência do pastor evangélico Samuel Martins Sales, 73 anos, na Rua Antônio Telha, no bairro do José Pinheiro, em Campina Grande. Os bandidos renderam o pastor e o obrigaram a entregar a quantia de R\$ 700, dois notebooks e dois aparelhos de telefone celular.

De acordo com o boletim de ocorrência do 2º Batalhão de Polícia Militar, a ação do trio ocorreu

.....
Depois que os homens deixaram a casa, a família do pastor acionou a polícia e se trancou na casa, temendo o retorno dos bandidos e consequente retaliação. **Uma viatura da PM esteve no local e fez uma ronda nas imediações, mas não conseguiu prender nenhum dos suspeitos.**

Ontem de manhã, ainda aterrorizada, a família do pastor se recusou a falar sobre o assunto. Já **o caso foi repassado para a Delegacia de Roubos e Furtos, que iniciou as investigações. Polícia ainda continua sem pistas dos assaltantes.**

(grifos nossos)

Atividade Policial com êxito (exemplo de unidade de registro)

Notícia 2.27

Últimas

Edição de terça-feira, 21 de julho de 2009

Pedregal // Albergado é preso com maconha

Tarcísio Araújo // tarcisioaraujo.pb@diariosassociados.com.br

O disque-denúncia da Polícia Militar tem contribuído para o trabalho da polícia e na tarde de ontem, ajudou a desarticular uma boca de fumo que estaria funcionando nas proximidades do canal

³⁸ Conforme dados constantes na tabela 4

do bairro do Pedregal. Uma operação conjunta das polícias Civil e Militar conseguiu prender por volta das 13h de ontem, o albergado José Carlos de Oliveira Campos, de 30 anos, que reside naquele bairro. Com ele foi apreendido um pacote com um 1,80 kg de maconha. A droga estava escondida dentro da parede da casa do acusado. Ele havia feito um fundo falso utilizando gesso, mas os policiais conseguiram encontrar o pacote

Ao criarmos as categorias-temáticas, inserimos o gênero como elemento identificador a fim de buscarmos algum processo de estigmatização nessa área. Na análise quantitativa, os percentuais encontrados foram mínimos e inconclusivos. Na análise qualitativa, fizemos inferências no discurso jornalístico, investigando a produção do texto e do intratexto. Investigamos os depoimentos (de policiais, homens, crianças e mulheres) transcritos pelos jornalistas.

Também analisamos as poucas matérias que se referiam à violência de gênero, mas, em nenhum caso, ao menos nos seis meses pesquisados, pode-se concluir pela presença de um estigma ou mesmo de um processo de estigmatização relativo ao gênero feminino ou masculino. Confrontamos diversas notícias, substantivos e adjetivos utilizados, mas, ao menos nos seis meses pesquisados, nenhum elemento bastante foi localizado para caracterizar o estigma de gênero.

Os dados sobre processos de estigmatização dos *pobres* são abundantes. Ora explícitos, ora ocultos, mas sempre em percentuais destacados. O bairro, a profissão e a espécie de criminalidade (a violenta) definem a postura do jornalista e a espécie de linguagem a ser utilizada. Confirmamos, então, a hipótese de que a mídia impressa “funciona para memorizar, inferiorizar e desqualificar os pobres e seus espaços...” (COIMBRA, 2001, p.134)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de dissertação tivemos como objetivo analisar as maneiras pelas quais a imprensa de Campina Grande produz e veicula notícias sobre crimes e criminalidade. Tomando como referência a discussão foucaultiana sobre a função socialmente necessária de publicação das penas atribuídas aos que transgridem as leis, bem como o debate a respeito da espetacularização midiática dos crimes, construímos uma abordagem que relaciona a hierarquia social com a produção jornalística sobre eventos classificados como criminosos e atores nela *apresentados*.

Com base na teoria do estigma, de Goffman (1998), nossa análise de conteúdo de um *corpus* constituído pelas matérias sobre crimes e criminalidade publicadas no Diário da Borborema, no período de junho a novembro de 2009, corroborou o que aponta a literatura pertinente sobre a associação midiática entre pobreza e criminalidade (*cf.* MISSE, 1995; SOARES, 2010) construída através tanto do maior número de matérias que descrevem os indivíduos criminosos como *pobres*, quanto pelo espaço dedicado aos crimes cometidos por indivíduos das camadas populares e para aqueles cometidos por sujeitos das camadas superiores. Também observamos as diferenças na linguagem utilizada nas matérias em que se noticiaram crimes cometidos por indivíduos das diferentes classes sociais.

Conforme Misse (1995) e Soares (2010), a hierarquização social produz a midiaticização, o registro, a criminalização, a publicização da delinqüência dos pobres, dos negros, e ao mesmo tempo produz o silenciamento e o apagamento da delinqüência dos indivíduos socialmente prestigiados.

Como demonstrado ao longo de todo o nosso trabalho, a produção de matérias em que crimes e a criminalidade são tematizados não é neutra. O sistema de produção das notícias sobre eventos criminosos apresenta uma diferenciação homóloga à diferenciação social, alimentando desigualdades e contribuindo para os processos de estigmatização social dos pobres.

Na digressão histórica, formulada no capítulo 1, observamos que a imprensa, a partir do século XIX, ganha contornos de empresa comercial e a lógica da informação (lógica simbólica da construção da opinião pública), se alia à lógica da economia (CHARAUDEAU, 2007, p.20). A notícia se transforma em mercadoria e nela se agregam todas as exigências do mercado (vender mais e sempre). É a partir disso que notícia-mercadoria e espetáculo se tornam inseparáveis no mundo moderno. Para convencer o leitor a comprar o jornal, *corpus* escolhido para esta pesquisa, é preciso desenvolver técnicas de sedução. O gerenciamento do nível de atenção, no caso dos jornais, se define por estratégias na forma de diagramação, tamanho e forma das manchetes, tipo de linguagem e ritmo textual (HERNANDES, 2006, p.70).

Por isso, a informação (para ser vendida) é essencialmente uma linguagem, e a “linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade, através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo” (CHARAUDEAU, 2007, p.15)

Se para Foucault é preciso divulgar bem os crimes e os castigos e isso foi sempre feito através de espetáculos; E, se para Rubim, é impossível dissociar espetáculo de capitalismo, mercadoria e mídia, temos entrelaçados os seguintes aspectos: mídia, espetáculo, mercadoria e crime.

É assim o crime/a criminalidade uma mercadoria extremamente vendável, pois reúne a representação social de práticas conflitos e relações diversas aglutinadas num mesmo universo simbólico. O crime e tudo que o envolve seduz o leitor para querer saber como se soluciona o mistério; quem matou? Quem morreu? Sendo a mídia essa dimensão espetaculosa do espaço público, nela se desenvolvem processos de estigmatização, a partir do fortalecimento ou criação de padrões e anti-padrões. A secular lógica da antítese de que o belo só assim se define pela existência do feio, repete-se na compreensão de que o criminoso só o é, porque existe o seu reverso: o cidadão que não comete crimes.

Na seleção das notícias que vão ou não ser divulgadas, os *mass media* acabariam escolhendo fatos específicos que criem ou consolidem padrões de comportamento e de avaliação das características e qualidade sociais dos indivíduos, contribuindo para o que Goffman identifica como procedimentos de estigmatização. Na nossa análise procuramos demonstrar como é possível observar na linguagem utilizada nas matérias sobre crime e criminalidade essa construção do inferior, do socialmente desqualificado, do estigmatizado.

Assim, concluímos que as maneiras de os jornais ao falarem sobre o crime e a criminalidade apresentam relação com a hierarquização social envolvente. Para confirmar esses processos de estigmatização, identificamos um estilo espetacularizante-sensacionalista no estilo de produção de textos que tematizam o crime e a criminalidade.

Ao tornar a notícia um espetáculo, os protagonistas e os coadjuvantes são escolhidos levando-se em consideração os pensamentos hegemônicos de uma dada sociedade. Na análise dos dados, foi observado, destacadamente, um tratamento diferenciado às pessoas menos favorecidas economicamente.

Sobre elas pesa o estigma da profissão (ou da inexistência da profissão), dos antecedentes (se ex-presidiárias) e do local em que moram (em geral, bairros de periferia).

Pessoas de classes sociais mais abastadas só foram apontadas como criminosas em casos específicos onde, por exemplo, a honradez do cargo se relaciona com a segurança do sistema penal: “TJ afasta mais um juiz de CG (notícia 2.28)”. Em outro caso, em que um empresário mata outro empresário e depois se suicida (notícia 3.35), o tratamento jornalístico, conforme analisado no capítulo 3, é completamente distinto.

A matéria aponta para a excepcionalidade e reforça a origem familiar de ambos os envolvidos, deixando claro que esse tipo de “criminalidade” é uma exceção, visto, inclusive que se tratara de um *acidente*. Os crimes violentos, então, são maioria nas publicações, conforme exposto na análise quantitativa do capítulo 4. E através deles, há uma associação direta com a pobreza e ou a

miséria, conforme se extraiu da análise quantitativa dos dados sobre os bairros e profissões do classificados como criminosos.

Concluimos no capítulo 4 que, em sua maioria, os acusados são desempregados, ex-presidiários, pedreiros, oriundos de bairros periféricos como José Pinheiro, Monte Castelo e Pedregal. As vítimas, em sua maioria, também apresentam o mesmo perfil. Quando as vítimas passaram a ser pessoas de categorias sociais mais elevadas como os empresários, o jornal publicou, em 30 dias (outubro de 2009), 20 (vinte) notícias envolvendo assalto a estabelecimentos comerciais³⁹, as quais insistiam sobre o *absurdo* de determinado estabelecimento comercial ter sido por mais de uma vez vítima de roubo. Na sucessão das notícias, também era esclarecido que a polícia estava finalizando um plano de segurança para combater estes delitos (notícia 6.19).

Por tudo isso, a pesquisa nos levou a concluir que aos indivíduos classificados como criminosos é dado um tratamento parcial, considerando-se a localização social respectiva. A partir disso, existiria uma hierarquização dos crimes, já que os crimes violentos (mais publicados) são associados a pobres e os não-violentos (menos publicados) são associados aos cidadãos de classes mais abastadas.

Além da hierarquização, o tratamento parcial é dado também a partir do estilo de produção. Predomina no *corpus* analisado um estilo sensacionalista, apelativo, *espetaculoso*, que transforma a vítima e o criminoso em protagonistas de uma trama cinematográfica, extremamente vendável.

O inusitado, o “grotesco chocante” é utilizado para atrair a atenção do público, que seduzido comprará a mercadoria. O depoimento de testemunhas, vítimas, policiais e dos próprios criminosos caracteriza o tom sensacionalista que remete a ares de tragédia insolucionável.

O excerto de palavra *assassin* – que compõe as palavras assassino, assassina, assassinato, assassinado e assassinada – foi repetido por 90 (noventa) vezes, durante as matérias analisadas. A palavra *morte* foi repetida 67 (sessenta e sete) vezes e a palavra *homicídio* 73 (setenta e três) vezes.

Somando, alcançaríamos 230 (duzentos e trinta) repetições, o que equivale a quase 83% (oitenta e três por cento) do número de matérias analisadas. Opção discursiva que suscita o espetáculo, indica o mistério, o tenebroso, a morte que tanto seduz a plateia.

Nesse diapasão, finalizada a pesquisa, pensamos futuramente em trabalhar com as próprias representações de crime, procurando entender como em nossa sociedade/cultura se controem as classificações do que é e deixa de ser criminoso, em sua interface com as estruturas de poder e de hierarquização social. Pretendemos também analisar os processos pelos quais se invisibilizam e silenciam as delinqüências dos indivíduos que ocupam posições de poder e de privilégio na hierarquia social, desvendando as redes de favorecimento, de clientelismo, de patrimonialismo e de pessoalidade, bem como eventuais processos de desestigmatização produzidos pelos movimentos sociais organizados em suas demandas políticas por reconhecimento e cidadania, através, inclusive de produções midiáticas alternativas, que trabalhem com a produção de matérias em que se noticiem crimes e criminosos normalmente ausentes dos jornais, da mídia dominante..

REFERÊNCIAS

AMORIM, Tade-Ane. *Nanotecnologia da Imprensa: análise de conteúdo do jornal Folha de São Paulo*. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 4 n. 2 (2), janeiro-julho/2008 ISSN 1806-5023. PP.20-36. Disponível em http://www.emtese.ufsc.br/vol4_2art2.pdf. Acesso em 26.04.2011

ANDRADE, Fábio Martins de. **Mídia e Poder Judiciário: a Influência dos Órgãos da Mídia no Processo Penal Brasileiro**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 5.ed. Trad de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2010.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro. Dois Tempos de uma História**. Revan: Rio de Janeiro. 2004

BATISTA, Nilo. **Mídia e Sistema Penal no Capitalismo Tardio**. In: Discursos Sediciosos. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia, 2002.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa, com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. 6ªed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

BARROS, Luiz Ferri & SEGISMUNDO, Fernando (Coord.). *O sensacionalismo da imprensa na cobertura de crimes de natureza psicopatológica e suas conseqüências*. Seminário Internacional – Imprensa Investigativa: sensacionalismo e criminalidade. **Revista CEJ**, Brasília, 2002.

BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração – EDUSC 1999, p.36-38

BITTENCOURT, Cezar Roberto (coord). **Direito Penal no Terceiro Milênio: Estudos em Homenagem ao Prof. Francisco Muñoz Conde**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

BONEFF, Alfred. *Beijo com Língua no Asfalto! Volúpia pelo furo deu barriga! Discursos Sediciosos: Crime, Direito e Sociedade*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos: **Instituto Carioca de Criminologia**, ano 3, números 5 e 6, pp.235-247,1998.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean Claude *et al.* **A profissão de Sociólogo: preliminares epistemológicas**. Trad. de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p.25

BRYM, Robert; *et al.* **Sociologia: Sua Bússola Para um Novo Mundo**. São Paulo: Thomson, 2006.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BUCCI, Eugenio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

CALADO, Sílvia dos Santos; FERREIRA, Silva Cristina dos Reis. *Análise de Documentos: Método de Recolha e Análise dos Documentos. Metodologia da Investigação I 2004/2005* DEFCUL. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mil/analisedocumentos.pdf>. Acesso em 21.04.2011

CAMPOS, Claudinei José Ramos. *MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde*. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acesso em 21.04.2011

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino *et al.* **PESQUISA QUALITATIVA: ANÁLISE DE DISCURSO VERSUS ANÁLISE DE CONTEÚDO**. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84 .Artigo Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>. Acesso em 21.04.2011

CARNELUTTI, Francesco. *As Misérias do Processo Penal*. São Paulo: Pillares, 2006.

CARVALHO JÚNIOR, Orlando Lira de. **Mídia e Criminalidade no Brasil**. I Seminário Nacional Sociologia e Política.UFPR Sociedade e Política em tempos de incerteza, 2009.Disponível em <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT3/EixoIII/midia-e-criminalidade-OrlandoCarvalhoJr.pdf>. Acesso em 05/06/2011

CASTRO, Lolita Aniyar de. **Olhar Sobre a América Latina**. In: Ramos, Sílvia (org). *Mídia & Violência Urbana*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder: Uma Análise da Mídia**. São Paulo: Edição Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**.São Paulo: Contexto, 2006.

CÓDIGO PENAL BRASILEIRO. Disponível em <http://www.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em 09.06.2011

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Operação Rio: o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia imprensa e os discursos da segurança pública**. Rio de Janeiro: oficina do autor; Niterói: Intertexto, 2001.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Trad. Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

CORREIA, Karla Marthinna Viana. **Análise de Conteúdo do Jornalismo Impresso Natalense**. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007. Versão eletrônica disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-karla-jornalismo-impresso.pdf>. Acesso em 20.08.2011

CORRÊA, Diego Ayres. *Os meios de comunicação de massa e sua influência no desenvolvimento da histeria punitiva e na ampliação de repressão penal*. *Revista de Estudos Criminais*. Porto Alegre: ITEC/Notadez, 2001, N° 03, pp. 96-108.

DE GIORGI, Alessandro. **A Miséria Governada Através do Sistema Penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. 6 ed. São Paulo: Summus, 1986.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão Social do Trabalho**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. **Desmontagens de Sentidos: Leituras de Discursos Midiáticos**. João Pessoa: Universitária UEPB, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. 14^a ed. Graal: São Paulo, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 3ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 29^a ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7^a ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L & PM, 2010.

GALTUNG, J. *Violence, peace and peace research*. **Journal of Peace Research** nº 3, 1969. Hay traducción al castellano en “Violencia, paz e investigación para la paz”, en “Sobre la Paz”. Fontamara 1985, pgs. 27-72. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/2023335/VIOLENCIA-DIRECTA-ESTRUCTURAL-Y-CULTURAL-LOS-CONCEPTOS>. Acesso em 02.06.2011

GENTILI, Pablo (org.). **Globalização Excludente: Desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4^a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

GOMES, Luiz Flávio; BIANCHINI, Alice. *Direito Penal do Inimigo e os Inimigos do Direito Penal*. **Revista Ultima Ratio**. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2006, ano 1, p.329-356.

GOMES, Luiz Flávio. *Direito Penal: Teoria Constitucionalista do Delito*. São Paulo: **Revista dos Tribunais**. v.3, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário (et al. org.). **Discurso e Mídia: a Cultura do Espetáculo**. São Carlos: Clara Luz, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em Representações Sociais**. 8ªed. Petrópolis: Vozes, 2003, p.89.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4.ed.Porto Alegre: Artmed, 2005.

HAAG, Carlos. **TVgrupo estuda narrativa midiática como construtora da visão geral sobre a criminalidade**. Imprensa 144. Fevereiro de 2008. Disponível em <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=3462&bd=1&pg=3&lg=>. Acesso em 20.10.2008.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Trad.Flávo R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HEGEL, Georg Wilhelm Friderich. **Princípios da Filosofia do Direito**. Trad. Orlando Viturino, Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2006.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). **Michel Pêcheux e a análise de discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

IÑIGUEZ, Lupicino (coord). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

JAKOBS, Gunther; MELIÁ, Manuel Cancio. **Direito Penal do Inimigo: noções e críticas**. 2 ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.1984.

LOPES, Sara Cristina Martins. **“Norma” e “Desvio” no Comportamento Delinquente**. Palestra Apresentada no Simpósio "Os Novos Caminhos da(s) Dependência(s)". Maio/1998. Disponível em <http://www.abmp.org.br/textos/8.htm>. Acesso em 05.07.2011

MALLIN, Mauro. **As Narrativas da Polícia e da Mídia se Alimentam: 3º Debate Sobre as Raízes da Violência**. Observatório da Imprensa. Julho de 2007. Disponível em http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id={ADA9FF4A-3253-42E0-9CEA-C087617129A8}&id_blog=4. Acesso em 21.10.2008

MOLINA, Antonio Garcia-Pablos de; GOMES, Luiz Flávio. **Criminologia: Introdução a seus fundamentos teóricos**. 5ª ed. São Paulo: revista dos tribunais, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia. Jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2ed. São Paulo: Ática, 1989.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. **Ética e Discurso Jornalístico**.Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.direitovivo.com.br> acesso em 21.04.2011 pp 8 e 10.

MAZZILLI NETO, Ranieri. **Os Caminhos do Sistema Penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MELO, Patrícia Bandeira de. **Histórias que a Mídia Conta: o Discurso sobre o Crime Violento e o Trauma Cultural do Medo**. Recife: Universitária UFPE, 2010.

MISSE, Michel. **Cinco teses equivocadas sobre criminalidade urbana no Brasil**. In *Série Estudos*, Nº 91, agosto de 1995.

MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso : análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo**. Dissertação. UFRS, 2006. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7773>. Acesso 25.04.2011.

MOURA, Mariluce. Entrevista com Diretor da Folha de São Paulo. **Revista da Fapesp**, janeiro de 2004, ed.95. Disponível em: <http://www.masteremjornalismo.org.br/entrevistas/otavio/entretavio1htm>. Acesso em 02.06.2011.

OLIVEIRA, Denize Cristina. *Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma proposta de Sistematização*. **Revista de Enfermagem**. UERJ, Rio de Janeiro, 2008 out/dez; 18(4):569-78. Versão Eletrônica disponível em <http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a19.pdf>. Acesso em 21.07.2011.

PORTÃO, Ramão Gomes. **Criminologia da Comunicação**. Santos: Traço Editora, 1980.

RAMOS, Silvia & PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência: Como os Jornais Retratam a Violência e a Segurança Pública no Brasil**. Rio de Janeiro: CESeC, 2005.

RAMOS, Silvia & PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência: Novas Tendências na Cobertura de Criminalidade e Segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RODRIGUES, José Augusto de Souza. *A economia política do medo. Discursos Sediosos: Crime, Direito e Sociedade*. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia, ano 1, número 2, pp.269-276,2 semestre, 1996.

RUBIM, Antonio Canelas. **Espetáculo, Política e Mídia**. 11º Encontro Anual da COMPÓS. Rio de Janeiro, Anais do Congresso, 2002. Versão Eletrônica disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rubim-antonio-espetaculo-politica.pdf>. Acesso em 23.08.2011.

SILVA, João Nunes da. **Sociologia da Criminalidade**. Disponível em http://srvapp01.unitins.br/arche/Arquivos/MaterialDidatico/633531273260242577apostila_sociologia_da_criminalidade.pdf. Acesso em 20.07.2011

SILVA, Géelisson Ferreira da. **Violência e Imprensa em Minas Gerais: Uma Reprodução da Sociedade Dominante?** Artigo Científico disponível em <http://www.sinteseeventos.com.br/bien/pt/papers/geelisonsilvaViolencImprensemMinasGerais.pdf>. Acesso em 05.06.2011.

SODRÉ, Muniz e PAIVA Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: editora Mauad, 2002 .p. 133 apud BARBOSA, Gabriel Collares. (Tese) **Jornalismo, Espetáculo e Desvio: Violência e**

Criminalidade na Imprensa através de estudos de caso. Disponível em www.cipedia.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=169304. Acesso em 09.06.2011

SOARES, Luis Eduardo. **Segurança tem saída.** São Paulo: Ed. Sextante. 3ª. edição, 2010

SOUZA, Robson Sávio Reis. **Mídia e Violência: o Papel da Imprensa na Segurança Pública. Fórum Nacional Segurança Pública.** Abril de 2008. Disponível em <http://www.forumseguranca.org.br/artigos/midia-e-violencia-o-papel-da-imprensa-na-seguranca-publica>. Acesso em 20.10.2008.

SOUZA, Diana de Paula. *Jornalismo e Criminalidade: a produção midiática da violência e suas implicações nas leis brasileiras.* In **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ – 5 a 9 de setembro de 2005.** Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0846-1.pdf> acesso em 05.06.2011

TAFURI, Leandro. *Mídia e espetáculo: análise do discurso em casos de crimes.* In http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2017/MIDIA%20E%20ESPE%20TACULO%20ANALISE%20DO%20DISCURSO%20EM%20CASOS%20DE%20CRIMES.pdf, acessado em 25/08/2011.

TAVARES, Juarez. **Reflexões sobre a relação “Violência e Criminalidade”.** In: BITTENCOURT, Cezar Roberto (coord). **Direito Penal no Terceiro Milênio: Estudos em Homenagem ao Prof. Francisco Muñoz Conde.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

THOMPSON, Augusto. **Quem São os Criminosos? O Crime e o Criminoso: Entes Políticos.** 2 ed. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2007.

VALENTE, Ana Carina da Costa. **Violência na Imprensa, Crime Violento na Imprensa Portuguesa: Estudo Comparativo de Dois Jornais Diários.** Dissertação de Mestrado em Psicologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009. Versão Eletrônica disponível em <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1091/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado.pdf?sequence=3>.

VIEIRA, Timoteo Madaleno *et al.* **De columbine à virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão.** Artigo Científico publicado na Revista Psicologia Reflexão e Crítica: vol.22 no.3 Porto Alegre 2009. Versão Eletrônica disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722009000300021&script=sci_arttext. Acesso em 20.08.2011

WANDSCHEER, Lisiane. **Análise da Cobertura Jornalística do Crime Organizado nos Jornais Folha de São Paulo e O Globo com base no jornalismo para a paz.** Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008. Versão eletrônica disponível em http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/7/TDE-2008-05-09T052619Z-1250/Publico/400849.pdf. Acesso em 23.08.2011

WEBER, Max. **Sociologia da Imprensa.** Texto na versão eletrônica disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ln/n55-56/a08n5556.pdf>. Acesso em 20.07.2011.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **Em Busca das Penas Perdidas.** Rio de Janeiro: Revan, 2001.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **O Inimigo no Direito Penal.** Rio de Janeiro: Revan, 2007.

TABELAS

Tabela 1 – Natureza dos Crimes

Natureza do Crime	Junho/09 (25)	Julho/09 (41)	Agosto/09 (38)	Setembro/09 (56)	Outubro/09 (69)	Novembro/09 (50)	Total (279)
Crimes Violentos	16	25	25	24	44	32	166
Crimes não-violentos	05	11	09	25	16	11	78
Não se aplica ou não houve menção	04	05	04	06	09	07	35

Tabela 2 – Crimes Noticiados

Crimes mais noticiados	Junho/09 (25)	Julho/09 (41)	Agosto/09 (38)	Setembro/09 (56)	Outubro/09 (69)	Novembro/09 (50)	Total (279)
Ameaça				02			02
"Bullying"		01	01	01			03
Corrupção		02					02
Crime Organizado		02					02
Crimes Cibernéticos			01				01
Dano			01	01	02	01	04
Desacato			02				02
Drogas	01	00	04	14	03	03	25
Embriaguez CTB	01	01			01		05
Estelionato/ Fraude/ Falsificações		02	01		02	02	07
Estupro	03	00			02		05
Exercício ilegal da medicina		02					02
Extorsão				01			01
Facilitação de fuga/fuga			01		01		02
Furto	02	01	02		06	02	18
Homicídio/tentativa	07	08	07	12	20	19	73
Lesão Corporal		02	02		02	01	08
Maus-tratos	01						01
Pedofilia/abuso sexual		02	04	02		01	09
Porte de arma				02	01	01	04
Receptação						02	02
Rixa		01					01
Roubo	04	10	10		20	12	65
Sequestro-relâmpago		01	02	01			04
Tortura e Abuso de poder		01					01
Não se aplica ou não houve menção	06	05		05	09	06	26

Tabela 3 – Estratégias de Punição

Estratégias de Punição	Junho/09 (25)	Julho/09 (41)	Agosto/09 (38)	Setembro/09 (56)	Outubro/09 (69)	Novembro/09 (50)	Total (279)
Prisão	06	18	11	17	14	16	82
Medidas Adm. Preventivas	01	02	06	16	25	06	56
Medidas Cautelares	05	02		02		01	10
Não se aplica ou não houve menção	12	19	21	21	30	27	131

Tabela 4 – Referência a Policiais

Balconista					01		01
Catador de lixo					01		01
Comerciante/empresário		02	04	10	15	08	39
Cozinheira					01		01
Desempregado				01	01	02	04
Desocupado					01		01
Dona de casa	01		01	01		01	04
Eletricista					01		01
Empregada doméstica			01		01		02
Estudante	01	02	04	01	05	04	17
Flanelinha				01			01
Funcionário Público						01	01
Garçon			01	01			02
Gari			01				01
Jornalista			04				04
Juiz							
Lanterneiro					01		01
Lavadeira					01		01
Lavador de carros						01	01
Marchante	01					01	02
Mecânico	01					01	02
Mototaxista				01		01	02
Operador de Máquinas				02			02
Pastor	01				01		02
Pedreiro	02		01	01		01	05
Pintor						01	01
Policial	01		01			02	04
Professor		01	03				04
Senador				02			02
Seresteira					01		01
Taxista			01		01		02
Topografo			01				01
Vendedor					02		02
Vigilante					02		02

Tabela 09 - Elementos identificadores da vítima (residência-bairro)

Residência-Bairro (Total de notícias que mencionaram)	Junho/09 (09)	Julho/09 (05)	Agosto/09 (09)	Setembro/09 (14)	Outubro/09 (33)	Novembro/09 (26)	Total (96)
Alto Branco	01						01
Bodocongó		01		01	02	02	06
Catingueira	01			01		01	03
Católé		02	02	01			06
Centenário					03	02	05
Centro					05	01	06
Cinza	01						01
Cruzeiro					01		01
Dinâmica	01					01	02
Distrito Industrial				01			01
Glória						02	02
Itararé					01		01
Jardim Borborema					01		01
Jardim Paulistano					01	01	02
Jardim Quarenta					01	01	02
Jeremias				01	01	01	03
José Pinheiro	01	01	01	01		01	05
Ligeiro					01	01	02
Malvinas				01	01		02
Monte Castelo	02			01		01	04
Monte Santo	01				01		02
Mutirão					01	01	02
Nova Brasília	01		01				02
Palmeira			01	01	01	01	04
Pedregal					01		01
Prata						01	01
Presidente				01	01		02

Médici							
Ramadinha II		01		01		03	05
Rosa Mística			01	01			01
Santo Antonio			01	01		01	03
Santa Rosa	01	02		02			05
São José da Mata				03			03
Tambor				01		01	02
Velame				01			01
Vila Cabral de Santa Terezinha		01	01	01		01	04

Tabela 10 – Identificação do Acusado

Acusado	Junho/09 (25)	Julho/09 (41)	Agosto/09 (38)	Setembro/09 (56)	Outubro/09 (69)	Novembro/09 (50)	Total (279)
Identificado	05	18	18	26	18	14	99
Não-Identificado	14	16	13	27	41	24	135
Não se aplica	06	07	07	03	10	12	45

Tabela 11 – Elementos de identificação do acusado (gênero e idade)

Elementos de identificação do acusado	Junho/09 (05)	Julho/09 (18)	Agosto/09 (38)	Setembro/09 (26)	Outubro/09 (18)	Novembro/09 (14)	Total (119)
Nome (total)	05	18	10	20	16	14	
Gênero Masculino	03	16	19	24	13	12	87
Gênero Feminino	02	02	02	04	03	02	18
Idade M F: 0-18	02	01	01	03	01	02	10
Idade M F: 19-59	00	16	10	14	13	14	67
Idade M F: 60...	00	01	01	00			02

Tabela 12 – Elementos de identificação do acusado (profissão)

Profissão (total de notícias que mencionaram)	Junho/09 (02)	Julho/09 (11)	Agosto/09 (08)	Setembro/09 (10)	Outubro/09 (10)	Novembro/09 (13)	Total (54)
"Desocupado"			01		01	01	03
"Presidiário"			01	03	02	04	10
Borracheiro					01		01
Carroceiro						01	01
Cabelereiro				01			01
Desempregado						01	01
Dona de casa	01	01	02		01	02	07
Eletricista					01		01
Empresário			01	02			03
Engenheiro			01				01
Estudante		02					02
Gesseiro			01				01
Juiz		02					02
Mototaxista				01			01
Motorista	01				01		02
Pastor			01				01
Pedreiro		01			01	02	04
Pintor		01					01
Policial		03		01			04
Sacoleiro				01			01
Serralheiro				01			01
Vendedor		01			01		02
Vigilante						01	01
Taxista					01		01

Tabela 13 – Elementos de identificação do acusado (residência-bairro)

Residência (total de notícias que mencionaram)	Junho/09 (02)	Julho/09 (03)	Agosto/09 (06)	Setembro/09 (08)	Outubro/09 (10)	Novembro/09 (07)	Total (36)
Bodocongó				01			01
Catingueira						01	01
Centenário					01		01
Distrito São José da Mata			01				01
Galante				01			01
Jardim Continental			01			01	02
Jardim Paulistano					01		01
Jardim Quarenta			01				01
José Pinheiro	01			02	03	03	09
Liberdade		01	01	01			03
Malvinas			01				01
Monte Santo						01	01
Monte Castelo	01						01
Pedregal		01		01	01		03
Ramadinha						01	01
Ressurreição			01				01
Santa Rosa		01		01	03		05
Tambor				01	01		02